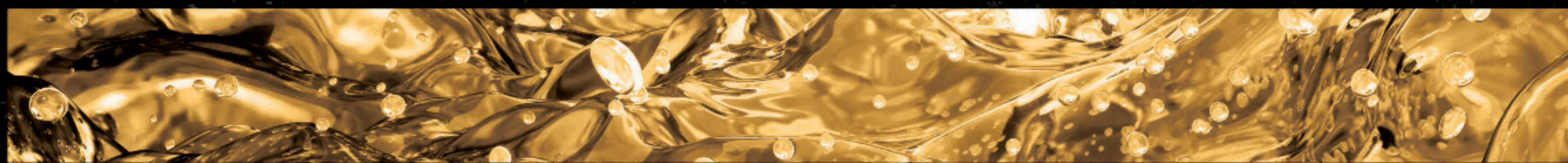
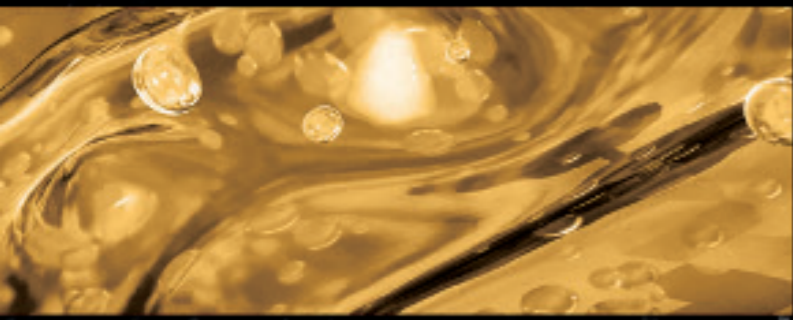
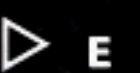
Abril
Editora ABRIL
edição 2782 - ano 55 - nº 12
30 de março de 2022
veja
www.veja.com
CASAMENTO DE
CONVENIÊNCIA
A entrada de Geraldo Alckmin no PSB abre uma nova etapa da corrida presidencial ao aproximar
o ex-tucano da vaga de vice de Lula. Mas a parceria entre velhos rivais acumula contradições,
divergências regionais e dúvidas sobre o seu real impacto na eleição

fit
GASOLINA COMUM
ETANOL COMUM
GASOLINA COMUM
GASOLINA ADITIVADA
POSTO BRASIL
SUPERIORIDADE
PARA ENCARAR
O DIA-A-DIA.

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno França Ribeiro, Diogo Vassao Magri, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Caio Sartori Gavazza, Carolina Barbosa da Silva, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Kamille Maria Viola de Azevedo Cunha, Paula Freitas Monteiro Autran, Ricardo Antonio Casadei Chapola, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Eduarda Gomes Silva, Eric Cavasani Vechi, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

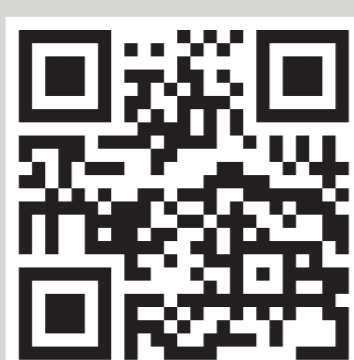
www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 782 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 12. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

VANDERLEI ALMEIDA/AFP

EX-INIMIGOS
Alckmin em capa de VEJA em 2006 e no debate com Lula no mesmo ano: ambos agora devem marchar juntos nas eleições

TEMPORADA DE DEFINIÇÕES

AINDA QUE AS PESQUISAS para a sucessão presidencial indiquem Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro numa folgada dianteira contra os adversários, ambos sabem que dormir sob os louros do favoritismo, numa eleição dessa magnitude, pode ser fatal. O mesmo, aliás, vale para candidatos aos governos estaduais e parlamentares ou aspirantes

a entrar no Congresso. Na política brasileira, não existem posição confortável e popularidade permanente. Estamos a menos de sete meses da votação, é verdade, mas isso representa uma eternidade para os voláteis padrões da corrida eleitoral. Viradas surpreendentes costumam ocorrer, nomes desconhecidos podem atropelar na última semana (o mais recente foi Wilson Witzel na disputa para governador do Rio) e favoritos deixam essa condição privilegiada por uma declaração desastrada (Ciro Gomes em 2002). É importante lembrar, por sinal, que o curso dos dois últimos pleitos foi alterado pelo imponderável, por incidentes terrivelmente trágicos: a queda do avião de Eduardo Campos, em 2014, e o atentado contra Bolsonaro, em 2018.

Nessa disputa, tão sujeita a imprevistos de toda sorte, no entanto, há etapas essenciais, ciclos que simbolizam um novo estágio dessa corrida. Neste momento, estamos adentrando num deles. Na semana que vem, pelas regras vigentes, governadores e ministros que vão concorrer precisam deixar o cargo que ocupam. No mesmo prazo, será fechada a janela para o vaivém partidário. Com isso, consolidam-se alianças, nomes de candidatos e o tabuleiro do jogo político daqui para a frente ganha um formato mais definitivo. No capítulo de acordos partidários, aliás, recebeu merecido destaque nos últimos dias a oficialização do ingresso do ex-governador Geraldo Alckmin no PSB, passo crucial para garantir sua entrada na posição de vice na chapa de Lula. A dupla precisa ser ratificada na convenção

do PT, marcada para abril, mas hoje até os críticos de Alckmin dão a fatura como liquidada.

Poucas vezes na história, vale ressaltar, assistimos a uma inversão tão abrupta de papéis. O ex-tucano e o petista sempre foram ferozes adversários, chegando a disputar o segundo turno da eleição presidencial em 2006, com caneladas de parte a parte. Ao longo dos últimos anos, continuaram trocando duras avaliações, tanto no campo econômico quanto nas denúncias de corrupção. Desde o fim do ano passado, porém, ambos começaram a ensaiar um casamento de conveniência, algo que parecia absolutamente improvável até recentemente. Na reportagem "Aliança de ocasião", os repórteres Bruno Ribeiro, João Pedroso de Campos e Reynal-

do Turollo relatam os bastidores dessa articulação, contam quais são os problemas ainda não superados e projetam como se dará a participação de Alckmin na campanha de Lula. Pelo lado petista, o "projeto Alckmin" foi concebido para aproximar a candidatura do ex-presidente do centro político. Para o ex-tucano, é a chance de voltar ao jogo nacional, depois do vexame de 2018, quando obteve apenas 4,8% dos votos, o pior resultado na história do PSDB. Difícil saber se essa improvável aliança vai funcionar. O certo é que ela materializa uma nova — e fundamental — fase da jornada eleitoral: a temporada de definições. ■

GEOFFROY VAN DER HASSELT/AF

O RISCO DOS EXTREMOS

Ao defender a racionalidade, o psicólogo canadense Steven Pinker critica o radicalismo político à esquerda e à direita e atribui às redes sociais a culpa pela disseminação de notícias falsas

ANDRÉ SOLLITTO

UM DOS MAIS influentes divulgadores científicos da atualidade, o psicólogo e teórico evolucionista Steven Pinker, de 67 anos, se debruçou sobre um dilema que afeta a vida de todos nós. A humanidade, ao mesmo tempo que é capaz de feitos incríveis, como o desenvolvimento da vacina contra a Covid-19 em menos de um ano, parece regredir no tempo ao acreditar em falsas curas, espalhar mentiras nas redes sociais e voltar à guerra após décadas de paz. Como isso é possível? O resultado de sua análise está em *Racionalidade — O que É, por que Parece Estar em Falta e por que É Importante* (Intrínseca), que acaba de chegar ao Brasil. Segundo Pinker, as pessoas naturalmente acreditam naquilo que as faz se sentir melhor, nem que para isso tenham de negar a pandemia ou os efeitos nefastos das mudanças climáticas. Na entrevista a seguir, o pesquisador canadense analisa os perigos da irracionalidade para a sobrevivência da própria espécie humana, fala sobre a terrível contribuição das redes sociais na disseminação de notícias falsas e aponta o dedo para os riscos que o radicalismo político, tanto à esquerda quanto à direita, pode trazer para o debate racional.

Faz sentido temer que a invasão da Ucrânia pela Rússia se transforme na III Guerra Mundial? As pessoas deveriam mesmo estar razoavelmente preocupadas com a situação, porque ela representa um perigo enorme. É uma grande quebra da tendência de paz dos últimos 75 anos. É, afinal, o primeiro conflito bélico entre países da Europa desde o fim

da II Guerra, tirando a invasão da Hungria, em 1956, pela União Soviética. Se a Rússia anexar a Ucrânia, seria a primeira vez que um Estado reconhecido globalmente deixaria de existir por meio de uma conquista desde os anos 1940. Também é primeira grande guerra entre países fora do Oriente Médio e da África.

É possível explicar a invasão de forma racional, como tentam fazer alguns analistas? Eu não acho que se trata de um conflito relacionado à segurança. A Rússia não tem realmente medo de ser invadida pela Ucrânia ou por países-membros da Otan. Isso nos leva a Vladimir Putin, que claramente é o responsável. Se fosse outra pessoa comandando a Rússia, provavelmente essa guerra não teria acontecido. Mas há um padrão, e podemos identificá-lo a partir de uma perspectiva histórica, de líderes narcisistas,

“As redes sociais merecem parte da culpa pela desinformação. Nelas, as ideias mais populares não são aquelas comprometidas com a verdade, mas as mais empolgantes”

sem empatia, que têm o desejo de poder ilimitado, glória, influência e prestígio.

A sociedade não deveria criar barreiras para frear o ímpeto de líderes desse tipo? Nos sistemas políticos bem desenvolvidos, há garantias para impedir que pessoas com essa personalidade tomem conta do país. Claramente, nem sempre funcionam, e elas certamente não são usadas na Rússia. O resultado é uma única pessoa tomando decisões que podem levar a milhares de mortes. O exemplo de Putin mostra como os objetivos de alguns líderes podem não ser materiais, como território ou recursos. Putin sacrificou tudo em favor de prestígio.

O que poderia evitar esse tipo de situação? Idealmente, teríamos um sistema internacional, com a participação da ONU e de outras organizações globais, com leis e normas criadas para impedir que o desejo por poder ou prestígio se transforme em guerra. Obviamente, não foi o que aconteceu. A prioridade, agora, é fazer com que a matança pare, e isso pode exigir um exame de nosso senso de honra em aceitar derrotas para impedir que mais pessoas continuem morrendo.

Deu-se uma guerra, que tirou parte da atenção global da Covid-19. E temos, agora, dois imensos problemas globais. Como explicar o comportamento ambíguo da socie-

dade na pandemia? Alguns dos impedimentos ao pensamento racional incluem intuições humanas básicas que provavelmente foram úteis ao longo da evolução mas que acabaram substituídas pela compreensão científica. Veja as vacinas. Elas consistem na introdução de um patógeno dentro do organismo. Sempre foi algo contraintuitivo, e sofreu oposição desde que surgiu. Mas as pessoas são vacinadas porque superam essa barreira intuitiva a partir da confiança na medicina, na ciência e nos governos.

O que causou essa mudança de comportamento? Vemos as pessoas voltarem a confiar em suas intuições básicas, resistindo às vacinas, porque há uma falta de confiança nas

instituições. A confiança precisa ser construída principalmente por agentes que não ajam como oráculos ou sacerdotes, ditando a verdade, mas se esforçando para mostrar porque aquilo é benéfico. Isso pode ser feito compartilhando dados e resultados para garantir que as instituições não polarizem a população ao propagandear uma inclinação, por exemplo, à esquerda, algo que os pesquisadores fazem com frequência, alienando as pessoas à direita do espectro político. Nos Estados Unidos, pelo menos, foram as pessoas alinhadas à direita que resistiram às máscaras e às vacinas.

Até que ponto podemos culpar as redes sociais pela disseminação de informações falsas? As redes sociais merecem parte da culpa pela desinformação. Uma maneira de

conquistar grandes feitos de racionalidade é criar dispositivos, organizações e instituições comprometidas com a verdade. Assim, grupos de pessoas podem conquistar realizações muito maiores do que teriam capacidade sozinhas. A ciência, as universidades, as democracias e a imprensa livre são exemplos. Nas redes sociais, no entanto, as ideias mais populares não são aquelas comprometidas com a verdade, mas as mais emocionalmente excitantes.

É possível criar mecanismos para impedir a disseminação das notícias falsas nas redes? Não se trata apenas de redes sociais. O rádio também tem um papel relevante, assim como alguns canais de TV a cabo. Nos Estados Unidos, há

emissoras tão politicamente polarizadas que se tornam promotoras, com um alcance enorme, de uma percepção ruim: só é possível acreditar naquilo que beneficia a sua coalizão política. Mas temos de combater as notícias falsas. As próprias redes sociais começaram a olhar para a questão. Deveríamos ajudar as pessoas, e isso começa nas escolas, a ser consumidoras de notícias mais conscientes e experientes.

Tem-se a impressão de que vivemos em uma guerra digital de desinformação. Mas o senhor afirma que informações falsas sempre foram usadas como ferramenta política. Certamente, não é algo novo na história da humanidade. Podemos pensar que as *fake news* e teorias da conspiração são uma nova invenção tecnológica que está criando to-

das essas mentiras. Mas é o padrão. Sempre foi assim. Basta olhar para as religiões, que são, basicamente, notícias falsas sobre fenômenos paranormais, com seus mitos e milagres. Conspirações existem desde o surgimento da linguagem. É sempre uma batalha, mas precisamos desenvolver ferramentas que nos resgatem de nossa propensão natural a acreditar em teorias falsas que nos fazem nos sentir bem.

Nesse contexto, como os espectros políticos contribuem para a disseminação de notícias falsas? Vemos comportamentos extremos dos dois lados do espectro político. Na direita, temos a disseminação de notícias falsas e teorias da conspiração feita por líderes políticos. Nos

Estados Unidos, principalmente pelo ex-presidente Donald Trump, e deixo os leitores de VEJA fazerem suas próprias comparações com a situação brasileira. Da es-

“Na direita, temos a disseminação de notícias falsas. Na esquerda, o cancelamento. Se ideias não podem ser questionadas ou expressadas, desabilitamos o mecanismo para chegar à verdade”

querda, temos a cultura de cancelamento, que pune quem expressa opiniões contrárias.

Como esses comportamentos prejudicam a busca pelo pensamento racional? Ambos os espectros são ameaças à racionalidade porque nós, como humanos, não somos deuses, nem oráculos. Só temos uma maneira de tentar alcançar a verdade: apresentar hipóteses e ideias, e depois avaliá-las, refutando aquelas que se mostram erradas. Se algumas ideias não podem nem mesmo ser expressadas, e outras não podem ser questionadas, então estamos desabilitando nosso mecanismo principal de chegar à verdade.

Há um limite para a liberdade de expressão e o discurso livre? Mesmo nos Estados Unidos, onde estamos na vanguarda da liberdade de expressão, devem existir limites. Alguns crimes são definidos por discursos e, se todo discurso for permitido, esses crimes deixarão de ser ilegais. Existem pequenas brechas que podem fornecer motivos para impor algum tipo de restrição ao discurso livre. Isso não significa que o conceito de discurso livre não é primordial, apenas que é possível identificar algumas exceções.

Como o senhor define racionalidade? É o uso de conhecimento para conquistar um objetivo.

Racionalidade e inteligência não são a mesma coisa? Não, embora sejam relacionadas. Pessoas mais inteligentes tendem a ser mais racionais, mas não de modo perfeito. Elas também podem ser vítimas de falácias e vieses, especialmente quando se trata de defender crenças morais de seu grupo.

Já ouvimos frases como "os seres humanos são irracionais". Afinal, somos racionais ou irracionais? Somos bastante racionais a respeito das necessidades práticas de nossa vida cotidiana. A maioria das pessoas consegue manter seus trabalhos, se alimentar e educar os filhos. Mas, quando se trata de crenças, digamos, cósmicas, históricas ou políticas, é aí que vemos a irracionalidade entrar em cena. Acreditamos em coisas não porque elas são verdadeiras ou falsas, mas porque elas são moralmente edificantes. Além disso, nós não somos tão racionais quanto poderíamos ou deveríamos ser. A racionalidade tende a se misturar com nosso conhecimento cotidiano, nossos sensos comuns. Podemos expor áreas da irracionalidade humana se você as desafia com argumentos vindos de dados governamentais, reportagens sérias e estudos científicos.

Como fomentar o pensamento racional na sociedade? Podemos fazer isso de várias formas. Uma delas é por meio da educação, apresentando ferramentas que não são tão intuitivas para a maioria das pessoas, como lógica, probabili-

dade e estatística, temas que considero muito mais importantes do que parte do currículo atual, como trigonometria. As normas da racionalidade deveriam fazer parte de nosso entendimento comum, como adultos, de que a mente humana é vulnerável a vieses. Isso nos levaria a trocar de opinião quando mudam as evidências e questionar as "verdades imutáveis" de nossos grupos políticos. ■

UMA ESCOLHA PARA A HISTÓRIA

O SORRISO incontido de **Ketanji Brown Jackson** e o olhar orgulhoso da filha Leila, logo atrás, emolduraram um momento histórico no Senado dos Estados Unidos: a indicação da **primeira juíza negra a integrar a Suprema Corte americana.** No primeiro dia de audiências em Washington, Ketanji, de 51 anos, nascida na capital e criada em Miami, fez questão de citar os pais, que

EVAN VUCCI/AP/IMAGEPLUS

frequentaram colégios segregados e foram professores de escolas públicas. “Eles me ensinaram que, se acreditasse em mim mesma, poderia fazer ou ser o que eu quisesse”, discursou. Formada em Harvard, atuou como defensora pública para clientes desfavorecidos e é juíza há uma década. Apesar das credenciais, viu-se no centro de um debate partidário. Ela foi indicada pelo presidente americano, o democrata Joe Biden, que prometera nomear uma juíza negra. Alguns membros da ala republicana torceram o nariz e prometeram questionamentos duros, que incluíam temas como aborto e direito às armas. “Não montaremos espetáculo, mas faremos perguntas contundentes”, disse o senador Lindsey Graham. A indicação só depende da

aprovação de metade do Senado, o que deve ocorrer com alguma tranquilidade. Com isso, Ketanji se tornará a primeira juíza negra em 233 anos de Suprema Corte. Antes dela, só dois afro-americanos chegaram lá: Thurgood Marshall, entre 1967 e 1991, e seu sucessor, Clarence Thomas, que permanece no cargo. Ela substituirá Stephen Breyer, de 83 anos, outro juiz liberal, que está se aposentando. Viva a diversidade. ■

Luiz Felipe Castro

“O OSCAR ESTÁ EVOLUINDO”

O presidente da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood trata da busca por mais diversidade e das novidades da festa que ocorre no dia 27, com exibição no Brasil pela TNT

MUDANÇAS David Rubin: streaming e voto popular nas estratégias para manter o público

GETTY IMAGES

Este ano o Oscar chega à sua 94ª edição refletindo momentos históricos. O clássico *...E o Vento Levou,* por exemplo, hoje é criticado pelo modo complacente como retratou a escravidão. Como a Academia vê essa trajetória? O Oscar é a celebração do cinema — que, por sua vez, é parte da nossa evolução cultural e social. Olhando para trás, analisamos de onde viemos, onde estamos e para onde queremos ir. Garanto que o Oscar está evoluindo, assim como a indústria e as histórias que ela escolhe contar.

O Oscar enfrenta há anos uma cobrança por maior diversidade entre os indicados. Quais ações vêm sendo feitas para responder a essa demanda? A Academia tem se

esforçado para ser mais inclusiva e representativa, mas ainda há muito trabalho a ser feito. O mais importante foi expandir o número de membros votantes, com um objetivo, em especial, de trazer diferentes vozes para a nossa liderança. Este ano temos o maior número de votantes da história: perto de 10 000 membros — e uma grande parte desses profissionais é de fora dos Estados Unidos.

Em 2022, a premiação vai reduzir as categorias apresentadas ao vivo e terá um prêmio via voto popular pelo Twitter. Por que essas mudanças? Assim que uma cerimônia acaba, analisamos o que precisa melhorar no ano seguinte. As mudanças deixarão a festa mais dinâmica e inclusiva. Faltava espaço para os fãs que celebram a arte

do cinema conosco, por isso a categoria popular. O engajamento tem sido alto.

A pandemia mudou regras do prêmio — que passou a aceitar filmes vindos do streaming. Como vê essa nova relação? Estamos cientes de que o modo como o público consome filmes mudou. O cinema foi concebido para ser uma experiência na qual estranhos se unem numa sala escura e se entregam a uma história narrada em uma tela grande. A Academia defende essa experiência única. Mas mudanças são inevitáveis e temos de acompanhá-las.

Outras premiações dos melhores do ano hoje são chamadas de "termômetros do Oscar". A Academia se preocupa que esses eventos possam estragar a surpresa das estatuetas? Na verdade, o Oscar funciona como uma validação final da temporada de prêmios. A indústria quer saber o que os nossos votantes, que são profissionais do meio, pensam. Às vezes nosso resultado repete o de outras premiações, mas as surpresas são parte da dinâmica. E não temos problemas com as demais cerimônias, pois elas ajudam a manter em alta o interesse pelo cinema. ■

Raquel Carneiro

UMA IDEIA SOLAR

VISIONÁRIO
Eugene Parker: o “disparate absoluto” foi uma descoberta genial

KIM SHIFLETT/NASA

"Um disparate absoluto." Foi assim, sem meias palavras, que o editor de uma das mais respeitadas revistas de ciência de Chicago reagiu, no fim dos anos 1950, a uma ideia do astrofísico americano **Eugene Parker.** Por meio de complexos cálculos matemáticos, ele sugeria existir um fluxo de partículas descarregadas pelo Sol conhecido como vento solar. Em 1962 a nave espacial Mariner II, da Nasa, comprovou a teoria de Parker. Nascia ali uma das lendas da heliofísica — o campo de estudos que aborda as interações do astro-rei com a Terra e o sistema solar, incluindo o clima no espaço. "Parker foi um visionário que se antecipou ao seu tempo", diz Angela Olinto, decana da Universidade de Chicago.

Não por acaso, em 2018 a Nasa lançou uma sonda batizada de Parker, que orbitou o Sol a uma distância mais próxima do que nenhuma outra nave especial jamais havia chegado. A quantidade de dados enviadas pela Parker compõe o mais extraordinário levantamento a respeito de uma zona de conhecimento, em torno da radiação solar, sobre a qual durante milênios havia apenas impressões, e quase nenhuma certeza. Ele morreu aos 94 anos, de causas não reveladas pela família, em 15 de março, em Chicago.

LUKE FRAZZA/AFP

DIPLOMACIA Madeleine Albright: secretária de Estado de 1997 a 2001, no governo democrata de Bill Clinton

HÁBIL NEGOCIADORA

Filha de refugiados checos que chegaram aos Estados Unidos em 1948, depois de terem fugido dos nazistas ao ser deflagrada a II Guerra e dos soviéticos, que ocupariam o país com o armistício, **Madeleine Albright** foi a primeira mulher a chefiar a Secretaria de Estado americana, posto encarregado das relações internacionais. Ela foi nomeada pelo presidente democrata Bill Clinton em 1997 e permaneceu na função até o início de 2001, com a posse do republicano George W. Bush. Hábil conciliadora, estudiosa dedicada, havia quem a tratasse como possível candidata à Presidência — uma impossibilidade, dado ter nascido na Checoslováquia. Albright lamentava um episódio em sua carreira diplomática: o descaso americano com o genocídio em Ruanda, em 1993, tempo no qual ela ainda trabalhava como representante dos Estados Unidos na ONU. Ela morreu em 23 de março, aos 84 anos, em Washington, de câncer.

GENETICISTA PIONEIRA

A trajetória da geneticista e naturalista **Chana Malogolowkin-Cohen** foi construída por pioneirismos. Ela foi a primeira mulher a se doutorar em história natural no Brasil, fundadora da Sociedade Brasileira de Genética, em 1955, e a primeira brasileira a publicar na reputada revista *Science*. No artigo, celebrado internacionalmente, ele revelava a descoberta de um fator que reduzia o nascimento de machos, na comparação com as fêmeas, de moscas drosófilas, comum em frutas.

Foi atalho de uma área de pesquisa destinada a controlar doenças como dengue e zika, provocadas pelo *Aedes aegypti*. Malogolowkin-Cohen morreu em 20 de março, aos 97 anos, em Tel-Aviv, Israel, de um acidente vascular cerebral. ■

FERNANDO SCHÜLER

UM LONGO CAMINHO

A DECISÃO em que o ministro Alexandre de Moraes mandou bloquear o Telegram continha dois aspectos essencialmente distintos. Um deles dizia respeito a tema da mais alta gravidade, como indícios de pornografia infantil e propaganda neonazista. São crimes tipificados na lei brasileira e devem ser combatidos com rigor. Aspecto inteiramente distinto dizia respeito, mais uma vez, ao ingresso do Estado na seara do delito de opinião. Seis das dez exigências, atendidas pela rede, bloqueavam e puniam qualquer coisa relativa a um blogueiro. Um outro item mandava bloquear um jornalista. Então temos uma situação curiosa. Algo na linha: "Estão vendo ali todos aqueles neonazistas e abusadores de crianças? O.k., então prendam o blogueiro".

Há quem não veja nenhum problema nisso. Que é papel do Estado monitorar opinião e que sem isso correríamos risco civilizatório. Há quem vá além, dizendo que nada disso é opinião, mas coisas "muito mais graves", como escutei de um bom interlocutor. Quando perguntei a ele se essas gravidades configuravam crimes, a conversa esfriou. Ele parecia não ter resposta, mas gostava da ideia de que "aqueles malucos" fossem cuspidos para fora do debate público. No Brasil de hoje fomos aceitando, devagarinho, o Estado disciplinador. Vai se tornan-

do aceitável que um ministro do Supremo mande banir ou prender um jornalista porque ele "passou do ponto". Sem disfarçar as palavras: a censura prévia voltou a correr à solta no país. Uma parte da sociedade, imersa na polarização, acha bacana. Outra parte, um pouco cansada, ou assustada, silencia.

Por vezes me surpreende que essas coisas estejam acontecendo no Brasil, 34 anos depois da promulgação da Constituição. Mas talvez não devesse. Não temos uma Magna Carta, ou um Bill of Rights, em nossa formação histórica. Getúlio Vargas aparece como herói, em filmes e livros didáticos. Saudosistas de 1964 não nos faltam. Seria mesmo estranho que alguém se importasse muito com a prisão de um ou outro blogueiro boquirroto. E ainda mais "do lado errado" do jogo político.

Só prenderam "gente irrelevante", li de um professor. A frase é reveladora. Sempre me interessei em acompanhar o destino dessa gente irrelevante. O primeiro de que me lembro foi um sujeito apelidado de "mito-show". Negro, baiano, dançarino. Um dia fez uma vaquinha, se mudou para Brasília e se meteu em manifestações contra o STF. Foi em cana. Ninguém deu bola. Em um despacho, li que ele era suspeito de "crime associativo". Em outro, suspeito de "causar animosidade entre os poderes". Na imprensa, li ser um "extremista", o que chega a ser engraçado. Pergunta sobre o enquadramento de seus crimes, nenhuma.

Depois veio uma penca de gente irrelevante. Um jornalista de Brasília, acusado de envolvimento "na preparação dos

DISCIPLINADOR Telegram bloqueado pelo Supremo: qual o papel do Estado?

atos do 7 de Setembro", ficou preso por dois meses e tanto e foi solto. Ninguém mais ouviu falar dele. Depois tivemos a censura às contas de blogueiros favoráveis ao voto impresso. "Mentirosos", na visão do TSE. Aceitamos passivamente a tese de que cabia ao tribunal dizer o que era ou não "a verdade", e mandar uma empresa cortar os pagamentos a esses brasileiros mentirosos. Depois veio um outro cidadão e seus crimes feitos de frases sobre "ameaças à democracia", à parte o imperdoável dedo médio apontado para o prédio do

RAFAEL HENRIQUE/SOPA IMAGES/GETTY IMAGES

“Há pessoas que se bateram pela liberdade de expressão e hoje se calam”

STF. A tudo isso, silenciamos. Afinal, eram apenas “blogueiros bolsonaristas”, espécie de tipo penal oculto que parece justificar qualquer coisa neste país dividido.

Foi para evitar que essas coisas acontecessem que os fundadores da República americana escreveram, na Primeira Emenda à Constituição, que “o Congresso não fará

leis restringindo a liberdade de expressão”. O objetivo era impedzir que um direito essencial à liberdade terminasse à mercê do mundo volátil da política. Sujeito a eventuais maiorias, no Legislativo, ou à interpretação subjetiva dos juízes, ao longo do tempo.

É o que vemos no Brasil de hoje. Com o detalhe de que dispensamos a lei. *Fake news,* por exemplo, não é crime no Brasil. Mesmo assim, pessoas são punidas sob alegação de *fake news.* Há um problema nisso? Lamento dizer que sim. As democracias constitucionais foram feitas precisamente para que ninguém, nem mesmo o representante da minoria das minorias, tenha seus direitos subordinados à vontade de quem detém o poder. Mesmo que esse alguém seja a mais alta autoridade da Justiça e seja movido pela melhor das intenções.

Boas intenções e a devida base jurídica nunca faltaram em qualquer episódio de censura, no curso da história. No caso brasileiro, boas razões costumam se referir a variações da ideia de "defesa da democracia". A base jurídica vem da plasticidade do direito. As "dependências do Supremo", como reza o Artigo 43 de seu regimento, são todo e qualquer lugar, não é mesmo? Quem dirá o contrário? Não se admite censura prévia. Mas se admite, certo? É assim nas democracias iliberais. Nas democracias que "morrem por dentro", como tanto se escutou nos últimos anos. Por dentro das leis infinitamente ajustadas para que os que detêm o poder produzam as consequências que desejam produzir.

O *The New York Times* escreveu um longo editorial,

por estes dias, com um título sugestivo: "Os Estados Unidos têm um problema de liberdade de expressão". Cresce a intolerância nos campi universitários, a cultura do cancelamento corre à solta e diversos estados ensaiam legislações restringindo o que pode ser dito nas salas de aula. Esquerda e direita apelam à ideia de "dano", para censurar um lado e outro. O discurso que fere valores democráticos, minorias, visões religiosas. E é aí que mora o problema. São temas sem acordo possível em uma sociedade aberta. "Não havendo definição clara do que o dano significa", diz o editorial, "as restrições se tornam arbitrárias, com efeitos desproporcionais."

A partir daí vem o medo. Nada diferente do que se passa no Brasil agora. As democracias liberais deveriam ser o lu-

gar em que os cidadãos falam sem medo. Dizem coisas por vezes insuportáveis, em um sistema que garante seus direitos. Sistema que, por definição, reconhece a existência de pessoas irrelevantes. Tudo isso se tornou um tanto nublado nos dias que correm. Não canso de observar pessoas que durante muito tempo se bateram pela liberdade de expressão e hoje se calam. Um tema que parecia resolvido se tornou tóxico. Isso não deveria ser assim. Democracias inclusivas demandam uma definição clara sobre direitos. Temos ainda um longo caminho pela frente, nessa direção. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

JBS

O lucro da empresa em 2021 foi de 20,5 bilhões de reais, o melhor resultado da companhia em toda a sua história.

ANDY WARHOL

O documentário sobre o artista americano (1928-1987) é um sucesso na Netflix e seus retratos de Marilyn Monroe podem atingir até 1 bilhão de reais em um leilão.

MANCHESTER CITY

Ao faturar 644,9 milhões de euros na temporada 2020-2021, o time inglês assumiu pela primeira vez o topo do ranking dos clubes mais valiosos do mundo.

DESCE

DELTAN DALLAGNOL

O ex-chefe da Lava-Jato em Curitiba foi condenado pelo STJ a pagar uma indenização de 75 000 reais ao ex-presidente Lula pelo PowerPoint no qual colocava o petista no centro de um esquema de corrupção. Cabe recurso.

DÓLAR

Pela primeira vez em nove meses, a moeda americana fechou abaixo de 5 reais.

NEYMAR

Contratado a peso de ouro pelo PSG em 2017, caiu em desgraça na França devido à performance pífia no campo e pelos atos irresponsáveis fora dele.

Edição: **LIZIA BYDLOWSKI**

“Nunca gostei de envelhecer. Todas essas dores e desafios do cotidiano me deixam paralisado.”

ALAIN DELON, galã do cinema francês hoje com 86 anos, ao confirmar que pretende apelar para o suicídio assistido. A prática é permitida na Suíça, onde mora

LAURENT VITEUR/GETTY IMAGES

“O que sempre quisemos foi fazer com que vocês se sentissem exatamente como nós.”

JAIR BOLSONARO, presidente empenhado em fazer com que índio deixe de ser índio, na surreal cerimônia em que recebeu — de cocar — a medalha do Mérito Indigenista

“Eu não sou fantoche de ninguém.”

ALBERTO FERNÁNDEZ, presidente da Argentina, em recado à vice, Cristina Kirchner, que o colocou na cabeça da chapa e com quem agora está em aberta rota de colisão

“Denunciar a ditadura não é fácil, mas continuar calado e defender o indefensável é impossível.”

ARTURO MCFIELDS, embaixador da Nicarágua na OEA, ao tomar a palavra e, de surpresa, renunciar ao cargo e se posicionar contra os abusos antidemocráticos do presidente Daniel Ortega

“Não se registrou nenhum indício de que ivermectina seja clinicamente útil.”

EDWARD MILLS, pesquisador-chefe do maior estudo sobre o uso do antiparasitário no tratamento de pessoas com Covid. Ao contrário do que insistem os antivacina, nos 1400 casos pesquisados a substância teve tanto efeito quanto o placebo, ou seja, zero

“Foram autenticados por pessoas familiarizadas com eles e com a investigação.”

NEW YORK TIMES, reconhecendo, em frase escondida no meio de uma reportagem, a veracidade de e-mails de Hunter Biden, filho do presidente, encontrados em um laptop abandonado. As mensagens apareceram no meio da campanha e o jornal sempre duvidou de que fossem verdadeiras

“Ele, na Califórnia, vem dizer a nós, que moramos aqui, o que é ou não verdade?”

VADIM GIGIN, apresentador da TV russa pró-governo, reagindo com fúria a um vídeo dirigido aos russos em que Arnold Schwarzenegger fala da campanha oficial de desinformação na guerra da Ucrânia

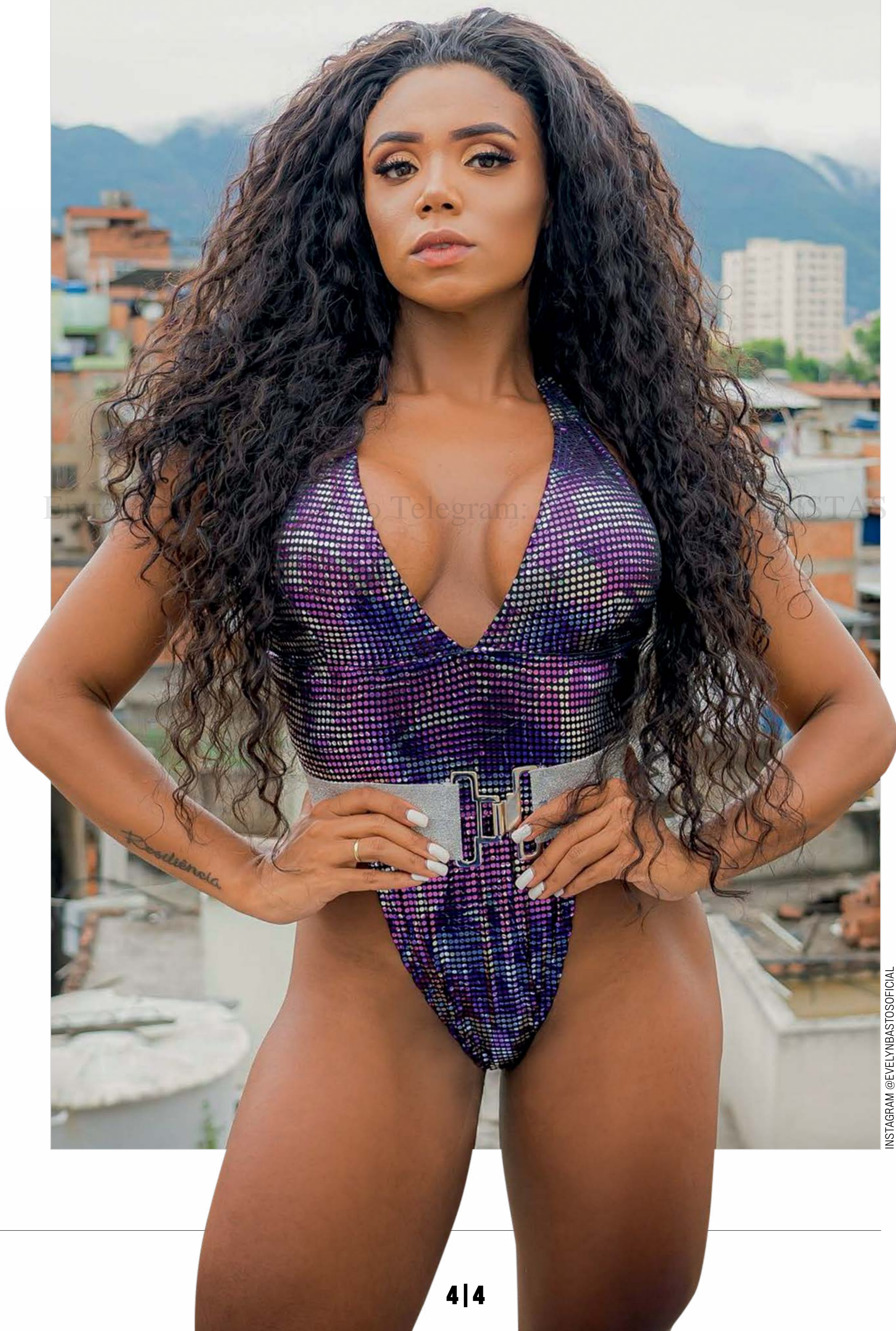
“Estive junto com este homem sessenta anos. Nos aturamos, nos encontramos, nos desencontramos, nos perdoamos, nos buscamos. Houve uma cumplicidade que não sei explicar.”

FERNANDA MONTENEGRO, atriz, falando do marido, Fernando Torres, “o amor da minha vida”, morto em 2008

“Sei que Ash Barty, a pessoa, tem muitos sonhos a perseguir que não envolvem viajar pelo mundo e ficar longe de casa e da família.”

ASHLEIGH BARTY, tenista australiana, número 1 no ranking feminino, ao anunciar via redes sociais que decidiu abandonar as quadras, aos 25 anos

“Tinta, segunda pele e tapa-sexo.”

EVELYN BASTOS, rainha de bateria da Mangueira, resumindo os ingredientes básicos de sua fantasia

INSTAGRAM @EVELYNBASTOSOFICIAL

RADAR

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Tempo de mudar

Com a gestão de Luiz Fux, no STF, entrando na reta final, a ministra **Rosa Weber** já prepara sua chegada ao comando da Corte. Sempre discreta, Rosa tem dito que sua prioridade será a defesa da Constituição e da instituição.

Ação e reação

Com a travessia do período eleitoral, a ministra vai confrontar eventuais ataques de Jair Bolsonaro ou de outros candidatos que queiram fazer palanque à custa da imagem da Corte. Nada ficará sem resposta ou ação do STF.

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

NO FRONT Rosa: a ministra se prepara para assumir o comando do STF neste ano

Time escalado

Rosa deve nomear Miguel Piazzi, ex-chefe de gabinete de Celso de Mello, para a Diretoria-Geral do STF. Na Secretaria-Geral entrará Estêvão Waterloo, que atuou com Rosa na presidência do TSE. A ministra deve formalizar os nomes da equipe até julho.

O ônus da prova

Milton Ribeiro teve linha direta com Bolsonaro todos os dias nesta crise no MEC. Só deixará o cargo se, como diz Bolsonaro, surgir "batom na cueca" nessa história de propina a pastores.

Não saio

O ministro está abalado com as acusações de corrupção. Diz que não é político e teme pela família, pela imagem na igreja, mas não vai pedir as contas.

Sou fiel

Se cair, Ribeiro já acalmou o Planalto: não sairá do MEC atirando. O temor no governo agora é com o que os dois pastores lobistas podem falar.

Livrai-nos, pai

Depois das entrevistas que deu nesta semana, Ribeiro vai submergir — e rezar para ver se a crise passa.

No altar

Lula já decidiu o que fará com o dinheiro (cerca de 100 000 reais) que ganhou de Deltan Dallagnol no STJ: vai investir no casamento com Janja.

Fogueira das vaidades

Janja, aliás, não é unanimi-

dade no PT. Gente importante diz que ela "se mete demais na política", veta conversas de Lula com quem não gosta e opina sem ter cargo no partido para isso.

Promessa é dívida

Geraldo Alckmin impressionou aliados no PSB. Depois da filiação, prometeu levar com ele ao partido outras 500 lideranças de São Paulo. A conferir.

Vamos até o fim

Num particular com Gleisi Hoffmann, Carlos Siqueira deu um recado à petista: Alessandro Molon será, sim, candidato ao Senado, no Rio.

Teve roubalheira, sim

Na vice de Lula, o PSB vai se distanciar do PT no debate sobre corrupção. Enquanto o petismo tenta apagar o passado, Carlos Siqueira pensa diferente: "Não podemos obrigar os outros, mas nós faremos nossa autocrítica".

Poucos amigos

Pelo andar das conversas com outros partidos, pedetistas já admitem: Ciro Gomes terá como vice um companheiro de PDT. Falta espaço para alianças.

Pensando grande

Nas contas de Antonio de Rueda, o União Brasil terá entre treze e quinze candidaturas a governos estaduais. O partido quer chegar a sessenta deputados na Câmara.

Volta às origens

João Doria escolheu a cidade do pai, João Agripino, na Bahia, para sua primeira via-

gem de campanha. Vai visitar a pequena Rio de Contas, a 578 quilômetros de Salvador, no início de abril.

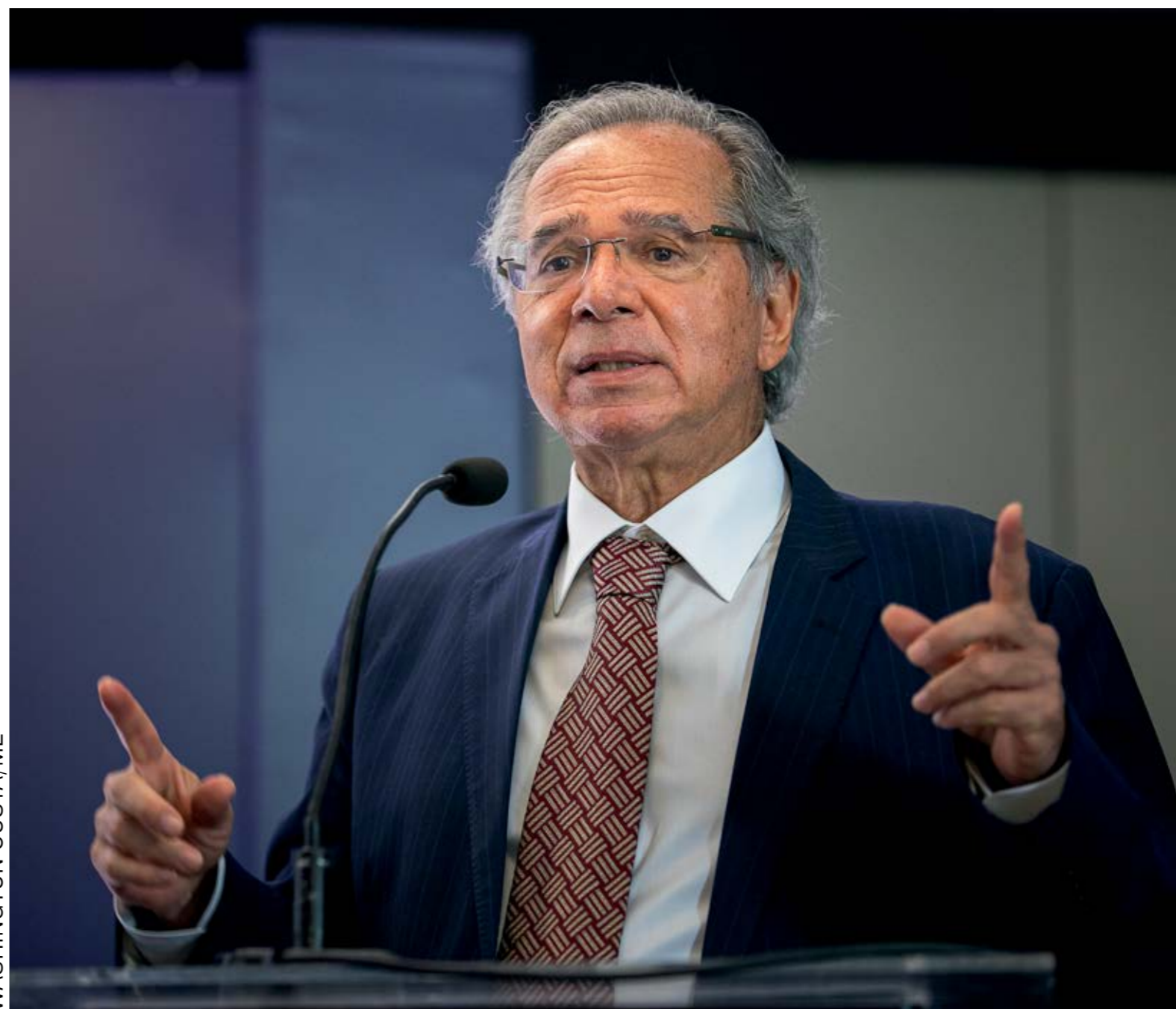
Filme queimado lá fora

Na Alemanha, Sergio Moro ouviu do líder do PV, Anton Gerhard, da base de Olaf Scholz, que o acordo comercial entre União Europeia e Mercosul não sai enquanto Bolsonaro for presidente.

Dona Encrenca

No PL de Valdemar Costa Neto, Carla Zambelli e seus seguidores já se envolveram numa guerra interna com filiados paulistas para definir "quem é bolsonarista de verdade" no partido.

Me inclua fora dessa

Paulo Guedes nega com todas as forças que queira tirar Joaquim Luna da Petrobras.

WASHINGTON COSTA/ME

TÔ FORA Guedes: o ministro diz que quer distância da crise na Petrobras

O general segue firme no cargo, apesar da fritura da base aliada de Bolsonaro no Congresso. Guedes diz que já fez seu papel na estatal ao indicar Roberto Castello Branco: "O assunto agora é com a ala política".

Segue o jogo

Bento Albuquerque, que chegou a ser consultado por Luna sobre a saída da Petrobras, nega esse risco. "O pre-

sidente já falou que qualquer um pode ser trocado no governo, mas não há nenhuma decisão no momento", diz.

O dragão agradece

Cheio de problemas na economia, Roberto Campos Neto tem se dedicado a resolver uma greve inoportuna de servidores do Banco Central. Enquanto isso, a inflação continua a subir...

Devagar, devagarinho

Rodrigo Pacheco quer votar no início de abril a reforma tributária na CCJ do Senado. No plenário, porém, ele reconhece que a novela é bem mais longa.

Tapete vermelho

Bastante dedicado ao tema, Arthur Lira quer convidar a ex-primeira-ministra alemã Angela Merkel para debater o projeto de adoção do semipresidencialismo no Brasil. Detalhe: esse novo sistema só valeria a partir de 2030.

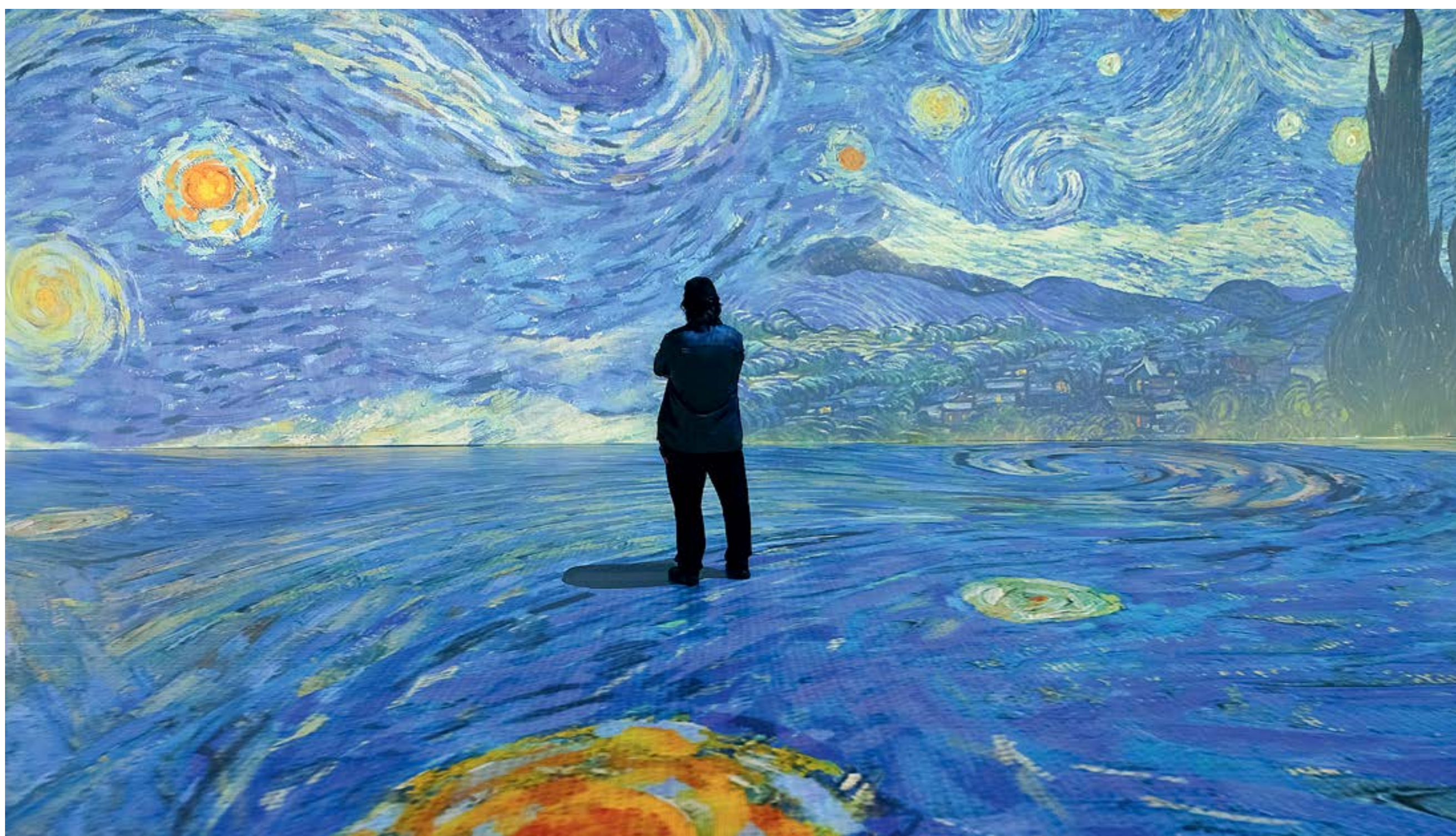
Ensaiando a despedida

Depois de finalizar a implantação do 5G no país, o próximo projeto de Fábio Faria é migrar para a iniciativa privada. Mesmo que Bolsonaro se reeleja.

A saideira

Tarcísio de Freitas fará, nos próximos dias, seu último leilão de infraestrutura na bolsa. Será o 82º como ministro.

De volta ao xilindró

Eike Batista corre o risco de voltar para a cadeia. Se a União não receber os 800 milhões de reais prometidos em sua delação (e não

MIDIORAMA/DIVULGAÇÃO

SUCESSO Van Gogh: a exposição já vendeu 50 000 ingressos em SP

pagos), Augusto Aras não perdoará o empresário.

Briga pela vaga

Entre os ministros do STF, dois advogados despontam como os nomes favoritos para substituir o ministro Carlos Velloso, no TSE: Gustavo Severo e André Callegari.

Público de Maracanã

Gigante como tudo que envolve o artista, a exposição imersiva ***Beyond Van Gogh,*** até julho no MorumbiShopping, em São Paulo, bateu os 50 000 ingressos (70 a 200 reais) vendidos antes mesmo da abertura. A receita de cerca de 3 milhões de reais, segundo os organizadores, é prova de que o setor de exposições, tão castigado na pandemia, voltou com forte demanda represada de público. ■

ALIANÇA DE OCASIÃO

A entrada de Alckmin no PSB abre nova etapa da corrida presidencial ao aproximar o ex-tucano da vaga de vice de Lula, mas a parceria entre ex-adversários acumula contradições, divergências regionais e dúvidas sobre o seu real impacto

BRUNO RIBEIRO, JOÃO PEDROSO DE CAMPOS E **REYNALDO TUROLLO JR.**

SÉRGIO DUTTI

NOVA CASA Geraldo Alckmin: após uma longa novela, o ex-tucano mostra a sua carteirinha de socialista

CAPA: FOTOS DE LUCAS LIMA/UOL/FOLHAPRESS E RICARDO STUCKERT

O ex-governador de São Paulo Márcio França (PSB) chegou no começo da noite ao apartamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em São Bernardo do Campo, na região do ABC, no começo de outubro, certo de que levava ao petista uma ideia que poderia impactar a eleição. Na sala de estar, falou amenidades sobre as famílias antes de engatar a conversa que desejava — e que, ao final, durou três horas. Começou dizendo que Lula deveria pensar, na composição de sua chapa, em um "nome da política", em oposição à ideia circulante de que deveria ser um empresário, como Luiza Trajano, na repetição da estratégia de sucesso adotada em 2002 com José Alencar. Afirmou, ainda, que o ideal era al-

guém do Sudeste, dada a importância eleitoral da região, e que tivesse características diferentes das de Lula. "Tem um nome que está disponível, que ninguém nunca pensou, mas eu vivo pensando. Acho que o senhor iria gostar porque é um cara diferente: Geraldo Alckmin", relembrou França a VEJA, deixando escapar uma risada. "Ele não demorou três segundos para falar: 'Me dá o telefone dele'."

A ideia brotou na cabeça de França há exatos seis meses, no dia 25 de setembro, quando ele, Alckmin e o ex-ministro Gilberto Kassab se reuniram em Cajamar, na Grande São Paulo. Embora boa parte da conversa tenha girado em torno da estratégia para a eleição ao Palácio dos Bandeirantes, em razão do movimento de João Doria não apoiar Alckmin no PSDB como candidato à sua sucessão, França ficou im-

ALCKMIN ATACA LULA

“Os brasileiros pensam automaticamente: ‘E o chefe, onde está o chefe, o líder dos quarenta ladrões?”

Em comício em Minas Gerais, em 2006, sobre os quarenta denunciados no mensalão

“Eu acho que o Lula é o PT. O Lula é o retrato do PT, partido envolvido em corrupção, sem compromisso com as questões de natureza ética, sem limites”

Ao comentar a denúncia do tríplex do Guarujá feita pelo MP, em 2016

“Vejam a audácia dessa turma. Depois de ter quebrado o Brasil, Lula diz que quer voltar ao poder. Ou seja, quer voltar à cena do crime”

Na convenção nacional do PSDB,
em 2017

“Acho que eles estão colhendo o que plantaram”

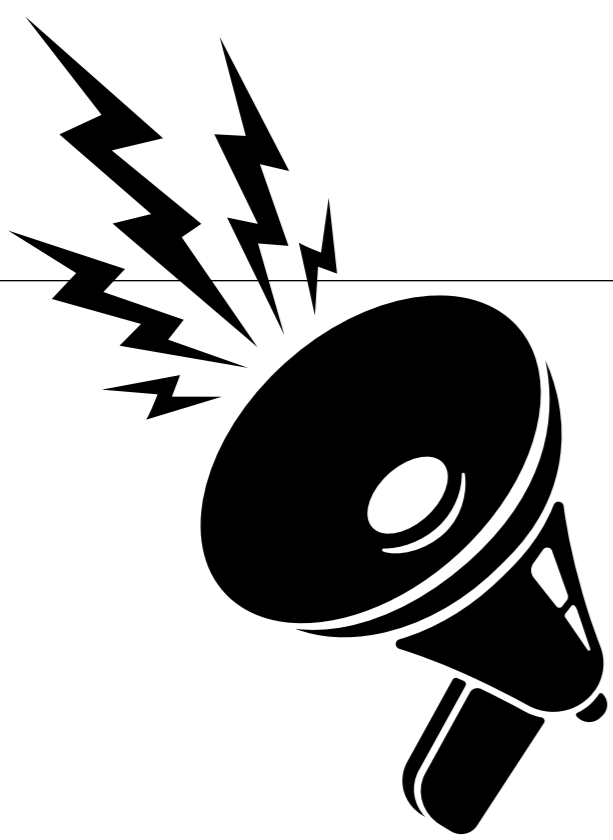
Sobre o ataque a tiros a ônibus da caravana de Lula no Paraná, em 2018

“Não é o meu partido que é comandado de dentro de um presídio. Nem minha campanha foi lançada na porta de penitenciária”

Em post no Twitter, na eleição de 2018, em resposta a Fernando Haddad (PT)

RICARDO STUCKERT

PRESENTE Alckmin e Lula: jantar do Prerrogativas tornou pública a aproximação entre petista e ex-tucano

pressionado com o tom nacional do discurso do então tucano. “Depois de ter sido candidato à Presidência, era claro que o Geraldo havia mudado a chave. Estava pensando no país, não mais no estado”, diz. Alckmin, até ali, ainda se movimentava para tentar voltar ao governo paulista, com apoio de Kassab. Mas, ao imaginá-lo em uma disputa nacional, e sabendo que o seu PSB poderia indicar o vice para Lula, França juntou as peças. Compartilhou a ideia com Fernando Haddad (PT), que imediatamente comprou o pacote: a saída de Alckmin do páreo também ajudava sua pretensão de disputar o Palácio dos Bandeirantes. França, que

LULA ATACA ALCKMIN

"O Brasil sabe muito bem quem deixou São Paulo refém do crime organizado. E os paulistas sabem quem mandou engavetar mais de sessenta CPIs"

Em 2006, sobre os ataques do PCC e a dificuldade da Assembleia para investigar Alckmin

"A única coisa que ele sabe fazer é vender coisas. Devia ser candidato a dirigir uma empresa de vender empresas estatais"

Em entrevista à Rádio Bandeirantes na eleição presidencial de 2006

“ Não é à toa que tem apelido de picolé de chuchu. É insosso, como se fosse comida sem sal. Nunca responde por nada ”

Na campanha de Alexandre Padilha (PT) ao governo, em 2014, sobre a falta de água em SP

“ Eu, quando disputei a eleição com o Serra, era uma coisa civilizada. Depois, com o Alckmin, não foi. Ele parece que mamou até os 14 anos ”

Em post no Twitter em 2017, lembrando a disputa presidencial com Alckmin

“ Esse é o retrato fiel da elite brasileira ”

Sobre Alckmin dizer que o PT colhe o que planta, após o ataque a ônibus do petista em 2018

BRUNO POLETTI/FOLHAPRESS

PASSADO Alckmin com Aécio Neves na Paulista: o hoje aliado de Lula protestou contra Dilma em 2016

também está na mesma briga, ficava no lucro também ao tirar o tucano do caminho estadual.

A partir do sinal verde de Lula, a operação se ampliou. Haddad se aproximou de Alckmin por meio de um amigo em comum, o escritor Gabriel Chalita. Eles trocaram telefonemas, mensagens e se encontraram pessoalmente algumas semanas depois, dizendo que a união representaria a reconstrução "do campo democrático" contra o presidente Jair Bolsonaro, em um ensaio do discurso para tentar justificar a aparente incoerência da aliança entre o petista e o ex-tucano, adversários históricos. Ambos, vale lembrar, tiveram

embates duríssimos nas eleições de 2006, quando disputaram o segundo turno, vencido por Lula. Mais recentemente, Alckmin engordou o coro de "fora, Dilma" na época do impeachment e não poupou Lula nos escândalos do mensalão e do petrolão. O petista, por sua vez, passou anos criticando e ridicularizando o tucano. A conveniência agora do casamento político deixou esse histórico em segundo plano. Depois de trocarem sinalizações positivas em declarações públicas, Alckmin e Lula ficaram frente a frente em dezembro no jantar organizado pelos advogados do Grupo Prerrogativas, em São Paulo. Mas a conversa definitiva só ocorreu em fevereiro, na casa de Haddad, em Moema, bairro nobre na Zona Sul da cidade, em um encontro entre o anfitrião, Lula,

Alckmin e Chalita. Selaram ali o acordo, mesmo sabendo que teriam dificuldades para viabilizá-lo em razão das previsíveis resistências de apoiadores de ambos.

Um passo decisivo para tirar do papel essa (antes improvável) aliança ocorreu na última quarta, 23, na Fundação João Mangabeira, em Brasília, quando Alckmin assinou a filiação ao PSB, após uma longa novela. Ainda sem cravar que será o vice de Lula, o ex-tucano foi aplaudido com entusiasmo pelos socialistas e petistas, cujas bancadas compareceram em peso ao evento. A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, disse que as duas legendas fariam "história". E, de fato, trata-se de uma ação com profundo simbolismo. Ao atrair um político ligado ao centro, com boa penetração na centro-direita, Lula (que hoje lidera a disputa eleitoral) man-

BRUNO ROCHA/AG. ENQUADRAR/AG.O GLOBO

O INÍCIO França, com Alckmin e Kassab: reunião em Cajamar (SP) inspirou ideia de sugerir vice a Lula

da uma mensagem de que não voltará ao Planalto numa encarnação vingativa. Ao mesmo tempo, ele afunila — e dificulta — o surgimento de um nome que possa agregar eleitores da terceira via, gente que não gosta muito dele, mas odeia ainda mais a personalidade atabalhoada, instável e, muitas vezes, antidemocrática de Bolsonaro.

No evento da semana passada, Geraldo Alckmin foi fiel a seu estilo. Em três momentos, justificou a tremenda reviravolta em sua trajetória tentando vender a tese de que o socialismo do PSB e a social-democracia de seu antigo partido "têm uma origem comum" (narrativa difícil de engolir, a começar pelo fato de que o PSB compôs o bloco de oposição ao gover-

no do PSDB de Fernando Henrique Cardoso). Sorridente, chamou os novos aliados de "companheiros e companheiras", disse se sentir em casa, distribuiu abraços e direcionou declarações para o lado social, como ao criticar o agravamento da fome. Como sempre, saiu pela tangente nas perguntas controversas. Sobre as declarações de Lula de que pretende rever o teto de gastos e a reforma trabalhista — historicamente defendidos por Alckmin —, disse confiar no diálogo e no debate e elogiou a política fiscal do petista na Presidência.

A despeito do interesse mútuo em marcharem juntos, tanto a filiação ao PSB de Alckmin quanto a concretização da aliança desse partido com o PT não vêm ocorrendo de forma tranquila. Embora o acordo nacional seja dado como certo, as siglas travam uma ferrenha batalha nos bastidores para as composições de chapas em estados do Nordeste, Sudeste e Sul, que já foi capaz de minar a proposta de formação de uma federação partidária entre as legendas, mais o PCdoB e o PV. O PT chegou a abrir mão de ter candidatos em Pernambuco e Espírito Santo, mas o impasse em torno de São Paulo mudou a conversa para a formação apenas da coligação nacional, o que só foi equacionado nas últimas semanas. Com a casa arrumada, Alckmin sentiu que poderia ir enfim para o PSB, após ter conversado também com PV, Solidariedade e PSD.

O casamento de Alckmin, PSB, Lula e PT, no entanto, ainda tem arestas a aparar. A principal, claro, está em São Paulo, onde França se recusa a abrir mão da candidatura e a

SUAMY BEYDOUN/FUTURA PRESS

PONTE Gabriel Chalita: interlocução com Haddad e Alckmin permitiu diálogo

apoiar Haddad, como gostaria Lula. Se os dois forem candidatos (que é o cenário mais provável), cria-se uma óbvia saia-justa para Alckmin: ele pode ficar afastado da disputa ou fazer campanha para França, que foi seu vice no governo entre 2015 e 2018. França argumenta que Haddad dificilmente levará a esquerda à vitória no estado, comandado há mais de duas décadas pelos tucanos, e que um desempenho ruim em São Paulo pode prejudicar Lula. Já os aliados de Haddad destacam que ele lidera com folga as pesquisas e tentam convencer França a disputar vaga no Câmara, onde teria papel de destaque em um governo Lula. Outro entrave

envolve a resistência de parte do petismo e da esquerda ao ex-tucano. Obrigados a engolir a contragosto a chapa "lulalckmin", como ela foi apelidada, esses grupos prometem continuar fazendo barulho, exigindo que Alckmin assuma bandeiras radicais do PT, o que ele certamente não fará.

Não menos problemático promete ser o embarque do ex-tucano na caravana petista. Estranho no ninho na nova turma, Alckmin costuma testar ao limite os nervos dos aliados com seu jeitão "esfinge" — nunca é muito claro nas conversas e custa a tomar uma decisão. Por outro lado, petistas mais entusiasmados encontram vantagens no perfil do ex-tucano. Por ser conservador em política e costumes (é católico fervoroso) e liberal em economia, seus aliados de esquerda defendem a ideia de que ele percorra lugares onde Lula não é bem-vindo, como o Sul e Centro-Oeste, além de focar agendas com o eleitorado evangélico, o empresariado e o agronegócio. Após as eleições, em caso de vitória da chapa, esperam que ele fique com um ministério com o qual possa continuar fazendo a interface com setores sensíveis ao petismo. Agricultura, Meio Ambiente e Indústria e Comércio são três fortes possibilidades.

Ainda que seja uma aliança de ocasião, a união entre o mandachuva petista e um expoente do "antigo PSDB" é vista por alguns políticos e analistas como a concretização de uma aproximação com 28 anos de atraso. Nos anos que antecederam as eleições de 1994, Lula e o então presidente do PSDB, Tasso Jereissati, eram cotados como uma chapa ao

ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP

DISPUTA Haddad: embate com PSB é uma das arestas na aliança com Alckmin

Palácio do Planalto, movimento de unificação da centro-esquerda no país que jamais se concretizou. Dali em diante, embora os governos FHC e Lula tenham tido entre si alguma continuidade, com estabilização da moeda e distribuição de renda, os dois partidos estiveram sempre em polos opostos até 2014. O arrebatamento da direita por Bolsonaro em 2018 limou do PSDB, mais precisamente de Alckmin, candidato tucano naquele ano, boa parte do eleitorado.

A concretização do casamento, na opinião de quem acompanha e conhece o jogo do poder, tem contornos simbólicos que vão além de possíveis dividendos eleito-

rais. “Alckmin não é a liderança arrebatadora que trará milhões de votos, mas é um sinal de que Lula não teria um governo de esquerda, mas bastante moderado”, diz Carlos Melo, professor do Insper. Em certos aspectos, a parceria remonta a complexas obras de engenharia política do passado, como a aliança entre Tancredo Neves, líder do então PMDB, oposição à ditadura, e José Sarney, que era do PDS, partido originado da Arena, na eleição indireta de 1985, e a coligação entre PSDB e PFL, também herdeiro da Arena, em 1994 e 1998. “A aliança com Alckmin lembra a Carta aos Brasileiros — ou aos banqueiros — de 2002. Lula se alia a quem lhe for conveniente, basta lembrar que foi com Haddad à casa de Paulo Maluf pedir-lhe

a benção eleitoral”, relembra o cientista político Bolívar Lamounier, referindo-se à eleição paulistana em 2012, vencida pelo petista.

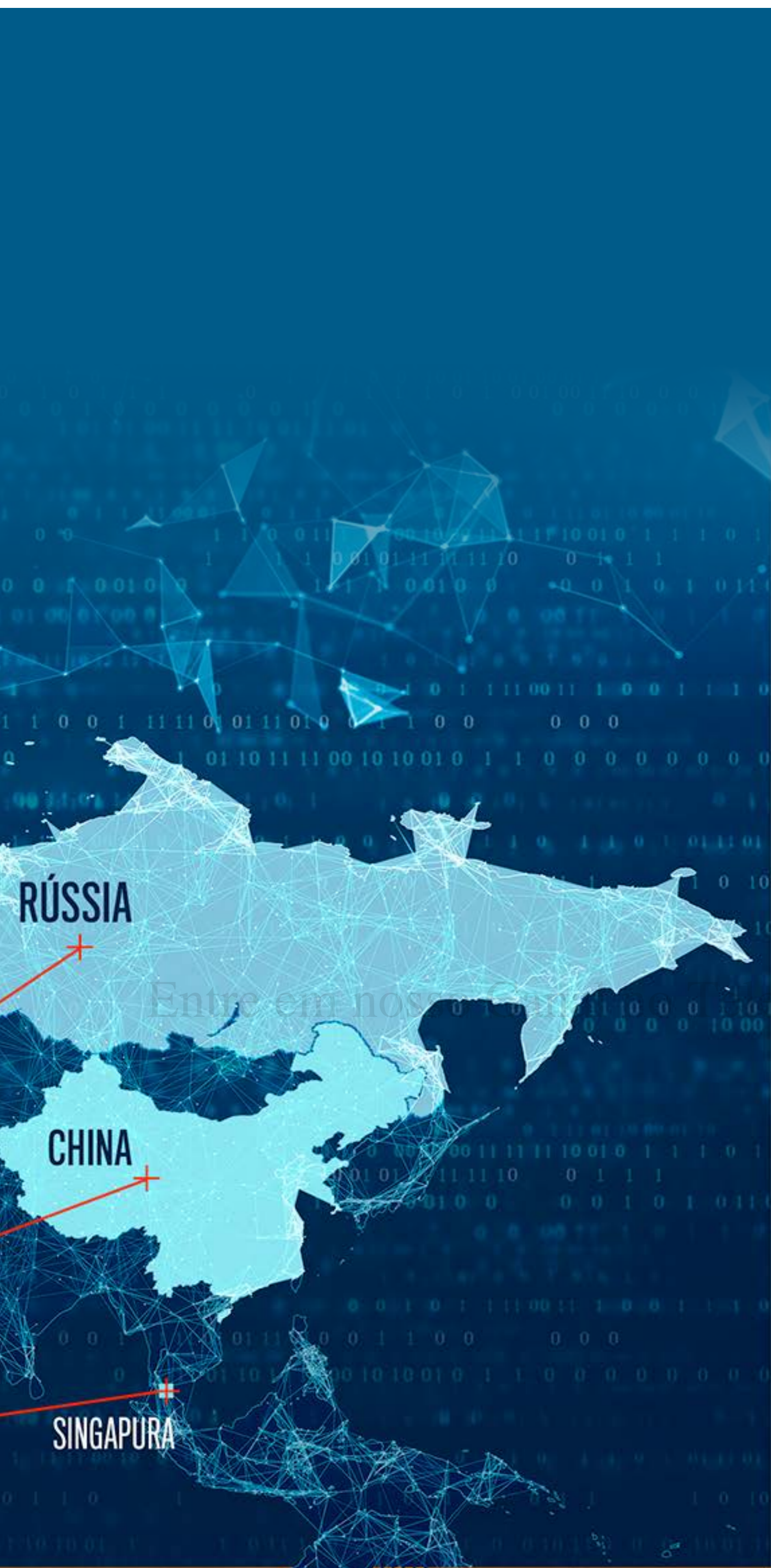
Não menos pragmático, Alckmin, por sua vez, ao fazer as contas, decidiu apostar tudo na aliança quando se viu sem alternativas melhores. Parte da sua decisão, inegavelmente, é motivada pelo ódio que nutre hoje por João Doria, a quem responsabiliza por ter sua tentativa de voltar ao governo paulista em 2022 inviabilizada, sendo preterido pelo vice Rodrigo Garcia. Apesar de ainda manter forte base eleitoral no estado, principalmente no interior, Alckmin sabia que teria poucas chances de medir forças com a máquina do Palácio dos Bandeirantes, que ele conhece tão bem (foi governador por quatro diferentes ocasiões). Numa

primeira tentativa de dar o troco em Doria, postergou sua saída do PSDB e trabalhou nos bastidores para tentar minar a candidatura presidencial dele nas prévias tucanas, mas acabou fracassando. Agora, enxerga na chapa com Lula uma nova vingança contra o governador, que também está na disputa pelo Palácio do Planalto, mas, até aqui, com poucos votos.

Enquanto se esforça para executar um "duplo twist carpado" a fim de justificar a guinada radical, Alckmin fica com o ônus de romper não apenas com o PSDB, seu partido por 33 anos, mas com a sua própria trajetória. Inegavelmente, ao fazer esse movimento, pôs também fim à forte relação construída ao longo da carreira com o eleitorado conservador que sempre o apoiou. Na divulgação que fez da filiação ao PSB em suas redes sociais, em meio aos festejos pelo ato, ele recebeu várias queixas de fãs que se sentiram traídos. Em seu movimento de tudo ou nada, o ex-tucano enxerga a oportunidade de se redimir da performance vergonhosa na eleição de 2018, quando teve 4,76% dos votos válidos, o pior resultado do partido. Ao virar fiador de uma candidatura com chances de vitória, ele espera ser reconhecido como alguém que ajudou a salvar a democracia do Brasil. Na teoria, perfeito. Na prática, a equação não é tão simples. Só em outubro, poderemos saber se o casamento entre Lula e Alckmin entrará para a história como uma manobra de mestre — ou será lembrado para sempre como um fracassado "frankenstein" político. ■

A AMEAÇA É REAL

O Tribunal Superior Eleitoral toma medidas para combater a ação dos terroristas digitais – uma turma que vem invadindo sites do governo, sequestrando dados de empresas e que pode, no pior cenário, atrasar a contagem dos votos das eleições de outubro

LARYSSA BORGES E **RAFAEL MORAES MOURA**

NO TÉRREO do edifício anexo ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na área central de Brasília, seis portas de ferro e concreto, de 30 centímetros de espessura cada uma, protegem o cofre que armazena todos os programas utilizados nas eleições. É nessa sala de 200 metros quadrados, à prova de fogo, explosão e alagamentos, que estão guardadas as informações pessoais e as impressões digitais de 118 milhões de eleitores brasileiros e — mais importante — o conjunto de computadores que, no dia 2 de outubro, data do primeiro turno, serão acionados para somar os votos dados ao futuro presidente da República, a 27 governadores, 513 deputados federais, 27 se-

nadores e 1083 deputados estaduais. Em um canto, um compartimento menor e ainda mais restrito protege as matrizes dos softwares que fazem funcionar as urnas eletrônicas, matéria-prima de uma das estapafúrdias teorias da conspiração do presidente Jair Bolsonaro.

Quem passa pelo corredor que dá acesso à sala-cofre do TSE não tem nenhum indicativo de que ali está o centro nervoso do processo eleitoral do país. É uma área tão restrita que, dos quase 900 servidores do tribunal, apenas três têm credenciais para acessar o local, que só pode ser aberto se dois deles colocarem suas digitais ao mesmo tempo no leitor óptico que destrava a primeira das seis portas. O sistema eleitoral eletrônico foi idealizado para garantir o máximo de

proteção contra qualquer tentativa de fraude, já passou por diversos testes desde que foi implantado, em 1996, e até hoje não surgiu uma única evidência de que os votos podem ser alterados para beneficiar ou prejudicar quem quer que seja ou indício de que os resultados podem ser manipulados, como acredita Bolsonaro. As urnas são seguras e eficientes. Existe, porém, uma ameaça — essa, sim, real — capaz de provocar uma enorme turbulência nas eleições de outubro.

O TSE sabe que está na iminência de enfrentar uma guerra cibernética durante os dias de votação. Os técnicos do tribunal, por exemplo, não têm dúvida de que o processo eleitoral brasileiro entrou na lista de alvos prioritários do terrorismo digital. Evidentemente, as medidas de segurança implementadas na sala-cofre garantem a segurança do sistema contra

ABDIAS PINHEIRO/SECOM/TSE

ALERTA Edson Fachin: “Há riscos de ataques cibernéticos de diversas origens, inclusive favorecidos por nações”

eventuais tentativas de sabotagem. Dezenas de códigos e chaves criptográficas também protegem as urnas de qualquer tipo de fraude. A preocupação é com a velocidade da contagem dos votos. É para comprometer o andamento desse processo que os especialistas acreditam que criminosos virtuais planejam ataques massivos e simultâneos ao site do tribunal, o que pode sobrecarregar o sistema e provocar um colapso. Se isso acontecer, o site deixaria de funcionar, paralisando o processo de totalização dos votos e, consequentemente, a divulgação dos resultados. Num ambiente que se projeta tenso e contaminado por pregações desatinadas colocando em dúvida a credibilidade e a lisura do processo eleitoral, as consequências seriam imprevisíveis.

“Há riscos de ataques cibernéticos ao TSE de diversas origens, inclusive favorecidos por nações”, disse a VEJA o presidente do tribunal, ministro Edson Fachin. “A Rússia é um exemplo dessas procedências e tem relutado em sancionar os cibercriminosos”, acrescentou. Não será a primeira vez, aliás. Nas eleições de 2020, o tribunal detectou mais de 5 milhões de acessos simultâneos ao site do tribunal, apenas no primeiro turno de votação. Eram “eleitores” requisitando a emissão de um certificado de quitação — todos acessando o sistema ao mesmo tempo, através de computadores registrados em outros países. O ataque, porém, não foi volumoso o suficiente para derrubar o sistema. Uma investigação comprovou que os criminosos usaram endereços eletrônicos localizados na China, Singapura, Suriname, Holanda, Irlanda, Finlândia e na Rússia — daí a menção do ministro Fachin ao país de Vladimir Putin.

Embora não comprometa o resultado, o ataque hacker tem potencial, sim, para provocar uma confusão de grandes proporções. Hoje, os votos de cada uma das 577 000 urnas são transmitidos pelos cartórios e tribunais regionais eleitorais dos estados (TREs), que recebem as informações e as repassam ao TSE, que faz a totalização final. Num cenário extremo, uma ofensiva bem-sucedida pode tornar indisponíveis os sites do TSE e dos 27 tribunais regionais eleitorais. Sem comunicação, seria necessário colher o resultado de cada uma das 480 000 seções eleitorais espalhadas pelo país, remeter os dados para Brasília, que somaria tudo e anunciaria o resultado final. “O tribunal tem planos de contingência para essas situações. Po-

LUCAS PRICKEN/STJ

PROCESSOS SEQUESTRADOS

A Justiça poderia ter sofrido um colapso depois que criminosos entraram no sistema do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e sequestraram 270 000 processos

demos buscar rotas alternativas para transmitir os votos depositados nas urnas. Se um ponto de transmissão estiver prejudicado por causa de hackers, levaremos os votos para outro que não esteja", afirma Giuseppe Janino, que comandou o setor de segurança do TSE por quinze anos.

O problema é que, caso isso ocorra, a apuração pode atrasar dias, criando o cenário perfeito para a proliferação de *fake news* e teorias amalucadas de conspiração. "O ataque hacker que provocasse uma queda do nosso site seria danoso? Sem sombra de dúvida que sim. É uma coisa que me tira o sono, mas trabalhamos em diversas frentes para que não

aconteça", diz o secretário de Tecnologia da Informação do TSE, Júlio Valente. Os detalhes das medidas tomadas pelo tribunal para minorar o risco do terrorismo digital são mantidos em segredo. Sabe-se, no entanto, que a principal arma de defesa é um programa que identifica em tempo real a ação de piratas cibernéticos. Com base nele, o tribunal consegue ativar e desativar determinadas ferramentas usadas pelos criminosos como porta de entrada no sistema. "O importante é que, por mais que no dia das eleições o site do TSE caia, não há risco para a integridade dos votos, que permanecem armazenados nas urnas eletrônicas", explica Valente. "Derrubar o site do TSE é um processo de tentativa de erosão da imagem das instituições eleitorais, de projetar para a população uma ideia de acefalia, de não saber nem o que fazer", adverte o ex-presidente do TSE Carlos Ayres Britto.

Invadir o site de uma instituição conhecida é considerado por certos grupos de hackers como uma conquista, um troféu que rende fama e projeção. Alguns deles querem, na verdade, ser chamados pelas próprias instituições invadidas para trabalhar na construção de um sistema que evite tais fragilidades. Para outros grupos, porém, a prática tornou-se um grande e rentável negócio. O sequestro digital, conhecido como ransomware, movimentou em todo o mundo mais de 690 milhões de dólares (3,4 bilhões de reais) só em 2020, segundo o relatório anual da plataforma Chainalysis. O cálculo leva em consideração apenas pagamentos de resgates realizados por empresas, pessoas físicas e entidades que tiveram seus sistemas invadidos. Os criminosos

WILLIAM MOREIRA/FUTURA PRESS

entram nos computadores, capturam dados sensíveis e cobram vultosas quantias para devolvê-los ou simplesmente não divulgá-los. O Brasil ocupou a quarta colocação global em número de sequestros registrados no ano passado.

PARECERES MODIFICADOS

Hacker invadiu o sistema do Tribunal Regional Federal (TRF3), acessou processos, mudou o beneficiário de indenizações e adulterou pareceres

Alguns deles foram bastante sérios. Em novembro de 2020, os e-mails dos ministros e servidores do Superior Tribunal de Justiça (STJ), em Brasília, pararam repentinamente de funcionar. Em seguida, surgiu na tela dos computadores um anúncio, em inglês, comunicando que todos os arquivos da segunda maior Corte de Justiça do país haviam sido confiscados e só seriam liberados mediante o pagamento de um

resgate de 10 milhões de reais. Por sorte, o STJ tinha backups de todos os 270 000 processos. Ainda assim, o tribunal ficou completamente paralisado durante dez dias. Até hoje a Polícia Federal não conseguiu identificar os criminosos. Sabe-se apenas que usavam um e-mail criptografado de um provedor suíço. Em outro caso, um hacker invadiu os computadores do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), roubou senhas, direcionou o pagamento de indenizações para um comparsa e adulterou processos criminais contra ele. O Centro de Prevenção, Tratamento e Resposta a Incidentes Cibernéticos do governo contabilizou 4 974 eventos relacionados a fragilidades de segurança cibernética em órgãos públicos em 2021. Desde janeiro, outros 863 incidentes suspeitos já foram notificados.

No caso mais emblemático de ataque do tipo ramsonware contra alvos brasileiros, o grupo russo que se identifica como REvil invadiu, em junho passado, as redes de computadores da JBS, a maior empresa de processamento de carnes no mundo, e paralisou operações nos Estados Unidos, Austrália e Canadá. Depois de quase dez dias de negociações sigilosas, os sistemas corrompidos foram restaurados. Para reaver os dados e garantir que informações confidenciais não caíssem nas mãos de concorrentes ou fossem tornadas públicas, a empresa pagou um resgate de 11 milhões de dólares (55 milhões de reais), o maior da história entre vítimas brasileiras. Por exigência dos sequestradores, o valor foi convertido em criptomoedas. O caso está sendo investigado pelo FBI, que, até onde se sabe, desco-

HAVOLENE VALINHOS/FOLHAPRESS

AUXÍLIO EMERGENCIAL

A Caixa Econômica Federal foi alvo de milhares de ataques durante a pandemia. A PF agora investiga um possível desvio de 1 bilhão de reais nos benefícios pagos

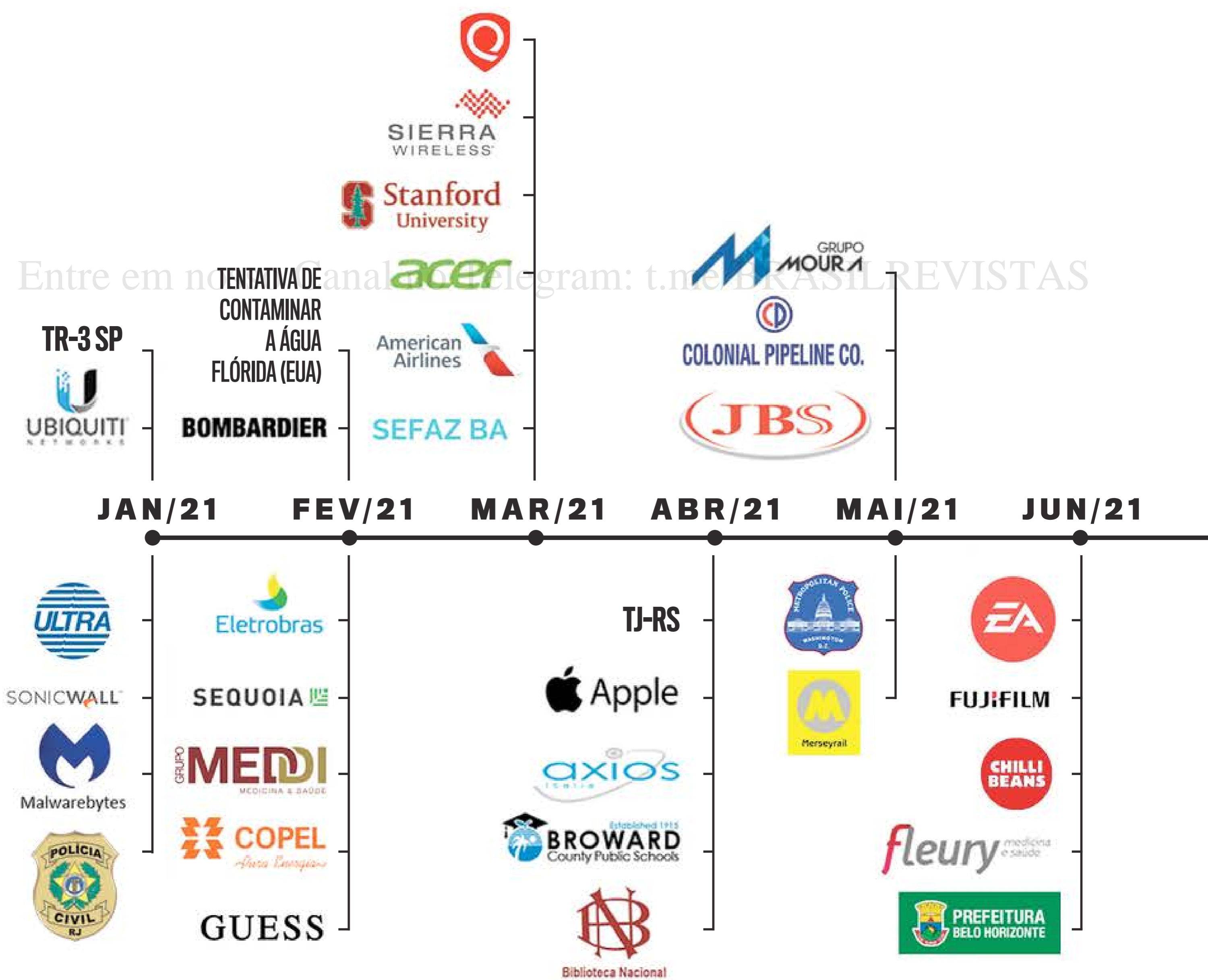
briu apenas que o criminoso também mantinha endereço na Rússia. Por receio de uma crise de imagem ou ter vulnerabilidades da marca expostas, as companhias raramente falam sobre a extensão das invasões que sofreram. O fato é que os crimes digitais, em diferentes gradações, se tornaram um problema mundial.

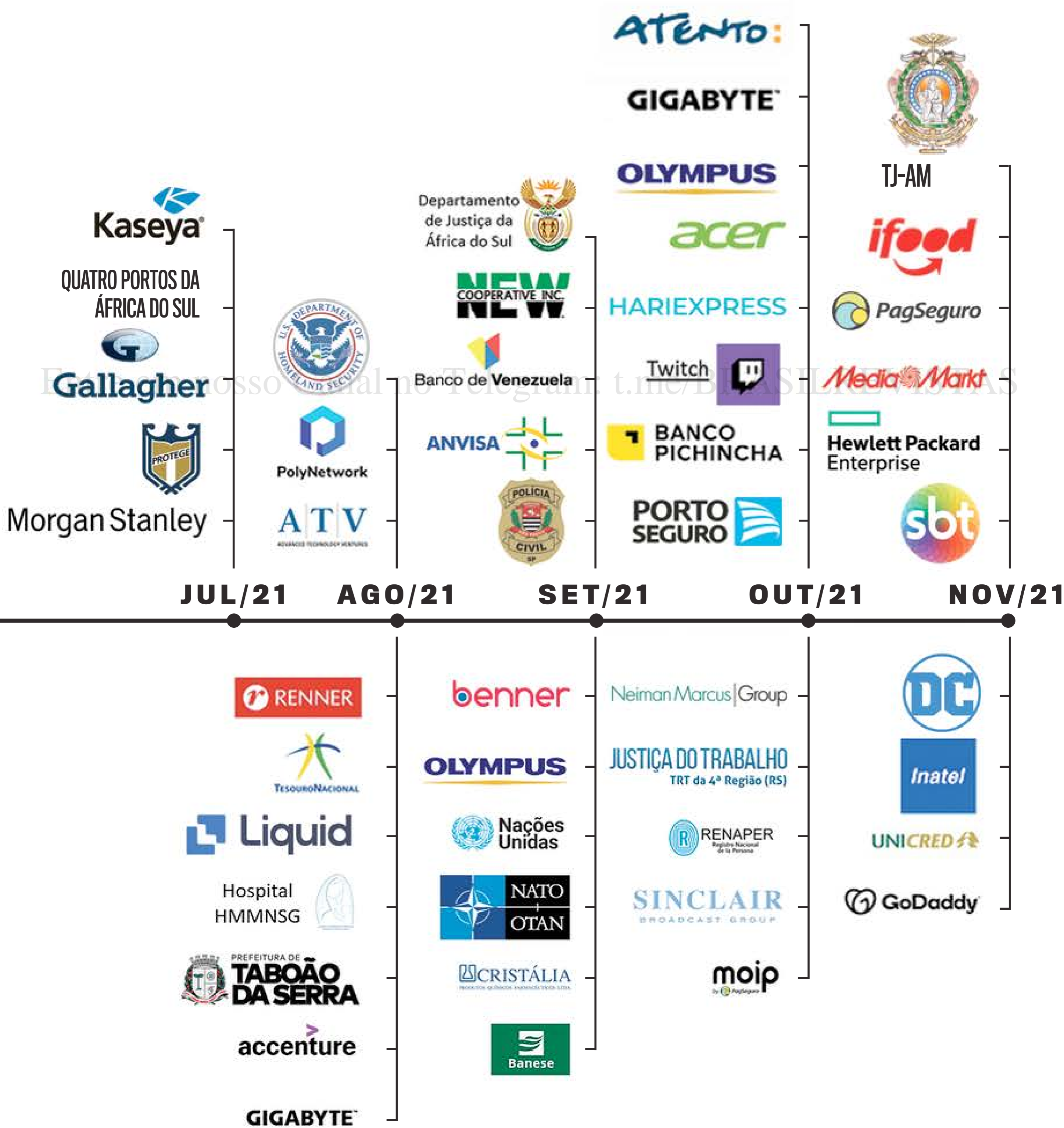
Recentemente, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, pediu aos governadores que reforçassem as medidas de segurança contra os ciberataques. Ele havia recebido informações dos serviços de Inteligência sobre tentativas de invasão dos sistemas de empresas de energia. Vale ressaltar que os americanos já sofreram ataques que colocaram em risco a segurança da po-

pulação. Em maio do ano passado, por exemplo, hackers invadiram o maior oleoduto do país, comprometendo a distribuição de combustível em toda a Costa Leste. Em outro caso, os criminosos entraram nos computadores de uma estação de tratamento de água, alteraram os programas e, por pouco, não envenenaram uma cidade inteira, adicionando soda cáustica aos reservatórios. Na Irlanda, em plena pandemia do coronavírus, sequestradores digitais se infiltraram nos sistemas de saúde, bloquearam dados de pacientes, confiscaram informações sensíveis e interromperam por semanas a realização de exames — situação que, por pouco, não aconteceu também no Brasil.

Em dezembro passado, os sistemas do Ministério da Saúde foram invadidos e ficaram doze dias fora do ar. Um grupo de hackers bloqueou o acesso a informações estratégicas sobre a pandemia e apagou estatísticas sobre a campanha de vacinação. Na mesma ação, outros vinte órgãos do governo foram atingidos, incluindo a Polícia Federal, responsável pela apuração dos crimes cibernéticos no país. Investigadores relataram a VEJA que o grupo criminoso é o mesmo que reivindicou ataques recentes às empresas Americanas, Submarino e Shoptime, corrompeu vários arquivos de segurança do governo e ainda ameaçou travar uma guerra cibernética massiva contra quem não pagasse os resgates solicitados. Por lei, as empresas listadas na bolsa de valores são obrigadas a informar aos acionistas sobre eventos dessa natureza, embora não haja a necessidade de admitir se houve ou não pagamento de resgate. A regra, porém, é o silêncio.

Dimensionado o tamanho do risco, ações importantes estão sendo tomadas. Na terça-feira 22, o Ministério da Justiça assinou um acordo de cooperação com a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) para que as instituições financeiras e a Polícia Federal trabalhem em conjunto no combate aos crimes cibernéticos, trei-

Levantamento do Instituto Brasileiro de Segurança, Proteção e Privacidade de Dados (Ibraspd) sobre ataques cibernéticos contra empresas públicas e privadas até novembro de 2021

nem equipes para o enfrentamento de hackers e promovam o intercâmbio de informações. Embora figurem entre os alvos diletos das quadrilhas, os bancos, que armazenam dados sensíveis de milhões de brasileiros, resistem em comunicar às autoridades os ataques de que são vítimas, especialmente devido ao receio, legítimo,

JEFF KOWALSKY/AFP

RESGATE MILIONÁRIO

Maior produtor de proteína animal do mundo, o grupo JBS teve seus dados sequestrados e pagou 11 milhões de dólares a uma quadrilha para devolvê-los

de colocar a própria credibilidade em risco. "É difícil uma empresa admitir publicamente um ataque hacker porque isso também é um reconhecimento de suas fragilidades, o que pode arranhar sua imagem perante os clientes", diz Alex Amorim, presidente do Instituto Brasileiro de Segurança, Proteção e Privacidade de Dados (Ibraspd). Uma investigação sigilosa da Polícia Federal, por exemplo, vem apurando o desvio do auxílio emergencial pago a famílias carentes durante a pandemia. Num dos cenários levantados, os criminosos digitais podem ter desviado até 1 bilhão de reais do benefício. A ameaça, de fato, é real. ■

O CUSTO DA REELEIÇÃO

Pesquisa mostra que o presidente conquistaria alguns milhões de votos se tomasse a vacina contra a Covid. A estratégia, porém, é outra: gastar centenas de bilhões de reais **DANIEL PEREIRA**

PACOTE Bolsonaro: aumento de gastos, redução de impostos, distribuição de benesses e intervenção nos preços

ALAN SANTOS/PR

EM SUA CAMPANHA à reeleição, Jair Bolsonaro já definiu alguns caminhos para explorar. Um deles é bem claro: ele pretende reavivar o antipetismo de parcela do eleitorado e a rejeição a figuras conhecidas do PT, especialmente Dilma Rousseff. As fragilidades da ex-presidente são conhecidas e, entre elas, destacam-se suas manobras tresloucadas na economia, um intervencionismo que deixou como legado a maior recessão de nossa história. “Nós podemos fazer o diabo quando é a hora da eleição”, declarou Dilma certa vez, reconhecendo que ela, em particular, e os governantes, em geral, recorrem a toda sorte de bondades — e até de irresponsabilidades — para conquistar um novo mandato. Bolsonaro, que em seus discursos pretende marcar diferenças

em relação aos antecessores petistas, na prática está seguindo o mesmo receituário. Em segundo lugar nas pesquisas, o presidente flexibilizou o teto de gastos para aumentar as despesas da União, vem distribuindo benesses a segmentos específicos da sociedade e, apesar da promessa de defesa da agenda liberal na economia, ensaia uma intervenção na Petrobras a fim de reduzir o valor dos combustíveis. Calcula-se que o custo total do governo na expectativa de virar o jogo já esteja na casa de pelo menos 250 bilhões de reais.

Desde o ano passado, quando o governo passou a ser reprovado por metade da população, Bolsonaro acelerou a adoção de medidas destinadas a estimular a atividade econômica e atenuar os efeitos da inflação, que fechou 2021 acima de 10% e persiste nesse patamar, consideran-

PAULO BELOTE/AGÊNCIA PETROBRAS

INTERVENÇÃO Silva e Luna: pressão para mudar a política de preços da Petrobras e reduzir o valor dos combustíveis

do o período de doze meses encerrado em fevereiro. O presidente e seus assessores concordam que ele só terá chance de ser reeleito se o PIB crescer, o desemprego cair e a carestia dos produtos e o endividamento das famílias diminuírem. Pesquisa da Quaest realizada em março mostrou que para 56% dos entrevistados a capacidade de pagar as próprias contas piorou nos últimos três meses. Para 15%, melhorou. O número ilustra o tamanho do desafio à frente do mandatário. Como faz desde o início da pandemia de Covid-19, Bolsonaro se isenta de responsabilidade pela situação e culpa, entre outros, os governadores e a aposta deles no lockdown para conter a disseminação do vírus. Como esse discurso não quita boletos nem serve comida à mesa, o ex-capitão resolveu gastar a tinta da caneta presidencial de olho na eleição de outubro.

Na segunda-feira 21, o presidente zerou o imposto de importação do etanol e de seis produtos da cesta básica, como café, açúcar e óleo de soja. Antes, já tinha reduzido em 25% o IPI de bens como carros e eletrodomésticos, repetindo uma iniciativa tomada por Dilma. Além do corte de tributos, um milagre brasileiro típico de anos eleitorais, o governo baixou medidas para injetar recursos na economia. Na quinta-feira 17, por exemplo, autorizou o pagamento antecipado do 13º salário a 30 milhões de aposentados e pensionistas do INSS e o saque de até 1 000 reais a 40 milhões de trabalhadores com saldo em suas contas de FGTS. As duas medidas juntas podem movimentar cerca de 86 bilhões de reais. O governo ainda ampliou a margem para a contratação de em-

préstimos consignados, o que, em suas estimativas otimistas, pode resultar em mais 77 bilhões de reais em crédito para pessoas físicas. A dúvida é se as famílias, já devidamente endividadas, cairão na tentação. Na seara da liberação de recursos, a ação mais eficaz até agora foi a implantação do Auxílio Brasil, que substituiu o Bolsa Família e paga um benefício duas vezes maior do que o do programa anterior.

No Palácio do Planalto, admite-se que o novo programa contribuiu de forma decisiva para que a reprovação a Bolsonaro caísse entre as pessoas que têm renda mensal de até dois salários mínimos. Nesse grupo, que representa metade do eleitorado brasileiro, a reprovação passou de 57% em fevereiro para 49% em março, de acordo com a Quaest. O presidente, que nos tempos de deputado atacava o "Bolsa-

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

SILÊNCIO Ribeiro: cautela com o ministro para não melindrar os evangélicos

Esmola", agora aposta em seu sucessor turbinado para conseguir a redenção. Não será fácil. Hoje, um dos principais motivos do mau humor do eleitorado é o preço da gasolina e do botijão de gás. Por orientação do presidente, a Advocacia-Geral da União (AGU) perguntou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) se uma eventual redução dos impostos sobre combustíveis em ano eleitoral fere a legislação e configura abuso de poder político. A ideia era conseguir um aval do TSE para agir nesse sentido. Por não caber prejulgamentos sobre condutas de agentes públicos, o TSE se recusou a analisar a questão. Restou ao presidente, então, uma alternativa mais arriscada.

Há semanas, Bolsonaro e aliados dele, como o presidente da Câmara, Arthur Lira, pressionam o comandante da Petrobras, general Joaquim Silva e Luna, a abandonar a política de preços da companhia e baixar na marra o valor da gasolina. Como ainda não conseguiram atingir esse objetivo, o presidente e seus assessores cogitam demitir Silva e Luna e submeter a petrolífera ao projeto de reeleição. O Centrão já está pronto para escolher o eventual sucessor e, obviamente, realizar o serviço demandado pelo chefe. "Não querem reduzir o preço dos combustíveis porque vai reduzir o salário deles", disse Bolsonaro num ataque frontal aos diretores da empresa.

Integrante da coordenação de campanha do presidente,

o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, nega que as ações do governo tenham motivação eleitoral. "O grande diferencial deste governo é que ele não faz tudo pensando nas eleições. Se fizesse, não tinha tornado o Banco Central independente", declarou a VEJA o ministro. "Bolsonaro vai ser reeleito por uma combinação de fatores, como estabilidade, respeito ao teto de gastos e credibilidade", acrescentou. Por via das dúvidas, a coordenação da campanha encomendou uma pesquisa qualitativa para ajudar na tomada de decisões. Foi detectado, por exemplo, que o eleitor não credita ao governo a independência do Banco Central, a criação do Pix e a compra e distribuição de vacinas contra a Covid-19. Nas redes sociais, já existe até um esforço para fazer do Pix um novo trunfo na estratégia eleitoral do presidente.

A pesquisa qualitativa também descobriu que, caso Bolsonaro se vacinasse contra a Covid-19 num evento público, ele poderia ganhar 5 pontos porcentuais em intenções de voto. Hoje, ele tem 26%, segundo a Quaest, enquanto Lula marca 44%. O presidente ainda não aceitou essa sugestão (nem deve fazê-lo), mas parou de dar declarações contrárias à obrigatoriedade de vacinação em geral e à imunização de crianças. Assim, deixou de lado uma agenda que, conforme seus próprios aliados, era negativa e só gerava desgaste. Além da prioridade à pauta positiva decorrente de um pacote de medidas econômicas, Bolsonaro não descuida das alianças políticas. Mesmo com as sérias restrições de caixa, ele sancionou a decisão do Congresso de aprovar 16 bilhões de reais este ano para o chamado orçamento secreto, que serão usados por sua base de apoio em

RUY BARON/BARONIMAGENS

TRUNFO Ciro: esforço nas redes sociais para capturar a boa imagem do Pix

seus respectivos redutos eleitorais. A dinheirama significa uma vantagem competitiva com relação à oposição, que raramente é contemplada por esses recursos.

Em paralelo, o presidente também continua a afagar os evangélicos, uma de suas principais bases de apoio. No ano passado, ele indicou o advogado e pastor presbiteriano André Mendonça para o Supremo Tribunal Federal com o objetivo, como o próprio Bolsonaro admitiu, de colocar alguém "terrivelmente evangélico" na Corte. Já nesta semana, o presidente não proferiu uma palavra sequer de admoestação ao ministro da Educação, Milton Ribeiro, também evangélico, que permitiu que dois pastores sem vínculo com a administração pública intermediassem a liberação de recur-

sos da pasta para prefeituras. Ao jornal *O Estado de S. Paulo,* um dos prefeitos disse que um dos pastores lhe pediu dinheiro e ouro para cuidar da demanda por recursos. Até o fechamento desta edição, o presidente não havia cobrado publicamente o ministro, que negou qualquer irregularidade e continuava prestigiado. Em ano de eleição, a fé e o silêncio — assim como a distribuição irrefreada de dinheiro — também têm o seu valor. ■

ALON FEUERWERKER

A VAGA EM DISPUTA

A terceira via continua presa na armadilha que ela mesmo criou

AS POSSIBILIDADES eleitorais de Jair Bolsonaro estão bastante vinculadas à sensibilidade popular sobre a economia. Qual é o risco principal para o presidente? Um repique inflacionário provocado pelos efeitos globais da crise russo-ucraniana. Isso levaria o Banco Central a um reaperto na política monetária e chegaríamos às eleições com a atividade em provável retração ou estagnação.

E com a possibilidade real de uma combinação momentânea de pasmaceira econômica e forte pressão nos preços. Um cenário ideal para quem está na oposição e representa a mudança.

Seria menos complicado para Bolsonaro se ele tivesse gordura eleitoral para queimar. Não é o caso. Hoje, quem pode se dar ao luxo é Luiz Inácio Lula da Silva, cujo principal oxigênio é o “no tempo dele eu vivia melhor”. O que tampouco teria o mesmo impacto caso o atual presidente estivesse mais bem apetrechado para argumentar que enfrentou, e ainda vem enfrentando, mais de dois anos de pandemia e agora uma guerra na Europa com repercussão planetária.

Perto disso a crise de 2008-2009 foi, agora sim, uma marolinha.

Bolsonaro está até o momento contido no eleitorado mais fiel, suficiente para levá-lo ao segundo turno mas não para ganhar. Um eleitor oscilante, que certo dia votou no PT e em 2018 mudou de ideia, anda aparentemente tentado a fazer o caminho de volta. A dúvida é o que levaria esse voto a reverter a tendência momentânea e reafirmar a opção adotada em 2018. É a pergunta, como se diz, de 1 milhão.

Se Bolsonaro deixar a pressão dos preços dos combustíveis correr livre, com a óbvia repercussão inflacionária, estará concretando a estrada para Lula. É verdade

que as pesquisas mostram um eleitor dividido quanto à responsabilidade pela alta na gasolina e no diesel, mas não importa: governos existem para resolver problemas,

“A chance de um terceiro está em provar que se sairá melhor que Bolsonaro no mano a mano com Lula”

os criados por ele próprio ou por terceiros. Se o time tem dificuldades, a culpa é sempre do treinador.

Vamos ver como o presidente se sai. Lula continua tentando abocanhar ex-adversários e trazer de volta quem um dia foi aliado e deixou de ser. A favor da tática, as dificuldades do incumbente. Mas, como este não está fora da disputa e ainda por cima detém o governo, não é tão simples assim. Os profissionais da política, inclusive o próprio Lula, têm plena consciência de um jogo ainda sendo jogado.

E os demais? Continuam presos à armadilha de acreditar que há um largo contingente de votos "nem Lula nem Bolsonaro". Todas as pesquisas mostram que essa fatia gira em torno de 15%, mas, quando a fé é forte, os fatos objetivos en-

frentam alguma dificuldade para prevalecer. O resultado prático é que a terceira via, ao insistir na tática, deixa aberto para o presidente o caminho de apresentar-se como o único e autêntico "anti-Lula".

Pois a vaga em disputa para ir ao segundo turno não é a do "nem-nem", é a dos que não querem a volta do ex-presidente. A chance de um terceiro está em provar que se sairá melhor que Bolsonaro no mano a mano com Lula. ■

GOLPE NA ALDEIA

Líder respeitado no país pelo esforço na demarcação de sua terra, cacique xavante é suspeito de receber milhões de reais de um esquema de arrendamento ilegal da reserva **TULIO KRUSE**

ALVO DA JUSTIÇA Damião: contas bloqueadas e risco de ir para a prisão

REPRODUÇÃO

A TRAJETÓRIA do cacique Damião Paridzané era reconhecida pela persistência com que liderou a retomada da aldeia onde nasceu, após ter sido retirado do local, ainda adolescente, junto com seu povo, na ditadura militar. Ancião da tribo xavante que vive na Terra Indígena Marãiwatsédé, no norte de Mato Grosso, ele virou a principal voz política de seu povo. Já se reuniu com lideranças no Congresso, participou das conferências climáticas Eco-92 e Rio+20 para falar das invasões de sua terra e foi agraciado em 2014 com o Prêmio Direitos Humanos, entregue pela então presidente, Dilma Rousseff.

Essa reputação pode ter sido irremediavelmente arranhada por uma operação da Polícia Federal ocorrida na se-

mana passada. A imagem agora é a de um cacique corrompido por dinheiro, cooptado por uma espécie de milícia que se formou para explorar a própria aldeia. Sobre ele recai a suspeita de lucrar milhões de reais com o arrendamento de porções de terra para a criação de gado, o que é proibido pela Constituição e pelo Estatuto do Índio. Batizada de Res Capta, a operação da PF apontou que ele recebia 889 000 reais por mês, com base em depoimentos do coordenador regional da Funai e um de seus auxiliares, que foram presos.

As evidências contra o cacique são fortes e fartas. Um pecuarista disse que pagava diretamente a ele pelo arrendamento. Depósitos de outros fazendeiros foram identificados pela PF. Quinze proprietários rurais estão sendo investigados. Segundo o delegado Mário Ribeiro, Damião admitiu em

depoimento que ficava com 200 000 reais mensais para despesas pessoais, sem revelar para onde iria o restante. A Justiça bloqueou as suas contas bancárias e impôs diversas medidas restritivas — se voltar a arrendar terras ou mantiver contato com os demais investigados, ele pode ser preso (são inimputáveis apenas os índios isolados, que não têm condições de entender o padrão de moral dos brancos, o que não é o caso do cacique).

FACEBOOK @JUSSIELSONGONCALVESSILVA.GONCALVES

AMBIÇÃO Jussielson Silva: o chefe da Funai queria profissionalizar esquema

As desconfianças da PF sobre Damião vêm desde 2017, quando começaram a ganhar corpo as denúncias de arrendamentos. Aumentaram três anos depois, quando o cacique chegou para prestar depoimento em uma caminhonete Toyota Hilux SW4 avaliada em 380 000 reais. Damião disse que o veículo era dele, mas os agentes descobriram que o veículo estava no nome de um arrendatário e que poderia ser um “presente”. Por outro lado, a tribo vivia situação “de penúria”, sem comida nem assistência. “Fica nítido que o dinheiro não estava indo para a aldeia”, diz o delegado Ribeiro.

POLÍCIA FEDERAL DE MATO GROSSO

PAISAGEM Gado na terra indígena: ocupação ilegal ampliou o desmatamento

O escândalo acrescentou um novo capítulo a já bastante conturbada história de Marãiwatsédé. Nos anos 50, quando Damião era criança, fazendeiros levaram dezenas de índios à morte deixando roupas contaminadas com varíola na mata. No êxodo provocado na época da ditadura, Damião embarcou em um avião da FAB em agosto de 1966, aos 14 anos, e foi levado com sua tribo para a Missão Salesiana de São Marcos, a mais de 500 quilômetros. Quando os índios se organizaram para retornar, na década de 80, havia uma pequena cidade com casas, sítios e posto de gasolina dentro da

ONDE FICA Terra Indígena Marãiwatsédé

Área: **165 000 hectares**

Etnia: xavante

População: 1 200 indígenas*

Homologação: 1998

Municípios abrangidos: Alto Boa Vista, São Félix do Araguaia e Bom Jesus do Araguaia

Estado: Mato Grosso

Área desmatada: mais de **70%**

* Estimativa da PF

Fontes: *Instituto Socioambiental e Siasi/Sesai*

terra indígena. A comunidade foi retirada após decisão do Supremo Tribunal Federal em 2012 — uma operação que durou mais de um ano. Pouco tempo depois, apareceram os sinais de que a pecuária ali se intensificava. Hoje há 70 000 cabeças de gado (atividade completamente irregular), o que tem ampliado a degradação da pouca mata que resta.

O problema se agravou com a chegada de um novo coordenador regional da Funai no governo Jair Bolsonaro. Suboficial da reserva na Marinha, Jussielson Gonçalves Silva assumiu em 2020 e, segundo a PF, tentava profissionalizar o esquema criminoso. A investigação interceptou um telefonema no qual o militar incentiva o cacique a concentrar o negócio em poucos e ricos arrendatários para aumentar o faturamento. "Até o ano que vem, o senhor tem de estar ganhando 1 milhão e meio", dizia. Ele contava com a ajuda de um policial militar licenciado e um ex-PM — este condenado por tortura, extorsão e tráfico de drogas. É em meio a essa aldeia de problemas que o cacique Damião, se provadas as suspeitas da PF, terá maculado para sempre sua biografia. ■

MEMÓRIAS INCÔMODAS

Oito anos após a Comissão Nacional da Verdade ter acusado 377 pessoas de crimes na ditadura militar, a grande maioria (269) já morreu e ninguém foi levado ao banco dos réus **DIOGO MAGRI**

PROTESTO Movimento em São Paulo: ato para lembrar desaparecidos e assassinados

MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

O DELEGADO Carlos Alberto Augusto ocupou na ditadura (1964-1985) o cargo de investigador no Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops/SP), um dos braços da repressão política do regime. Trabalhou sob as ordens de célebres torturadores, como o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (ídolo do presidente Jair Bolsonaro, por sinal), e ganhou o apelido de "Carlinhos Metralha" pelo hábito de andar pelos corredores portando uma arma do tipo. Augusto só sofreu as consequências de ter colaborado com o regime mais de quarenta anos depois. Foi denunciado pelo Ministério Público Federal em 2012 por participação no sequestro do ex-fuzileiro naval Edgar de Aquino Duarte (desaparecido desde 1973) e se tornou o primeiro ex-agente condenado pelo Judi-

ciário brasileiro por violações na ditadura, em sentença proferida pela 9ª Vara Criminal Federal de São Paulo, em 2021. O episódio poderia abrir um precedente histórico, mas, em pouco tempo, houve uma reviravolta. Em fevereiro último, o Tribunal Regional Federal da 3ª Região aceitou um recurso da defesa e extinguiu a punibilidade por prescrição dos crimes.

A história é mais uma a exemplificar a dificuldade do Brasil em punir agentes da ditadura. Em 2014, a Comissão Nacional da Verdade concluiu um relatório no qual listava 377 pessoas apontadas como perpetradoras de crimes contra os direitos humanos. Segundo o levantamento do Instituto Vladimir Herzog feito para VEJA, 269 já morreram sem ter se tornado réus na Justiça, duas delas recentemente: o delegado gaúcho Pedro Seelig, o "Fleury dos Pampas"

(em 9 de março, aos 87 anos), e José Anselmo dos Santos, o Cabo Anselmo, um agente infiltrado em organizações de esquerda (15 de março, aos 81 anos). Sete anos depois, o MPF acumula mais de cinquenta ações penais contra nomes da lista que foram rejeitadas ou arquivadas pela Justiça.

MICHEL FILHO/AG. O GLOBO

PASSO ATRÁS Carlinhos Metralha: recurso aceito contra a condenação

Entre os 98 vivos (e dez de que não se tem informação) há outros casos simbólicos. Um deles é o de Wilson Luiz Chaves Machado, o coronel que sobreviveu ao atentado do Riocentro, em 1981, uma tentativa fracassada dos militares de incriminar opositores e justificar o endurecimento da repressão. Ele foi denunciado pelo MPF em 2014 e absolvido pelo Superior Tribunal de Justiça em 2019. Jacy Ochsendorf e Souza, apontado como responsável pela morte do deputado Rubens Paiva, foi denunciado em 2014, mas o caso acabou sendo trancado pelo STF após recurso da defesa e está parado desde 2018. Três acusados na mesma ação já morreram.

O nó górdio da situação está na interpretação sobre o alcance da Lei da Anistia. Anunciada em 1979 como "ampla, geral e irrestrita", tanto para agentes do regime quanto

para opositores, ela tinha o objetivo de distender o país e favorecer a transição à democracia. O MPF tenta fazer valer o entendimento do direito internacional de que as violações da ditadura são crimes contra a humanidade, o que as tornam imprescritíveis e não contempladas pela Lei da Anistia. Com base nessa interpretação, o Brasil já foi condenado duas vezes pela Corte Interamericana de Direitos Humanos por não punir ex-agentes da ditadura.

A despeito do esforço do MPF, as mais altas instâncias da Justiça no país não têm concordado com esses argumentos. Em 2010, ao julgar alegação da OAB de que a Lei da Anistia estava em desacordo com a Constituição de 1988, o STF entendeu que ela seguia válida. Outra ação nesse sentido, do PSOL, está no tribunal há cinco anos e nunca foi pautada. "Não é uma questão jurídica, é falta de vontade política. O STF insiste em uma jurisprudência ilegítima", diz Marlon Weichert, procurador do MPF que atua na área de crimes contra a humanidade.

Dessa forma, o Brasil prossegue sendo uma exceção entre os principais vizinhos sul-americanos, que levaram seus criminosos ao banco dos réus. O Chile teve centenas de condenados, enquanto na Argentina a cifra superou a casa de milhares. "São países que instalaram comissões para apurar os crimes imediatamente após o fim do regime", afirma Gabrielle Abreu, coordenadora de Memória e Justiça do Instituto Vladimir Herzog. Para ela, o cenário ficou ainda mais complicado com a ascensão do presidente Jair Bolsonaro

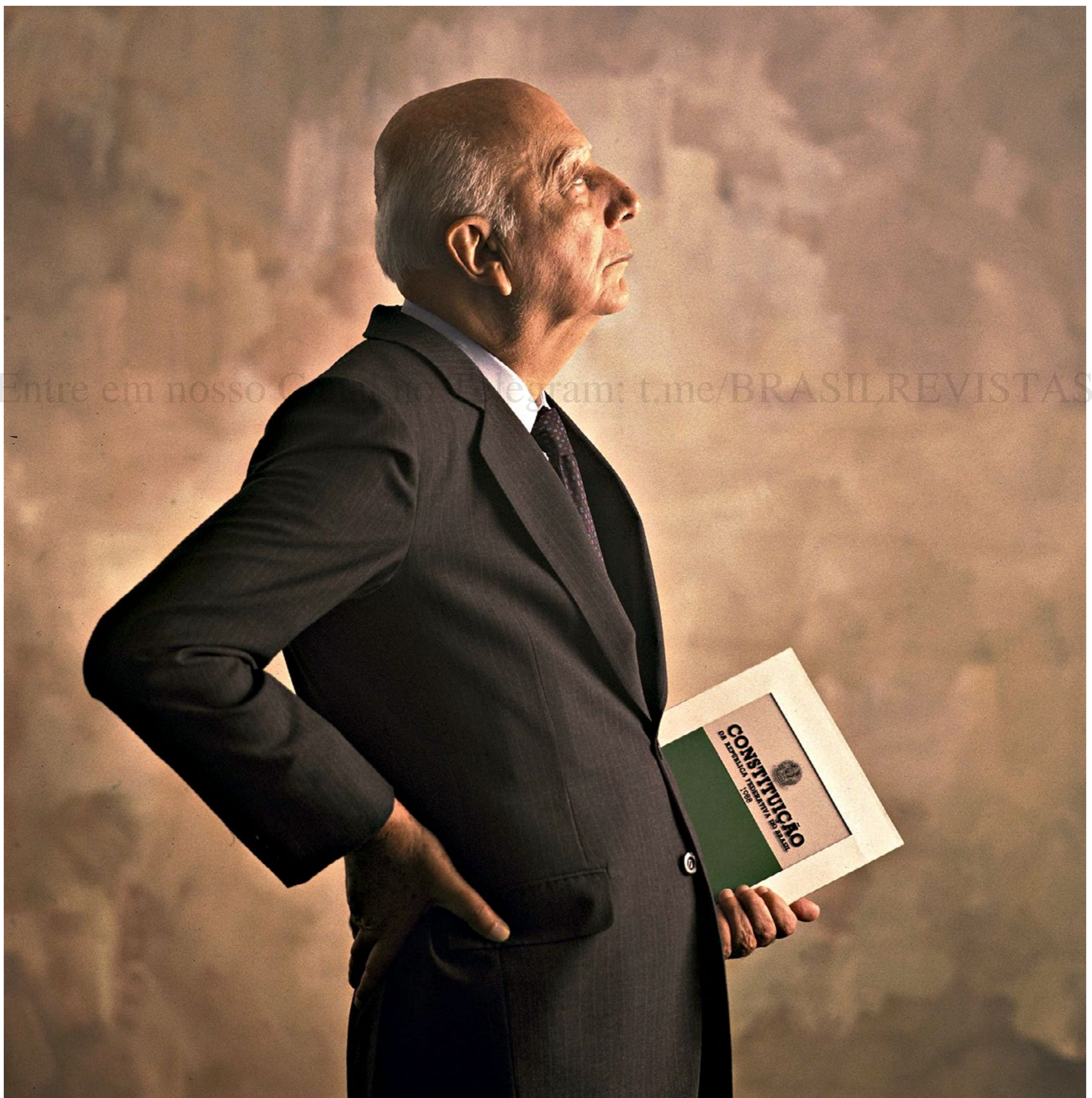
EVANDRO TEIXEIRA

REPRESSÃO Policiais agridem manifestante em 1968: crimes sem punição

(PL), que enaltece publicamente a ditadura. Na semana que vem, aliás, o golpe completa seu 58º aniversário. Vale conferir como o presidente fará referências à data. Nos anos anteriores, ele fez questão de celebrar a "revolução".

Na perspectiva atual, nada indica que haverá mudanças na punição dos criminosos. No caso de Carlinhos Metralha, o MPF deve levar o processo ao STJ, mas, pelo histórico, a iniciativa terá pouquíssimas chances de prosperar. Também é difícil imaginar que os agentes vivos, todos com mais de 70 anos, sejam levados aos tribunais. O mais provável é que o Brasil siga com a pecha de ser um país que tem dificuldade para lidar com o passado autoritário e as memórias incômodas dos anos de chumbo da ditadura. ■

CALVÁRIO LEGAL

Um novo livro do jurista Manoel Carlos de Almeida Neto mostra como questões de poder minaram as Constituições e geraram até ordenamentos paralelos **ALEXANDRE ARAGÃO**

LEGADO Ulysses Guimarães e a Carta de 1988: texto influenciado por pressões

ANTONIO RIBEIRO

AS ÚLTIMAS DÉCADAS da política brasileira foram permeadas de exemplos sobre como questões reais de poder influenciaram a interpretação e a defesa da Constituição. Um debate recorrente ocorreu em torno da possibilidade de um réu ser preso após condenação em segunda instância. Provocado reiteradamente, o Supremo Tribunal Federal tomou diferentes decisões sobre o tema em 2009 (pela inconstitucionalidade), em 2016 (pela constitucionalidade) e em 2019 (voltando ao entendimento firmado dez anos antes). Esse vaivém ocorreu sem que o artigo 5º da Constituição, que prevê a prisão somente após a condenação transitada em julgado, tivesse sofrido qualquer alteração — apesar de o Congresso ter debatido propostas de emenda constitucional que

tinham como pano de fundo as prisões do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e de outros réus da Lava-Jato.

Esse e outros casos de como as Cartas Magnas foram (re) interpretadas ao sabor das influências políticas ao longo da história são lembrados no excelente *O Colapso das Constituições do Brasil: uma Reflexão pela Democracia* (Editora Fórum), livro recém-lançado pelo jurista Manoel Carlos de Almeida Neto, professor da Faculdade de Direito da USP. O autor diz que, para além da Constituição escrita, é preciso levar em consideração o que chama de "fatores reais de poder". Segundo Almeida Neto, eles criam uma espécie de Constituição material paralela, "não escrita, sempre viva, caótica e muitas vezes incontrolável, com potência suficiente para modificar a realidade político-jurídica tanto para o

ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

CARTA DE CHUMBO Gama e Silva: o ministro da Justiça *(à esq.)* ouve um locutor anunciar os termos do AI-5, imposição da ditadura militar que criou uma "Constituição paralela", como retrata o livro de Almeida Neto *(acima)*

bem-estar e restauração do Estado democrático como para usurpá-lo em deploráveis golpes".

Sabe-se que o país teve sete Constituições, mas Almeida Neto amplia a análise para além dos documentos que levaram a designação formal. Na realidade, de acordo com as contas do autor, foram catorze textos com natureza constitucional e supremacia no ordenamento jurídico, publicados

por fatores reais de poder, investidos de força constituinte de fato ou de direito no objetivo de instaurar uma nova ordem no Brasil. Do Império aos dias atuais, o livro dedica um capítulo a cada um desses catorze textos, para demonstrar quais circunstâncias levaram a essas mudanças.

Imposto pela ditadura militar em 1964, o Ato Institucional Número 1 é um exemplo clássico de texto constitucional que foi "simplesmente decretado". Apesar de formalmente ter mantido em vigor a Carta Magna de 1946, elaborada pelo governo de Eurico Gaspar Dutra, o AI-1 diminuiu substancialmente as garantias constitucionais e, para Almeida Neto, representou uma mudança de fato na ordem social. No livro, o autor detalha outros dois atos institucionais da ditadura como novos textos constitucionais decretados pelo regime após serem impulsionados por interesses específicos do contexto da época: o AI-2, de 1965, que ele chama de "Carta Autoritária" (fixou eleições indiretas para presidente, dissolveu partidos políticos e promoveu intervenções no Judiciário) e o AI-5, de 1968, referido como "Carta Ditatorial" — que aprofundou a repressão, com o fechamento do Congresso, a cassação de mandatos, a suspensão de garantias e o estabelecimento da censura prévia.

Almeida Neto chama esse tipo de ruptura de "inconformismo inconstitucional", que acaba sempre levando a movimentos, legítimos ou não, de alteração, supressão ou revogação da Carta Magna. "No Império ou na República, na democracia ou na ditadura, por aqui sempre

existiram, no passado e no presente, grupos organizados de poder que objetivam a queda da Constituição vigente, motivados por progressismo, conservadorismo ou autoritarismo”, escreve o autor.

Nem sempre por meio da força, porém, ocorre a intervenção. No prefácio do livro, José Sarney relembra a convocação feita por ele da Assembleia Constituinte, que seria presidida por Ulysses Guimarães (MDB). As memórias do ex-presidente corroboram a tese de Almeida Neto: “Havia finalmente um consenso nacional a desejá-la — como já houvera em 1934 e 1946 — e as condições, que lhe dei, de ter sua independência garantida. Mas as correntes internas a carregaram de interesses pessoais e corporativos. Fiz então o difícil aviso de que ela continha o germe da ingovernabilidade”.

Ex-secretário-geral do STF e do Tribunal Superior Eleitoral, Almeida Neto faz ainda um alerta importante na obra: “É imprescindível permanente atenção para identificar os movimentos autoritários que sempre andaram pelas ruas do Brasil e que, camuflados em bandeiras clássicas do conservadorismo, em proteção da ordem, moralidade, segurança, liberdade, propriedade, família, pervertem esses preciosos anseios sociais para assaltar a soberania popular, reprimir os direitos civis e políticos e subordinar o Legislativo e o Judiciário à hegemonia do Executivo”. Nada mais atual. ■

KONSTANTIN ZAVRAZHIN/GETTY IMAGES

CORRIDA AOS BANCOS Russos tentam trocar rublos por dólares e euros: instabilidade provocada pelas sanções

OS FORTES TAMBÉM SOFREM

As sanções à Rússia criaram um clima de desconfiança em torno do dólar como divisa global, em um momento em que até mesmo o real se valoriza frente à moeda americana

LUANA MENEGHETTI

ALEXANDER MANZYUK/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

TROCA DE GUARDA Lingotes de ouro na Rússia: substituição dos dólares

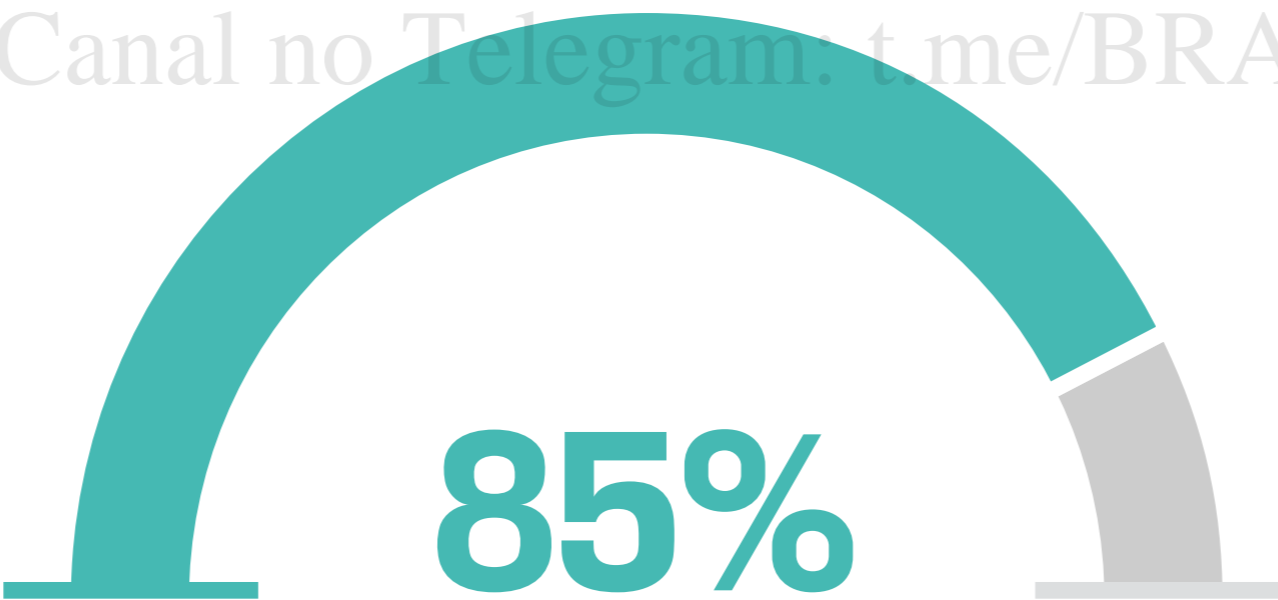
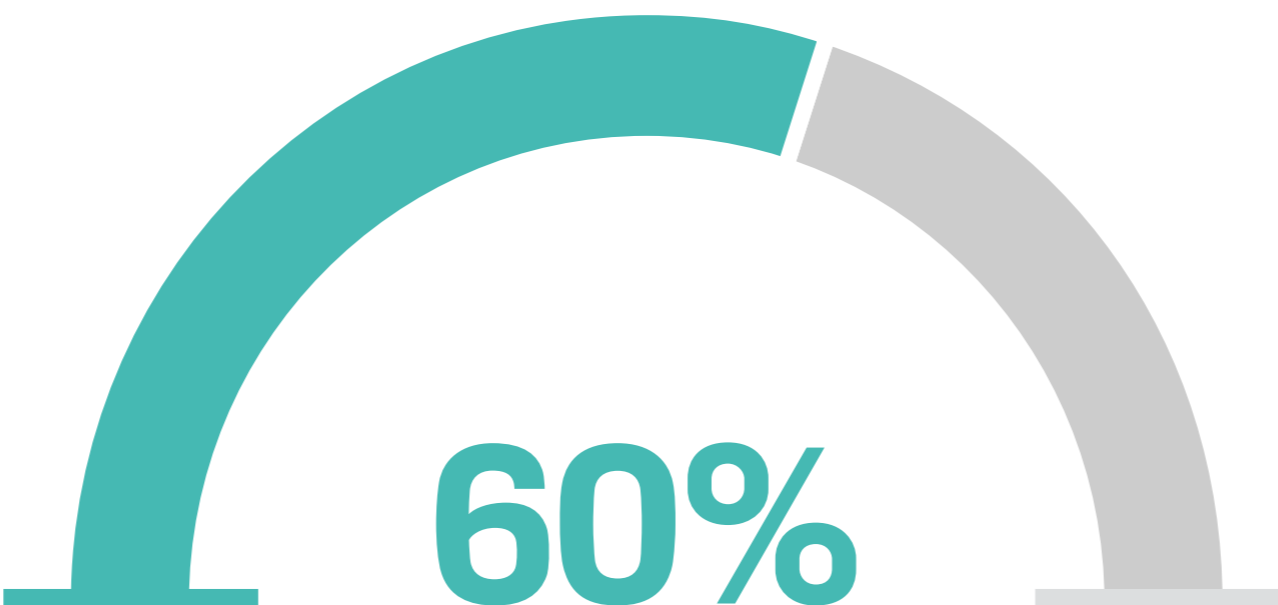
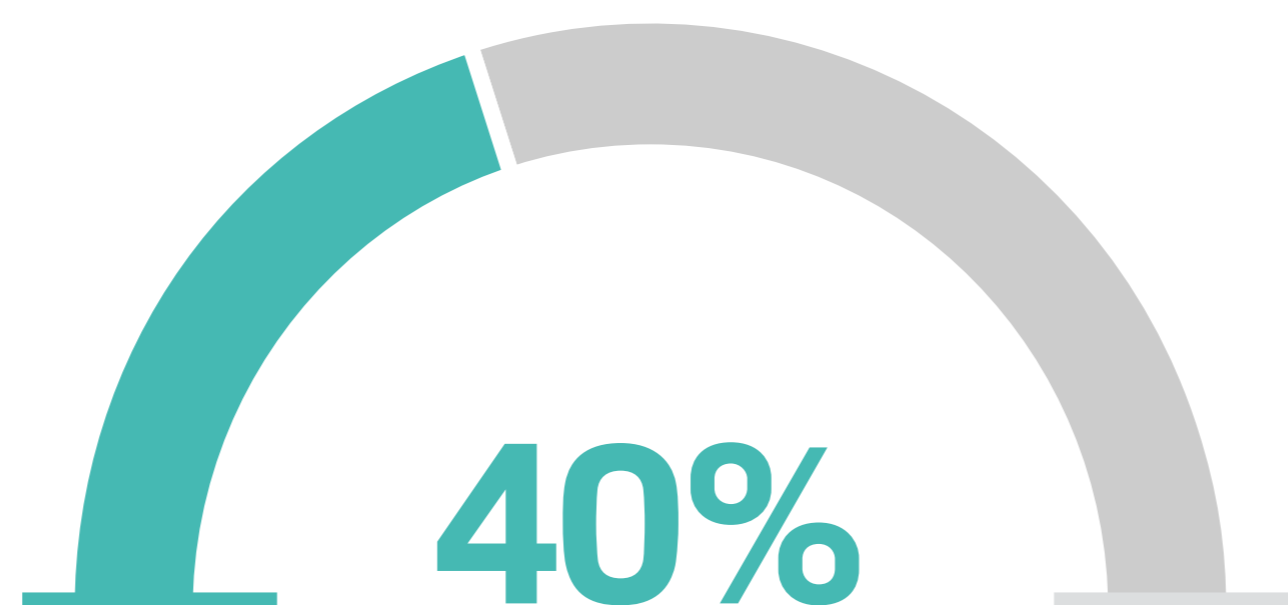
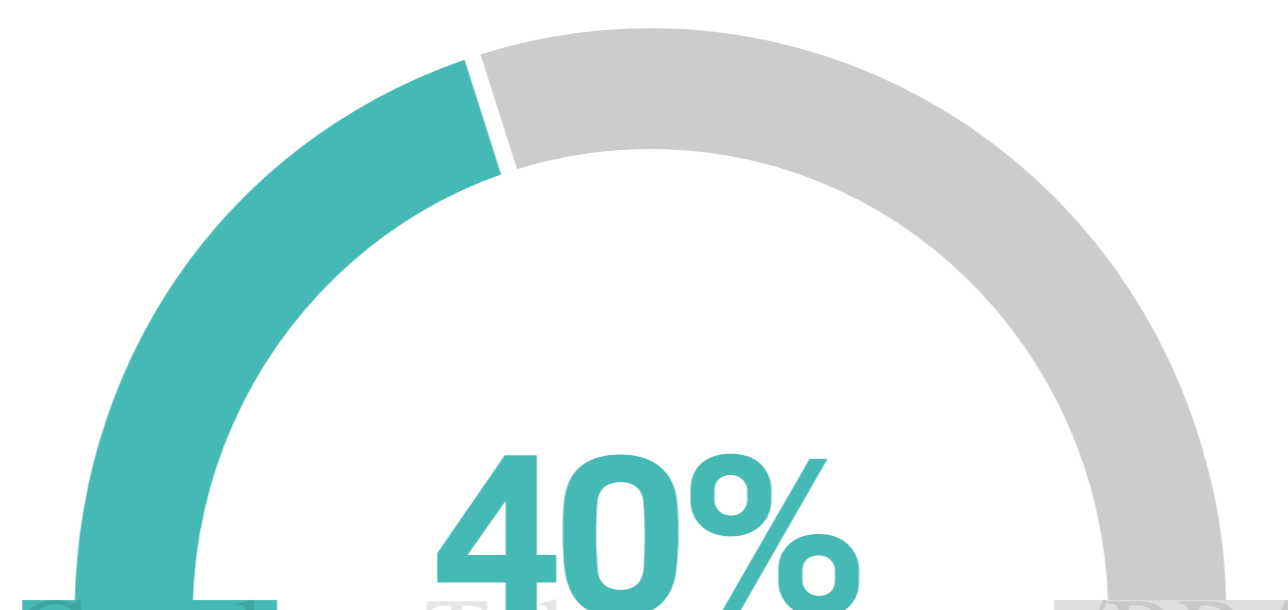
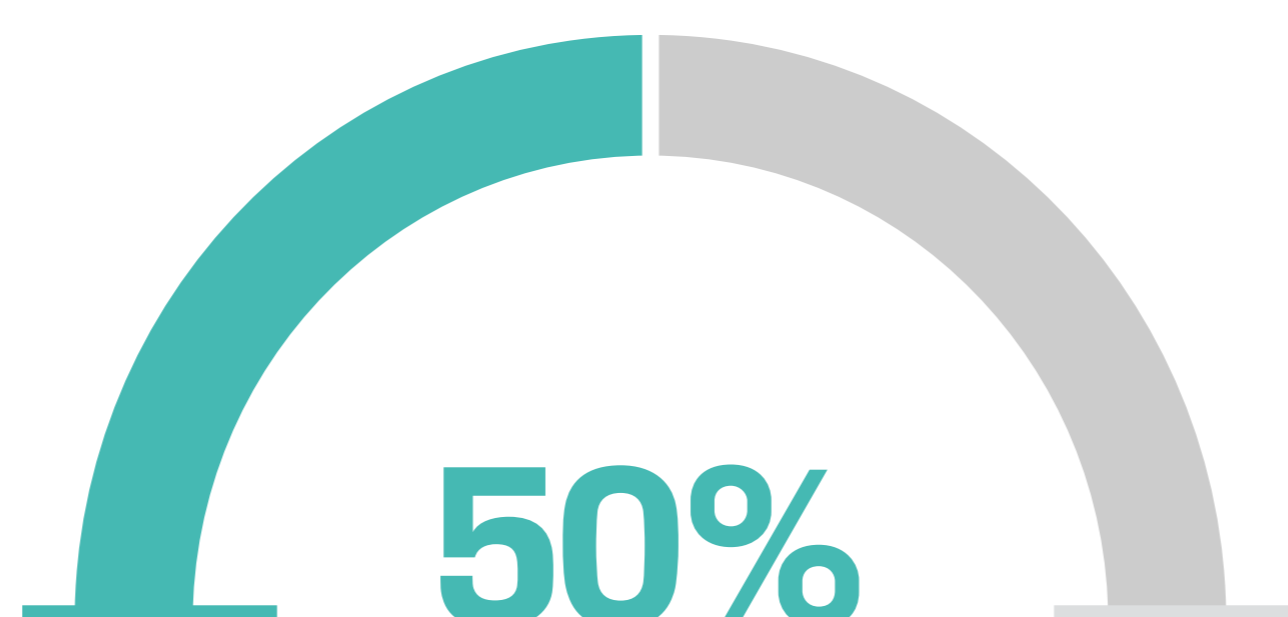
Um fenômeno raro animou os brasileiros que realizam operações financeiras com base no câmbio ou pretendem viajar ao exterior. Em seis dias consecutivos, até a quarta-feira 23, a cotação do dólar caiu frente ao real. Ao baixar para 4,84 reais, a moeda americana chegou ao seu menor valor desde a disparada deflagrada pelo início da pandemia da Covid-19, há pouco mais de dois anos. Com isso, em 2022, o real já se valorizou 13,4%, tornando-se a moeda de melhor desempenho entre as 25 mais fortes do planeta. As justifi-

cativas dadas pelos analistas para tal guinada costumam variar entre o interesse dos estrangeiros em investir nas empresas de commodities brasileiras e o impacto da subida dos juros no país, atualmente em 11,75% ao ano.

Sejam quais forem as razões para a surpresa positiva, a desvalorização de curto prazo do dólar espelha uma preocupação de longo prazo que ronda as altas esferas das finanças globais. Nos últimos anos, tornou-se foco de discussões entre especialistas a possibilidade de a moeda americana perder seu status de referência mundial, utilizada como reservas pelas nações, para as trocas comerciais internacionais e para investimentos entre fronteiras. Se a ascensão da China como uma grande potência econômica e das criptomoedas já chamavam a atenção, o tema adquiriu relevância ainda maior com a invasão da Ucrânia pela Rússia, e as consequentes sanções econômicas levantadas pelas potências ocidentais encabeçadas pelos Estados Unidos.

Especialmente nos últimos vinte anos, as reservas internacionais em dólares vêm encolhendo de forma lenta e gradual. Estima-se que cerca de 60% das reservas do mundo são compostas por moeda americana, índice que já chegou a ser superior a 80%, até 1975. Com a guerra, é provável que o dólar terá pela frente a maior ameaça ao seu domínio. “Com o poder dos Estados Unidos para aplicar sanções financeiras que abalam a economia global, a moeda começa a perder credibilidade”, diz José Marcio Camargo, economista-chefe da gestora Genial Investimentos.

HEGEMONIA SOB RISCO

PARTICIPAÇÃO DO DÓLAR NO MERCADO GLOBAL

VOLUME DE TRANSAÇÕES CAMBIAIS

RESERVAS CAMBIAIS

TRANSAÇÕES DE PAGAMENTOS NO SISTEMA SWIFT

TÍTULOS DA DÍVIDA INTERNACIONAL

EMPRÉSTIMOS TRANSFRONTEIRIÇOS

Fonte: *Banco Internacional de Compensações*

De olho na perspectiva de um potencial contra-ataque financeiro, do tipo utilizado anteriormente em relação a Irã e Venezuela, a Rússia de Vladimir Putin já vinha se preparando há tempos para depender menos da moeda americana. Em 2011, passou a se desfazer dos títulos do Tesouro americano que detinha, substituídos em grande medida por ouro. Em 2000, as reservas em ouro da Rússia somavam 24,7 bilhões de dólares. Hoje, estão na casa dos 133,6 bilhões de dólares, representando 21,2% dos 631,1 bilhões de dólares do Tesouro russo. Em meio às animosidades no fim do governo de Donald Trump, a China também sinalizou que reduziria em até 20% seu 1,047 trilhão de dólares em papéis do Tesouro americano.

Meses antes de a Rússia invadir a Ucrânia, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, já alertava que a moeda americana seria a principal arma a ser usada contra os russos. “Se eles invadirem, vão pagar. Seus bancos não poderão negociar em dólares”, ameaçou. Três dias após a ofensiva militar, a promessa foi cumprida e os russos foram excluídos do SWIFT, a principal rede de pagamentos globais, que conecta 11 000 instituições financeiras em mais de 200 países. Dessa forma, o rublo despencou em mais de 30%, e se espera um encolhimento de até 12% da economia russa. Ao tornar o dólar uma arma, os Estados Unidos demonstram força, mas também criam uma reação contrária. Há duas semanas, a Arábia Saudita divulgou que avalia vender petróleo para a China em iuane, para a qual vende um quar-

RAMIL SITDIKOV/KREMLIN POOL/SPUTNIK/EPA/EFE

ESTRATÉGIA Vladimir Putin: reservas em moeda americana foram zeradas

to de suas exportações da commodity. Atualmente, 80% das transações de petróleo pelo mundo são feitas em dólar.

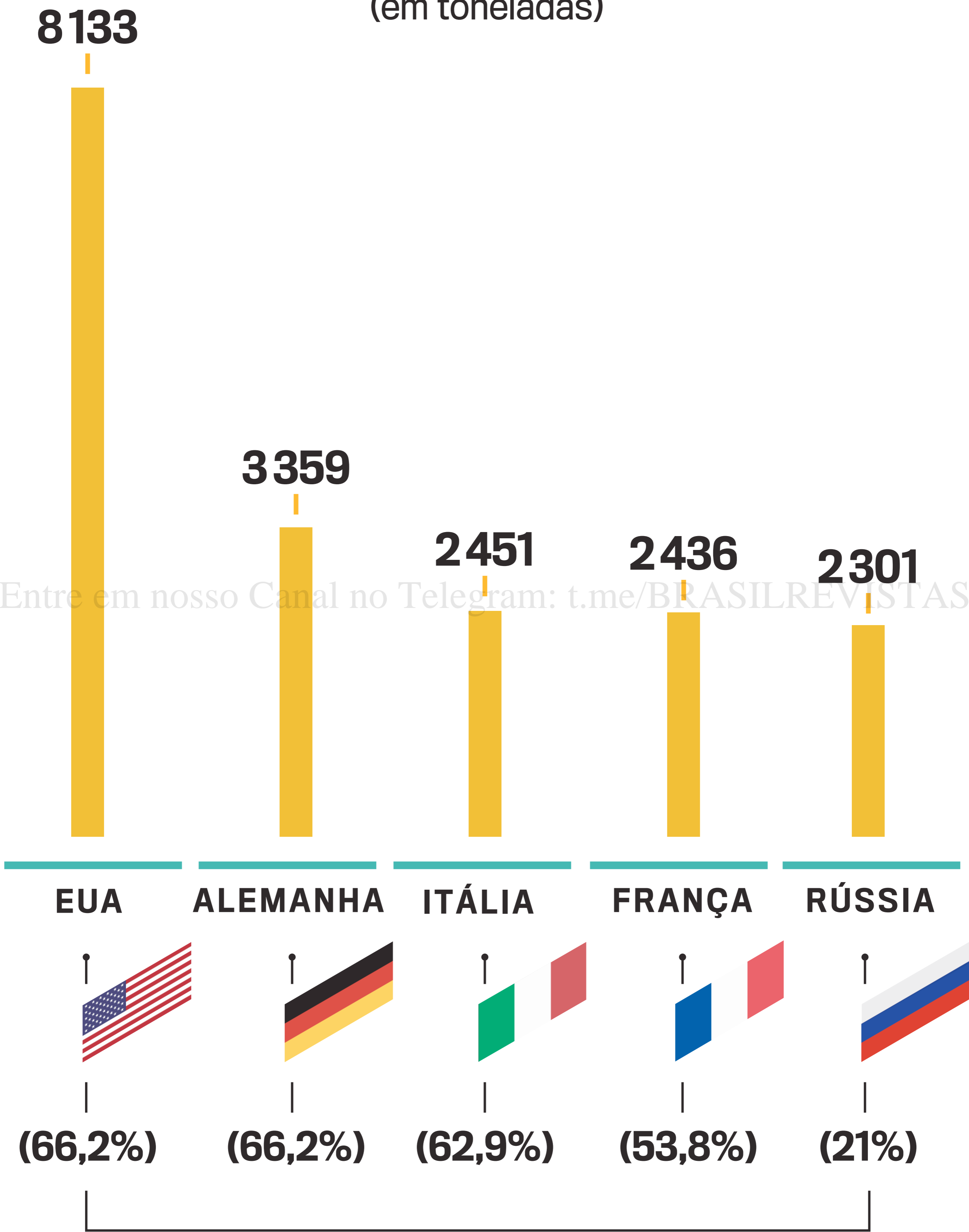
Um dos grandes objetivos estratégicos da China é justamente fortalecer o iuane no cenário global como alternativa à moeda americana. "Muitos países têm balança comercial mais favorável à China do que aos Estados Unidos, e ela hoje possui enorme presença comercial na América Latina, Europa e Oriente Médio", diz Pablo Ibanez, professor de geopolítica da Universidade Fudan, de Xangai. Com a Nova Rota da Seda, uma série de investimentos em infraestrutura

LINTAO ZHANG/GETTY IMAGES

NOVA ARMA Xi Jinping: o objetivo é fortalecer o iuane como alternativa global ao cerco financeiro aos russos

internacional, a China possui acordos com 145 países, os quais incluem trocas significativas em iuanes.

Se a hegemonia do dólar parece estar se enfraquecendo, ainda não existe no planeta uma moeda capaz de tirar sua liderança nas transações globais. Apesar de o iuane ter saído da 35ª posição, em 2010, para ser a quarta moeda mais transacionada no sistema financeiro global, cerca de 40% dos pagamentos globais no sistema SWIFT são em dólares, ante apenas 2,7% em iuanes. Para as criptomoedas, que também estariam sendo utilizadas pela Rússia para comercializar

PROTEÇÃO DOURADA
Países com as maiores reservas de ouro
(em toneladas)
8 133
3 359
2 451
2 436
2 301
EUA
ALEMANHA
ITÁLIA
FRANÇA
RÚSSIA
(66,2%)
(66,2%)
(62,9%)
(53,8%)
(21%)
PORCENTAGEM DO TOTAL DE SUAS RESERVAS
Fontes: *Conselho Mundial do Ouro e Fundo Monetário Internacional*

produtos, falta a estabilidade de valor. “O mundo ainda não perdeu o domínio do dólar e não perderá tão cedo”, diz Steve Hanke, professor de economia aplicada na Universidade Johns Hopkins. Mas é fato que a moeda americana já reluz um pouco menos do que brilhou no passado. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

SE LULA FOR ELEITO

Ideias sobre economia do PT podem colocar o mandato em risco

SEGUNDO PESQUISAS, Lula é o favorito para as próximas eleições, mas a situação pode mudar até a realização do pleito. Alterações nessa área costumam acontecer.

Só para raciocinar, suponhamos que Lula ganhe. Pelo que têm dito petistas influentes, seriam adotadas ideias danosas à economia. O teto de gastos seria revogado. A privatização da Eletrobras seria revertida. A desastrada Nova Matriz Econômica do governo Dilma seria renovada. Para Lula, a política de preços da Petrobras será mudada, pois "estamos pagando gasolina em dólar quando recebemos salário em real". O que ele diria do preço do trigo?

A reforma trabalhista seria abandonada e com ela a modernização que reduziu ações judiciais, aboliu a contribuição sindical e regulou o trabalho temporário, sem afetar direitos fundamentais dos trabalhadores. Promete-se eliminar a reforma da Previdência, o que provocaria impacto fiscal gigantesco, tornando insustentável a dívida pública. A presidente do partido, Gleisi Hoffmann, disse que o PT é contra a

âncora fiscal, o que significaria deixar a economia à deriva como um navio desgovernado. O efeito seria inflação alta e sem controle, prejudicando os mais pobres, com os quais o partido diz preocupar-se. Há outras impropriedades, mas não há espaço para comentá-las.

Outra hipótese seria a reedição do Lula pragmático de 2003, quando desprezou o programa do partido, que assustava até no nome: “Uma ruptura necessária”. Manteve o tripé macroeconômico do governo de FHC. Convidou um banqueiro para presidir o Banco Central. De partida, a equipe econômica elevou a taxa Selic e o superávit primário. O choque de credibilidade fez cair a percepção de risco, o dólar e os juros futuros. O país pôde beneficiar-se

do boom de commodities decorrente da ascensão da China, cujos ganhos contribuíram para financiar o aumento dos gastos sociais, inclusive os decorrentes da elevação

“É provável que, no poder, ele reedite o cenário de 2003, embora pareça difícil aprovar as reformas”

do salário mínimo. A boa avaliação do governo permitiu a reeleição de Lula.

A defesa de más ideias pode ser uma estratégia para manter a base de apoio do ex-presidente, que as almeja. Assegurada a vitória, ele sinalizaria um rumo oposto, como fez após o segundo turno das eleições de 2002. Se, todavia, Lula preferir seguir tais ideias — o que tem assustado investidores e acentuado a rejeição de seu nome entre o eleitorado mais esclarecido, que começa a simpatizar novamente com Bolsonaro —, o desastre é garantido. Mesmo que o Congresso as rejeitasse, o simples ato de propô-las seria desastroso. A queda de confiança, a fuga de capitais e a alta do dólar provocariam, entre outros males, inflação sem controle, de-

semprego e forte perda de popularidade, o que colocaria em risco a continuidade do mandato.

Lula já provou que é mais esperto do que se pensa. É provável que ele promova a reedição do cenário de 2003, embora pareça difícil vencer o desafio de aprovar as reformas, sobretudo a fiscal, que possam livrar o país da armadilha do baixo crescimento. ■

QUEM DISSE QUE SERIA FÁCIL?

Um mês depois de invadir a Ucrânia, as tropas russas pouco avançaram, contidas pela resistência. Há uma lição da inaceitável agressão: nem sempre a supremacia militar vence

ERNESTO NEVES

DESTRUIÇÃO Tanque em Mariupol: sob bombas desde o início dos ataques

MAKSIM BLINOV/SPUTNIK

Quando, no escuro começo de uma manhã de inverno, o poderoso aparato militar da Rússia cruzou a fronteira e invadiu a Ucrânia, todo mundo viu ali o início de uma operação fulminante, na qual as forças de Vladimir Putin avançariam rapidamente e em questão de dias ocupariam a capital, Kiev, forçando a rendição do governo. Pois bem: passado um mês, os russos continuam tentando abrir corredores de livre movimentação, sem sucesso. Das duas cidades que ocuparam, uma — Makariv, às margens de uma estrada que leva a Kiev — foi retomada pelos ucranianos e na outra, Kherson, a população segue resistindo. As fotos da guerra mostram, do lado russo, aviões e tanques destruídos

e comboios de ônibus levando mortos. No porto de Berdiansk, ao menos um navio de desembarque de tropas foi atingido e afundou. O que, afinal, está segurando os russos?

Um fator inesperado é, sem dúvida, a resistência da Ucrânia, estimulada pelos discursos do presidente Volodymyr Zelensky. Nas cidades atacadas, os ucranianos combatem rua a rua, com soldados e milícias de voluntários. A Força de Defesa Territorial criada pelo governo tem 120 000 reservistas divididos em vinte brigadas. Os ataques praticados por grupos pequenos e ágeis, que escapam rapidamente, desafiam o passo pesado dos regimentos russos. Nas bases aéreas, nos aeroportos e até nas estradas, todas as noites pilotos ucranianos levantam voo para enfrentar os bombardeiros prontos para atacar cidades, engajando-se em um ti-

BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

RESPOSTA Biden, Macron e Johnson em encontro da Otan: mais sanções

po de combate aéreo que só se via em filmes. O Oryx Blog, que rastreia danos de equipamentos militares a partir de fotos, calcula que a Rússia perdeu 1 666 veículos militares, incluindo 111 tanques e 312 caminhões. Ao menos vinte oficiais de alta patente morreram, entre eles cinco generais. Na segunda 21, o jornal *Komsomolskaya Pravda* contabilizou 9 861 soldados mortos, muito mais do que os 498 divulgados pelo Kremlin. Minutos depois, o *Pravda* retirou a informação do ar, alegando que seu site havia sido hackeado.

Em trens e comboios vindos da Polônia, a Ucrânia recebe grande quantidade de equipamento militar de alcance limita-

do. Os Estados Unidos anunciaram que vão mandar 2 000 mísseis antitanque e 20 milhões de munições, ao custo de 800 milhões de dólares. Além das baterias antitanque e antiaéreas, as forças ucranianas usam drones fabricados na Turquia, pequenos, mas letais contra blindados — um deles destruiu um sistema de mísseis russo avaliado em 50 milhões de dólares. “A Rússia encontrou um Exército diferente daquele que enfrentou na invasão da Crimeia, em 2014”, diz Liam Collins, diretor do Modern War Institute, em Nova York.

A invasão e posterior anexação da Crimeia foi, ela sim, um passeio para a Rússia: a população apoiou, a reação militar mostrou-se pífia e até as sanções econômicas da época pouco efeito tiveram. De lá para cá, porém, o Exército ucra-

niano passou por uma modernização progressiva patrocinada por Estados Unidos e Otan, a aliança militar do Ocidente que Putin considera uma ameaça. Até 2021, o governo americano injetara 2,7 bilhões de dólares em armas e treinamento. Na base militar de Yavoriv, em Lviv, próxima à fronteira com a Polônia e destruída neste mês, cinco batalhões se formavam todo ano. O governo ucraniano expandiu as Forças Armadas incorporando grupos paramilitares de extremistas espalhados pelo país, sobretudo na região de Donbas, uma vasta área no leste da Ucrânia onde, depois do sucesso na Crimeia, a Rússia alimentou um movimento separatista.

Entre esses grupos está o Batalhão Azov, violento bando neonazista integrado por franco-atiradores de diversas nacionalidades, brasileiros inclusive. O Azov nasceu em Mariu-

ATEF SAFADI/EPA/EFE

pol, cidade portuária em Donbas, com o objetivo de defendê-la dos separatistas — a mesma Mariupol que os russos agora bombardeiam sem parar. Convém, contudo, não usar o radicalismo do grupo como pretexto para a inaceitável invasão promovida por Putin. “A incorporação do Azov pelas forças oficiais está na base dos argumentos usados pelo Kremlin para equivocadamente classificar a Ucrânia como um estado nazista”, diz Christian Leuprecht, analista do Royal Military College, no Canadá. Em Mariupol, sitiada e devastada, sem água, luz ou energia, as bombas do Kremlin já acertaram uma maternidade e um teatro onde se abrigavam mais de

ARIS MESSINIS/AFP

PRESSÃO Kiev: tropas russas estacionadas ao redor e bombardeios esporádicos — um deles destruiu um shopping *(à esq.)*, com oito mortes

1 000 pessoas. Até o clima atrapalhou. Neste fim de inverno, o gelo que se derrete e as primeiras chuvas de primavera formam lamaçais intransponíveis. "Os blindados são obrigados a circular pelas rodovias, o que os deixa vulneráveis a ataques", diz o historiador francês Michel Goya.

Com a invasão mal parada, as sanções sangrando a economia e sua capacidade sob escrutínio, Putin tratou nos últimos dias de apertar ainda mais o cerco à oposição (para ele, um conceito muito amplo). A proibição de criticar a "operação especial" na Ucrânia foi estendida a qualquer ação de qualquer entidade oficial que atue no exterior. Levado a julgamento por

YURI KOCHETKOV/EPA/EFE

APERTO Navalny no tribunal: mais nove anos de prisão para o principal opositor

uma esdrúxula acusação de fraude, seu maior opositor, Alexei Navalny — que já está confinado a uma penitenciária e surgiu no tribunal magro e pálido — foi condenado a mais nove anos de prisão, uma tentativa de calar seu apelo por protestos contra a guerra, que escreve em pedaços de papel, entrega a seus advogados e eles postam nas redes sociais.

No campo de batalha, os ataques ficam mais letais — inclusive em Kiev, onde uma bomba destruiu um shopping center e matou oito pessoas. Na esgrima verbal, Putin avisou

que os pagamentos pelo gás russo consumido pela Europa terão de ser a partir de agora em rublos — moeda tóxica da qual os bancos querem distância. O americano Joe Biden, por sua vez, estendeu as sanções econômicas aos deputados pró-Putin — o anúncio foi feito em uma reunião extraordinária da Otan, em Bruxelas, para discutir a reação conjunta à escalada das hostilidades. Com cada parte em seu canto, um cenário plausível é que, na mesa de negociação, a Ucrânia se comprometa a não entrar para a Otan e a aceitar a ingerência russa na Crimeia e Donbas (com 90% de aprovação, Zelensky teria cacife para tal), os aliados ocidentais removam parte das sanções e Putin bata no peito, alardeando que suas exigências foram atendidas, e recolha a tropa. Seria

uma saída sem vencedores, mas abriria espaço para uma pausa na inadmissível matança. ■

MURILLO DE ARAGÃO

PLANEJAR É PRECISO

O Brasil deve se preparar para as relações depois da guerra

MESMO QUE o conflito na Ucrânia acabe amanhã, o Brasil deve se preparar para um longo período de guerra cultural e comercial, com efeitos profundos nas relações internacionais e em nosso futuro. Para alguns especialistas, a invasão promovida pela Rússia no país vizinho retrocedeu a globalização em trinta anos, além de vulnerabilizar a capacidade do multilateralismo para medir e impedir conflitos. Tais repercussões, contudo, não se limitaram a fazer cambalear o multilateralismo. O jogo do comércio internacional será afetado pela produção reduzida ou inexistente de commodities na Ucrânia e pelos embargos aos produtos russos. Enquanto o conflito se desenvolve na Ucrânia, países estão preocupados em como garantir suas cadeias de suprimento e, até mesmo, como reforçar suas defesas caso a guerra chegue às nações da Comunidade Europeia. É uma situação inédita em décadas.

Assim, o Brasil deve tomar decisões estratégicas em relação à nossa cadeia produtiva, que será afetada com a falta de fertilizantes e de combustíveis. Por outro lado, sem a oferta

regular do trigo russo e ucraniano mundo afora, o preço da commodity vai subir, com potencial efeito em nossa inflação. Custa crer que o nosso agronegócio e as autoridades competentes nunca tenham se preocupado com estoques e fontes alternativas para casos emergenciais de conflito ou escassez. Tampouco com um plano que visasse à autossuficiência dos ingredientes para a produção de fertilizantes. Situação semelhante se dá com os combustíveis. O Brasil não desenvolveu uma capacidade de refino de petróleo satisfatória que pudesse acompanhar tanto a nossa produção quanto o nosso crescente consumo. Também não desenvolveu uma política de preços e de reservas de petróleo para tempos de crise.

O Brasil tem a característica de ser o responsável direto

por mais de 90% dos próprios problemas. Porém, desde a pandemia, e agora com a invasão da Ucrânia, os problemas do mundo exterior nos afetaram significativamente e devem continuar a nos desestabilizar. Quando o Brasil pensou de forma estratégica, organizou um sistema financeiro robusto,

“O país não pode ficar na mão do acaso, tampouco mendigar favores para vencer dificuldades”

empresas e iniciativas como a Embrapa, Embraer, Vale, Petrobras, entre muitas outras. Devemos retomar nossa capacidade de pensar estrategicamente. Precisamos examinar nossas fragilidades e trabalhar para compensá-las. Em vários campos: agricultura, combustíveis, defesa, logística etc. Infelizmente, não vemos o assunto na agenda eleitoral.

A China, por causa de sua política de segurança alimentar, possui reservas de grãos e de proteína animal para enfrentar eventualidades adversas. Agora, com a guerra, os chineses estão comprando da Rússia todos os ingredientes possíveis para a fabricação de fertilizantes. Eles poderão especular em um mundo desestabilizado. Assim como a China, precisamos ter uma política de segurança alimentar e de

autossuficiência de combustíveis para que o país não fique à mercê dos acontecimentos. A lição que fica é que devemos olhar de forma estratégica para as nossas fragilidades e buscar saber como compensá-las. O Brasil, por sua dimensão populacional, não pode ficar na mão do acaso, tampouco mendigar favores para vencer dificuldades pontuais. ■

JANA SAMPAIO

A REBOLADA GLOBAL

DIVULGAÇÃO

Depois de, em 2017, aparecer pela primeira vez no Top 20 global da plataforma musical Spotify com *Vai Malandra*, a cantora **ANITTA** subiu de patamar: sua mais recente canção em espanhol, *Envolver*, está em segundo lugar no ranking, e avançando. O sucesso não é tão espontâneo — teve uma ajudinha do TikTok, que lançou o desafio *El Paso de Anitta*. O contorcionismo, que consiste em empinar e sacudir o bumbum praticamente deitada no chão, foi reproduzido por Miley Cyrus, Ana Maria Braga e outros 205,9 milhões de pessoas — até agora. Aproveitando a deixa, fãs famosos e anônimos empreendem uma campanha nas redes sociais para que a música chegue ao topo da lista. A VEJA, Anitta ensinou assim o requebrado: "É abaixar à sua maneira e colocar as palmas à frente e o corpo paralelo ao chão — tipo flexão de braço, sabe? Depois é só rebolar do seu jeito". Fica a dica.

RUDOLPH BROWN/EFE

TEMPO QUENTE

Já foram mais afinadas as visitas da realeza britânica ao Caribe. Em sua primeira viagem ao exterior desde o início da pandemia, para celebrar o Jubileu de Platina da rainha Elizabeth, **WILLIAM** e **KATE,** os duques de Cambridge, desembarcaram em Belize, primeira parada do passeio de uma semana que também inclui Jamaica e Bahamas, já tendo de pular compromisso. Os moradores de uma aldeia indígena dispensaram os ilustres visitantes, com cartazes contra o "legado colonial de roubo" de suas terras. Dois dias depois, na capital jamaicana, Kingston, o batuque animado não abafou totalmente os ecos de um protesto junto à sede do governo, exigindo "desculpas" e "reparação" pelos séculos de escravidão. Prevê-se que em agosto, quando completa sessenta anos de independência, a Jamaica, que ainda tem a rainha como soberana, vai proclamar a República.

ESNOBADA E VINGADA

INSTAGRAM @RACHELZEGLER

"Gente, eu tentei de tudo, mas acho que não vai acontecer. Vou torcer do meu sofá." Com essa mensagem a atriz **RACHEL ZEGLER,** a Maria do remake do musical *Amor, Sublime Amor,* indicado a sete Oscar e dirigido por Steven Spielberg, comunicou a seus seguidores no Instagram que não havia recebido convite para a entrega do prêmio máximo do cinema. O tom era de quem se sentiu esnobada e resolveu se vingar. Deu certo: cinco dias antes da festa, quando em geral todo mundo já até confirmou presença, ela enfim foi chamada para apresentar uma categoria. Como se encontra em Londres filmando *Branca de Neve* — a primeira latina a interpretar a alvíssima personagem —, Rachel, 20 anos, diz que está remexendo a agenda para poder comparecer.

TWITTER @WIKILEAKS

SÓ FALTA O NOIVO

Nos sete anos que passou enfurnado na Embaixada do Equador em Londres, o australiano Julian Assange, 50 anos, responsável pelo vazamento de dados secretos americanos no WikiLeaks, conheceu, namorou e teve dois filhos com a advogada britânica **STELLA MORIS,** 48. Agora, ao completar o terceiro ano isolado na prisão londrina para onde foi transferido, os dois se casaram — ela vestida de noiva, ele de saiote (a família tem raízes escocesas) igual aos de **GABRIEL,** 3, e **MAX,** 4, tudo assinado pela estilista Vivienne Westwood, que faz campanha por sua libertação. A cerimônia foi no horário normal de visita, com o irmão e o pai dele e a mãe dela como convidados. A noiva posou com os rebentos do lado de fora, feliz da vida. Assange, que não é visto desde 2019, acaba de perder sua mais recente apelação contra a extradição para os Estados Unidos. ■

SÍMBOLO Escolha: nos locais onde for permitido, todos têm direito de decidir se mantêm o acessório

O QUE FAZER DE CARA LIMPA

A queda da obrigatoriedade do uso de máscara em boa parte do país traz uma mistura de alívio, ansiedade e polêmica. Na dúvida, deve prevalecer o respeito à lei e à coletividade

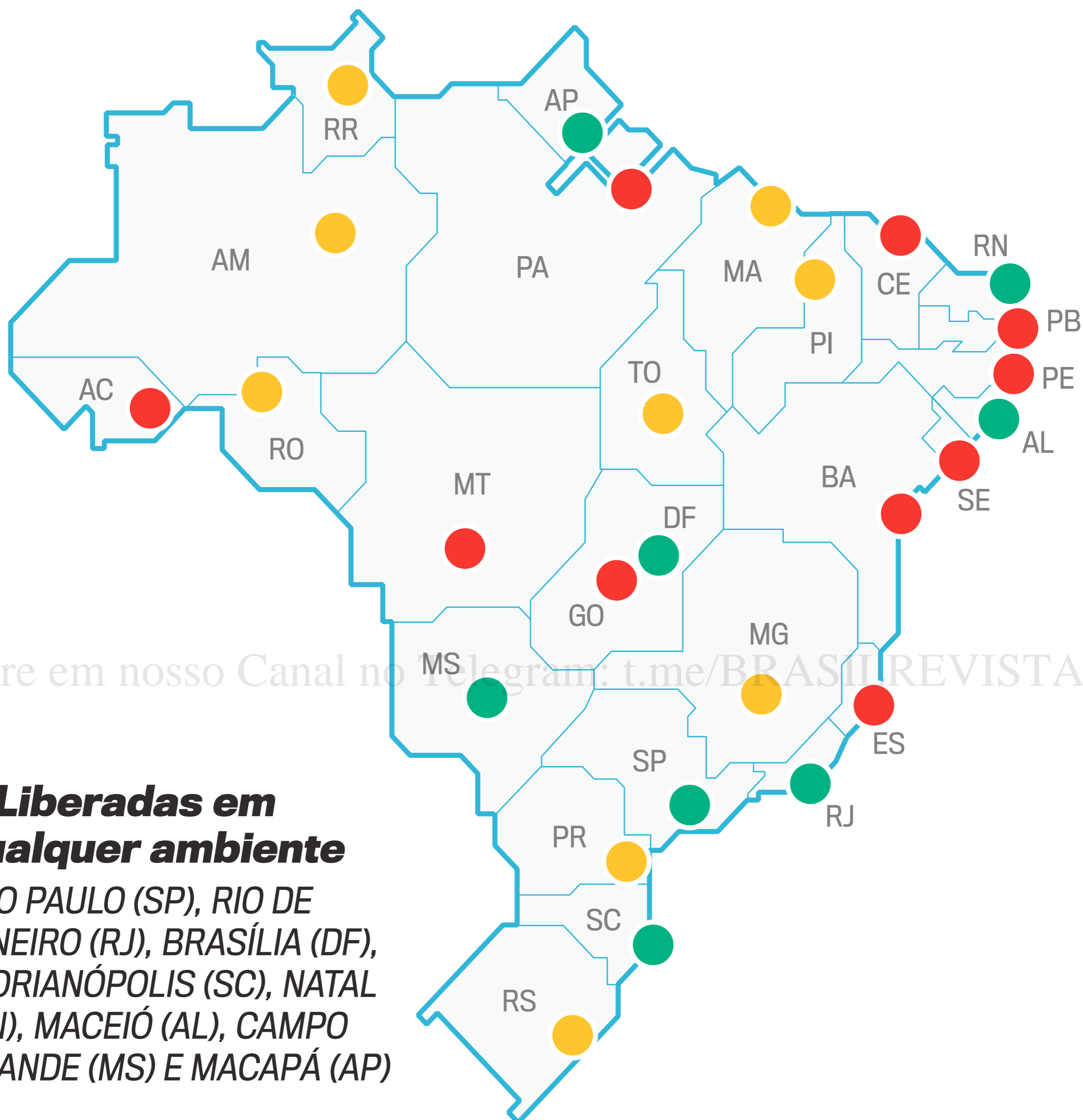
CILENE PEREIRA E **SABRINA BRITO**

ISTOCK/GETTY IMAGES

Depois de dois anos do sobe e desce atordoante nos números de casos e de mortes por Covid-19, o Brasil chegou ao caminho da estabilidade no controle da crise sanitária. Na terça-feira 22, a média móvel diária de novas infecções completou 45 dias sem aumento, ficando na casa dos 35 700, total 23% mais baixo do que o aferido duas semanas antes. O índice médio de óbitos, de 301, vai na mesma tendência, sendo 34% menor do que o contabilizado no dia 25 de fevereiro. O alívio da pressão feita pelo coronavírus nos serviços de saúde permite que, aos poucos, o país levante as restrições impostas para seu controle, culminando na suspensão ou flexibilização do uso de máscara. Em oito capitais, incluindo São Paulo e Rio de Janeiro, o uso é facultativo em ambientes fechados e abertos. Em nove, Belo Horizonte e Boa Vista entre elas, são exigidas somente em locais fechados. No restante, o emprego do equipamento permanece compulsório. A notícia entusiasma. Ela indica que a ciência está vencendo o vírus, ancorada na proteção oferecida pelas vacinas.

Do ponto de vista de boa parte da comunidade científica, o momento da pandemia permite que voltemos a viver no mundo com o rosto descoberto. É fato que a crise sanitária não acabou. Agora mesmo se observa nova subida de casos nos Estados Unidos e ao menos em dezoito dos 53 países europeus. Desta vez, a responsável pelo crescimento é a BA.2, subvariante da ômicron que se espalha desde fevereiro. No entanto, os cientistas a favor da retirada de restrições argu-

TIRA E PÕE

As regras de flexibilização no uso da máscara não são uniformes nas capitais

Liberadas em qualquer ambiente

SÃO PAULO (SP), RIO DE JANEIRO (RJ), BRASÍLIA (DF), FLORIANÓPOLIS (SC), NATAL (RN), MACEIÓ (AL), CAMPO GRANDE (MS) E MACAPÁ (AP)

Suspensas somente em locais abertos

BELO HORIZONTE (MG), BOA VISTA (RR), PALMAS (TO), CURITIBA (PR), MANAUS (AM), PORTO ALEGRE (RS), SÃO LUÍS (MA), PORTO VELHO (RO) E TERESINA (PI)

Obrigatórias em todos os lugares

ARACAJU (SE), BELÉM (PA), CUIABÁ (MT), FORTALEZA (CE), GOIÂNIA (GO), JOÃO PESSOA (PB), RECIFE (PE), RIO BRANCO (AC), SALVADOR (BA) E VITÓRIA (ES)

mentam que as oscilações fazem parte da trajetória que a crise sanitária cumprirá até chegar à etapa de endemia, quando o microrganismo causará doenças, mas não provocará eclosões graves. Além disso, instituições como o Centro de Controle de Doenças (CDC), dos Estados Unidos, entendem que daqui para a frente ações de controle devem ser pautadas pelos índices de hospitalização e não mais por número de infecções. A explicação é que a evolução natural do vírus sugere que ele se tornará mais transmissível, porém menos letal. Por isso, o que deve passar a contar é somente quanto ele gera de doença grave. O processo, aliás, foi visto com a ômicron, que fez explodir os casos no mundo entre novembro de 2021 e fevereiro deste ano, porém sem produzir grande impacto em internações. Baseado nesse pressuposto, o órgão americano foi um dos primeiros a apoiar a queda das máscaras. Somado a isso, há o avanço da cobertura vacinal. Sem dúvida, ela deveria ser maior, como indica a Organização Mundial da Saúde. Há um ano, a entidade previa que 70% da população mundial estaria protegida até junho de 2022. Hoje, o índice está em 58%. Mas em nações como o Brasil, onde as taxas de imunização são bastante satisfatórias, a retirada da obrigatoriedade do uso de máscara seria aceitável. “Embora ela tenha sido importantíssima para nos proteger em momentos de transmissão exacerbada do coronavírus, neste momento seu uso não se justifica mais dada a cobertura vacinal no país”, afirma o infectologista Alberto Chebabo, presidente da Sociedade Brasileira de In-

BRUNO ESCOLÁSTICO/PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

RECEIO Com e sem proteção: há um imenso dilema de expor ou não o rosto de novo após dois anos de cuidados

fectologia. Contudo, não se trata de uma posição consensual. Há centenas de especialistas que consideram a medida precipitada. Entre eles, figura o infectologista Anthony Fauci, conselheiro do governo americano e um dos mais respeitados do planeta. Fauci alega que o número de casos ainda é alto e que o coronavírus já mostrou que pode surpreender depois de períodos de relaxamento, a exemplo do que ocorreu em meados do ano passado, quando o progresso da imunização e a queda de infecções fizeram muitos países sus-

NICOLAS ECONOMOU/NURPHOTO/GETTY IMAGES

PROTEÇÃO Nos aviões: a utilização é compulsória devido ao pequeno distanciamento

pender restrições para depois serem obrigados a voltar atrás após a eclosão da ômicron.

Por baixo do debate, repousa a complexidade do assunto *(leia a coluna de Walcyr Carrasco).* A discussão sobre a pertinência de aposentar ou de manter as máscaras atravessa fatores variados e, por isso mesmo, não pode ser reduzida a vieses políticos ou cair na vala do radicalismo. Não se pode dividir os indivíduos entre os que não querem mais utilizar o acessório e que, dessa forma, seriam negacionistas, e os que continuam a

E AGORA, PAIS?

Como explicar às crianças que a máscara pode ser dispensável depois de dois anos tendo sido ensinadas a usá-la como proteção

1. Deixe claro que o acessório permanece protegendo contra doenças virais respiratórias e que, no caso da Covid-19, ainda não há consenso sobre a pertinência de suspender sua utilização neste momento

2. Explique que as regras são diferentes de acordo com a situação. Em muitas escolas, elas continuam obrigatórias e a ordem deve ser obedecida

3. Estimule a criança a respeitar decisões contrárias às dela quando elas estão de acordo com a regra do local

4. Se o uso for solicitado na casa de um amigo, por exemplo, incentive a criança a cumprir o pedido. É educado e gentil, mesmo que na própria família a utilização tenha sido suspensa

5. Se a criança preferir usar o acessório em local onde ele é dispensado, respeite a decisão e a encoraje a manter sua posição a despeito de comentários jocosos ou agressivos

Fontes: *The Conversation/Elizabeth Englander, Bridgewater State University e Katharine Covino-Poutasse, Fitchburg State University*

adotá-lo, sendo, portanto, igualmente partidários desta ou daquela ideologia. Em primeiro lugar, máscaras não são objetos políticos. São ferramentas de proteção à saúde. Depois, deve-se ficar claro que as determinações sobre o uso do acessório variam segundo a localidade, e a orientação precisa ser obedecida. A imposição ainda vale para estabelecimentos de saúde, transporte público, pontos de acesso controlado nos aeroportos, como as salas de embarque, e aeronaves — nesse caso, a exigência se deve ao fato de serem ambientes nos quais se concentram pessoas de origens, perfis epidemiológicos e proteção vacinal distintos, além de não terem espaço para distanciamento físico. Ainda há as instituições com autonomia para decidir a própria conduta, como as universidades estaduais de São Paulo.

Embora o uso tenha deixado de ser obrigatório em todo o estado, a Universidade de São Paulo, a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Estadual Paulista mantiveram a imposição dentro das salas de aula. Observadas as normas onde elas existem, todos têm a liberdade de escolher o que fazer. Muita gente continua utilizando o acessório por medo de contaminação ou, no caso de adolescentes, por dificuldade em expor novamente o rosto. “Eles estão bem ansiosos com isso”, diz a psiquiatra Miriam Gorender, da Universidade Federal da Bahia. Grande parte das escolas e das empresas também optou por prosseguir com a obrigatoriedade. Nesses casos, mesmo contrariados, os indivíduos precisam seguir a norma em respeito à cidadania. O momento é de transição, de insegura volta à vida como ela era, e é certo que voltaremos. ■

O VALOR DA FELICIDADE

Levantamento feito durante a pandemia de Covid-19 mostra que a chave para permanecer de bem com a vida é apostar na empatia e na benevolência em momentos de crise **PAULA FELIX**

SUPORTE Riso solto de um menino finlandês: as nações no topo são as que oferecem mais apoio social

ISTOCK/GETTY IMAGES

A FELICIDADE é o ideal mais cobiçado pelo ser humano. Ela inspira a humanidade no campo artístico, é fonte de reflexões e impulsiona transformações individuais e coletivas. Ao filósofo Tales de Mileto é atribuída a definição mais antiga. Na concepção do grego, era feliz quem tinha o "corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada". Mais de 2 000 séculos depois, Tom Jobim cantou o sentimento como algo que "voa tão leve mas tem a vida breve", ao sintetizar a forma como o conceito passaria a ser encarado, com ceticismo. Em um mundo tão sombrio, seria difícil desfrutar sensações tão boas por muito tempo. Ou, nas palavras irônicas de John Lennon, "a felicidade é uma arma quente".

É verdade. Mas o Relatório Mundial da Felicidade, que acaba de ser divulgado, traz uma bela surpresa. Diante das adversidades, a felicidade pode realmente ser fugaz. Mas é possível reinventá-la, alimentá-la com outras fontes até que reapareça devolvendo aos indivíduos a satisfação com a vida apesar da dor. Realizado pelo instituto Gallup World Poll, o estudo é um dos termômetros mais bem calibrados do bem-estar geral das nações. A versão de 2022 mede o humor da civilização em um momento único: os dois anos de pandemia. Os dados foram colhidos entre 2019, naquele mundo como o conhecíamos, e os dois primeiros anos da atual tragédia sanitária. Era esperado que, de maneira geral, os índices despencassem. No entanto, não foi o que aconteceu. Descobriu-se que a responsável por sustentar boas taxas de felicidade mesmo em temporada amarga foi uma

CAMPEÕES DE ALEGRIA

As dez nações mais felizes do mundo

1º Finlândia

2º Dinamarca

3º Islândia

4º Suíça

5º Holanda

6º Luxemburgo*

7º Suécia

8º Noruega

9º Israel

10º Nova Zelândia

38º BRASIL

Na análise de 2017 a 2019, o país estava na 29ª posição

* Média referente apenas ao ano de 2019

Fonte: *Edições 2017-2019 e 2019-2021 do World Happiness Report*

mistura de exercício de empatia com benevolência. Ajudar o outro, comprovou o documento, é sentir-se bem.

Há algum tempo as pesquisas na área demonstram que a solidariedade está na base de uma vida mais gratificante. “Pessoas mais engajadas socialmente e que encontram um propósito na vida demonstram maior felicidade”, diz a neurocientista Elisa Kozasa, do Instituto de Ensino e Pesquisa da Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein, de São Paulo. O que o levantamento deixa agora claro é o tamanho da prática de benemerência na promoção do bem-estar. Entre 2020 e 2021, houve um salto de 25% nas atividades de voluntariado, de auxílio a estrangeiros e de doações em relação ao período pré-pandêmico. Essas ações atenuaram par-

te do sofrimento entre quatro paredes e fora delas com o coronavírus. “A onda de benevolência gerada na pandemia fornece evidências poderosas de que as pessoas respondem muito bem quando é preciso auxiliar outros seres humanos”, explica o professor John Helliwell, da Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, autor de um dos capítulos do relatório. “Além disso, a corrente gera felicidade aos beneficiários, bons exemplos para quem está do lado e uma vida melhor aos que trabalham pelos próximos.”

O relatório apresenta o ranking de felicidade entre as 146 nações pesquisadas. A Finlândia ocupa a primeira posição pelo quinto ano consecutivo, seguida por Dinamarca, Islândia, Suíça e Holanda. O Brasil aparece na 38ª posição, uma queda de 9 pontos em relação ao levantamento anterior,

STAN GODLEWSKI/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

NA PELE Laurie Santos: a professora de felicidade pifou, e esteve à beira do burnout

“DEDIQUE-SE À GRATIDÃO”

Professora de psicologia da Universidade Yale, nos Estados Unidos, Laurie Santos é reconhecida mundialmente como uma especialista em felicidade. A abertura de seu curso sobre o tema voltado aos estudantes da renomada universidade americana, em 2018, foi um sucesso. Seu curso on-line “A ciência do bem-estar” foi visto por mais de 3,8 milhões de pessoas e o podcast com seus ensinamentos tem 65 milhões de downloads. Além da sólida formação acadêmica, Laurie agora pode ensinar com base em sua experiência pessoal. Recentemente, ela se afastou das atividades em Yale para evitar uma crise de burnout, síndrome caracterizada pela exaustão física e mental associada ao trabalho. Nesta entrevista a VEJA, Laurie Santos fala a respeito do episódio, sobre estratégias para uma vida melhor e adianta que a satisfação com a vida não virá sem esforço.

Se as pessoas leem livros sobre felicidade e muitas frequentam cursos, por que tanta dificuldade para sentir-se bem? A felicidade dá trabalho. Muitas vezes você pode saber o que precisa fazer para estar melhor, mas frequentemente é muito complicado pôr essas estratégias em ação.

É possível elencar técnicas para a felicidade? Quais seriam as três fundamentais? Primeiro, se você quer ser mais feliz deve se tornar mais social. Todos os estudos disponíveis sobre conexão social sugerem que as interações melhoram sua felicidade. Até mesmo falar com um estranho pode melhorar seu humor. Segundo, dedique mais tempo a sentir gratidão pelo que

tem e dispense menos minutos pensando naquilo que acha que precisa. Finalmente, preste atenção no momento presente, no aqui e agora. Ioga e meditação podem ajudar.

A senhora entrou em licença médica para evitar uma crise de burnout. Como isso aconteceu? Não me ausentei porque estava em burnout. Saí antes de entrar nesse estado. Notei alguns sintomas surgindo. Fiquei mais cínica, exausta e não me sentia eficaz no trabalho. Decidi dar um tempo antes de piorar. Meu caso é o de uma professora de felicidade que notou os sinais de algo errado e agiu para se sentir melhor.

Simone Blanes

com dados de 2017 a 2019. A informação não surpreende. O país enfrenta um dos piores momentos de sua história recente, com evidente aumento de miséria nas ruas, sinônimo da desigualdade social e atalho para a tristeza. Lá no chão da lista estão nações mergulhadas em conflitos sem solução à vista, invariavelmente em permanente guerra civil, como o Afeganistão, o último colocado. "A nota dada pelos afegãos à qualidade de vida foi de apenas 2,4, em uma escala que vai a 10", lamenta Jan-Emmanuel De Neve, diretor do Centro de Pesquisa de Bem-Estar da Universidade de Oxford, na Inglaterra, e um dos autores do levantamento.

Na conta da felicidade realizada pelo instituto, entram fatores subjetivos e outros bastante concretos. A pesquisa é

feita durante três anos. Em cada período, são colhidas autoavaliações que cada entrevistado faz da qualidade de sua vida em uma escala que vai de zero a 10, sendo essa última gradação a que exprime "a melhor possível". Na outra esfera, são contabilizadas seis variáveis perfeitamente mensuráveis: PIB per capita, apoio social, expectativa de vida saudável, liberdade, generosidade e corrupção.

Os marcadores ajudam a entender os motivos que levam os países nórdicos a ter destaque no ranking. Finlândia, Dinamarca e Islândia são conhecidas por oferecer a seus habitantes uma sólida estrutura de apoio social e econômico, a possibilidade do pleno exercício dos direitos individuais e instituições eficazes e respeitáveis. Tudo isso foi posto à prova durante a pandemia e os resultados mostraram-se extre-

FELIX MAN/POST PICTURE/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

RIQUEZA Baile em Londres durante a II Guerra: Churchill os promovia para alimentar o ânimo da população

mamente satisfatórios. A educação, a segurança, o tempo para o lazer e a chance de viver em cidades limpas e organizadas também contribuem para que os cidadãos demonstrem elevados níveis de confiança pessoal e nas instituições.

A relevância de documentos como o produzido pelo Gallup World Poll ultrapassa a mera curiosidade. Na última década, índices que aferem os níveis de prazer com a vida passaram a ser considerados na formulação de políticas públicas, selando o afortunado casamento entre as ciências da felicidade e da economia. Constatou-se que quando o patamar de bem-estar entra na planilha de pla-

NELSON ALMEID/AFP

RETROCESSO Miséria nas ruas de São Paulo: sinônimo de tristeza no Brasil

nejamento, as iniciativas têm maior chance de resultar em ganhos efetivos de qualidade de vida para a população. E cidadãos mais satisfeitos produzem melhor, adoecem menos e contribuem para que a rotina do país se mantenha em ordem. O Butão, o Reino Unido e a Nova Zelândia utilizam essas métricas. Os dados são aplicados para preparar, priorizar e monitorar projetos governamentais.

A Nova Zelândia, por exemplo, emprega a denominação "Orçamento de bem-estar" há três anos e registrou estatísticas de satisfação com a vida em seu levantamento sobre Orçamento no ano passado. O país comandado pela primeira-

ministra Jacinda Ardern é tradicionalmente conhecido pelos bons serviços públicos e foi exaltado mais de uma vez por sua conduta na pandemia. O Butão, por sua vez, serviu de inspiração para a criação do relatório do Gallup depois de começar a medir a felicidade interna bruta.

O índice nasceu nos anos 1970, quando Jigme Singye Wangchuck, rei do país asiático localizado entre a China e a Índia, pôs à mesa uma ideia: o nível de riqueza de uma nação não deveria ser mensurado apenas por produtos ou consumo, como manda a tradição, mas também pelo conforto mental de seu povo. Desde então, entraram no cálculo do Butão fatores como espiritualidade e acesso à cultura. Entender que a felicidade tem valor para além do próprio sentido existencial, do hedonismo, é uma grande evolução. Ele costuma ser percebido justamente nos momentos mais agudos, como uma pandemia ou uma guerra. Não por acaso, e não apenas como consolo, o governo do primeiro-ministro britânico Winston Churchill promoveu bailes em parques londrinos durante a II Guerra Mundial. O Reino Unido venceu, nas armas e na diplomacia, mas também porque soube rir dentro do possível. Ainda que, já informou o poeta brasileiro, tristeza não tenha fim, felicidade sim. ■

MAIS *COOL*, IMPOSSÍVEL

Em vez de se aposentar, como é costume, o ex-presidente Barack Obama participa de vários projetos e, junto com Michelle, faz sucesso em toda parte

ERNESTO NEVES

RICO E FAMOSO Obama: selfies durante a gravação da série sobre parques

PETE SOUZA/NETFLIX

O QUE AINDA RESTA para um presidente dos Estados Unidos fazer depois de comandar o país mais poderoso do mundo? A maioria sai do governo para uma aposentadoria dignamente discreta e reclusa, aparecendo pouco e limitando os palpites políticos aos bastidores do partido. Há exceções, claro. Jimmy Carter (1977-1981) envolveu-se em projetos humanitários que lhe renderam o Nobel da Paz em 2002. Bill Clinton (1993-2001) criou uma fundação para tratar de questões como aids e aquecimento global e assessorou a trajetória da mulher, Hillary, na carreira política. Donald Trump (2017-2021) segue candidato, boquirroto e provocador, como se a derrota para Joe Biden fosse um soluço nos seus altos propósi-

ADAM ROSE/NETFLIX

SIMPATIA Michelle lança programa infantil: agitação fora da Casa Branca

tos. Nenhum ocupante da Casa Branca nos tempos modernos, no entanto, se reinventou com tanta habilidade e sucesso financeiro quanto Barack Obama (2009-2017). Frequentadores assíduos das redes sociais, Obama, 60 anos, e a mulher, Michelle, 58, viraram uma espécie de influenciadores de alto padrão, arrebanhando uma legião de admiradores e seguidores de tudo o que fazem, dos projetos mais ambiciosos à postagem de fotos fofas em datas comemorativas.

A mais recente incursão do ex-presidente é no papel de apresentador. Nos cinco episódios da série documental *Os Parques Nacionais Mais Fascinantes do Mundo,* que chega ao catálogo da Netflix em abril, ele explora santuários da natureza mundo afora, incluindo a Patagônia chilena e a re-

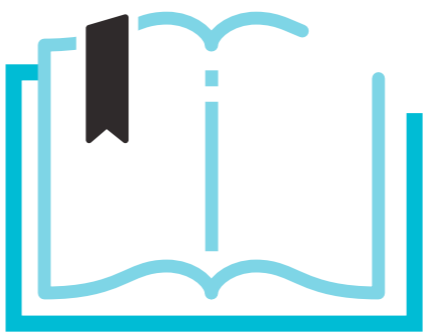
serva de Gunung Leuser, na Indonésia — parando em toda parte para atender a pedidos de selfies e autógrafos. “Um peixe que sabe andar. Hipopótamos surfistas que pegam ondas. Espécies não encontradas em nenhum outro lugar da Terra”, diz Obama, no chamativo trailer da série. A cruzada ecológica integra o pacote de 50 milhões de dólares (estimativa — o total não foi divulgado) que a produtora do casal, a Higher Ground, assinou com a plataforma de streaming. Logo de cara, *Indústria Americana,* sobre a compra de uma fábrica de Ohio por um bilionário chinês, ganhou o Oscar de melhor documentário em 2020.

A mesma Higher Ground (nome de uma música de Stevie Wonder, de quem os dois são fãs) assina *Crip Camp: Revolução pela Inclusão,* a respeito da luta de deficientes físicos

por direitos, e o desenho *Lições de Cidadania*, com lições cívicas. Michelle também promoveu em pessoa a série infantil *Waffles + Mochi*, que fala de ingredientes e receitas de comida saudável, um tema que desenvolve desde os tempos de primeira-dama. "São histórias cuidadosamente selecionadas para dar ênfase a assuntos pouco vistos na TV e no cinema", diz Justin Vaughn, cientista político da Universidade Esta-

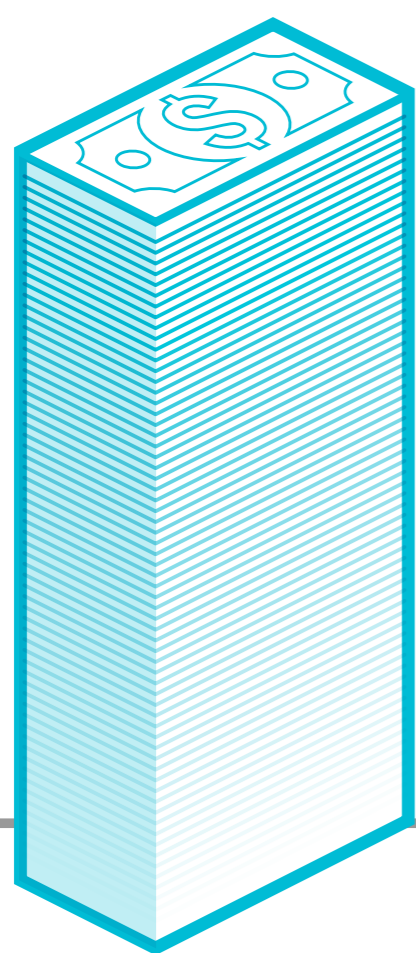
VALOR AGREGADO

Em matéria de patrimônio, os Obama não têm do que reclamar desde que deixaram a vida pública (estimativas em dólares)

135 milhões
é a fortuna do casal, 100 vezes mais do que o 1,3 milhão declarado quando chegaram à Casa Branca, em 2009

65 milhões
foi o adiantamento da editora Penguin Random House, em 2017, pelas autobiografias *Minha História* (dela) e *Uma Terra Prometida* (dele)

dual de Boise. A empresa também cria podcasts para a plataforma musical Spotify, entre eles *Renegades: Born in the USA,* de grande audiência, em que Obama troca figurinhas com o roqueiro Bruce Springsteen. Seguindo uma tradição iniciada ainda na Casa Branca, o ex-presidente divulga todo ano a playlist das canções que mais ouviu — a de 2021 ia de Rolling Stones e Bob Dylan a Lil Nas X e Brandi Carlile.

Antes do contrato com a Netflix, os Obama tinham recebido 65 milhões de dólares de adiantamento por suas autobiografias, quantia muito bem gasta pela Penguin Random House — só a de Michelle, *Minha História,* bateu todos os recordes de venda. Requisitados em festas e eventos, os dois têm nas palestras outra formidável fonte de renda: ele cobra 400 000 dólares cada uma e ela, 225 000. De milhão em milhão, o patrimônio do casal *(veja o quadro)* é calculado atualmente em 135 milhões de dólares, 100 vezes mais do que quando ambos entraram na Casa Branca. Parte da for-

50 milhões
é quanto a produtora dos Obama vai ganhar para entregar seis programas à Netflix

400 000
é o cachê de Obama para uma palestra. Michelle cobra 225 000 dólares

tuna foi investida na compra de duas mansões, uma de 12 milhões de dólares em Martha's Vineyard, ilha onde ricaços passam o verão, no litoral de Massachusetts, e outra de 8 milhões no exclusivo bairro de Kalorama, em Washington, a cinco minutos da Casa Branca e que tem Jeff Bezos, dono da Amazon, entre os vizinhos.

Simpáticos e carismáticos, ele de roupa esportiva e ela frequentemente de short, Barack e Michelle Obama circulam entre celebridades, com quem passam férias no Caribe e navegam de iate em mares europeus. Em outras ocasiões, aparecem como gente "normal" acomodando a filha mais velha no alojamento da universidade e comparecendo à formatura da mais nova no ensino médio. "A pós-Presidência de Obama é única porque ele também foi um político com características inovadoras", avalia Mark Updegrove, autor de *Second Acts,* sobre a aposentadoria de líderes americanos. Com tanto cacife, a grande indagação é se a política realmente ficou para trás ou se, no futuro, um Obama — Barack? Michelle? — voltará a se candidatar. Popularidade não falta. ■

INSTAGRAM @LEKA.SPB.BALLET

PASSO PARA FORA DO PAÍS Smirnova, do Bolshoi, a caminho do Balé Nacional da Holanda: "Vergonha da Rússia"

A DANÇA DA DISSIDÊNCIA

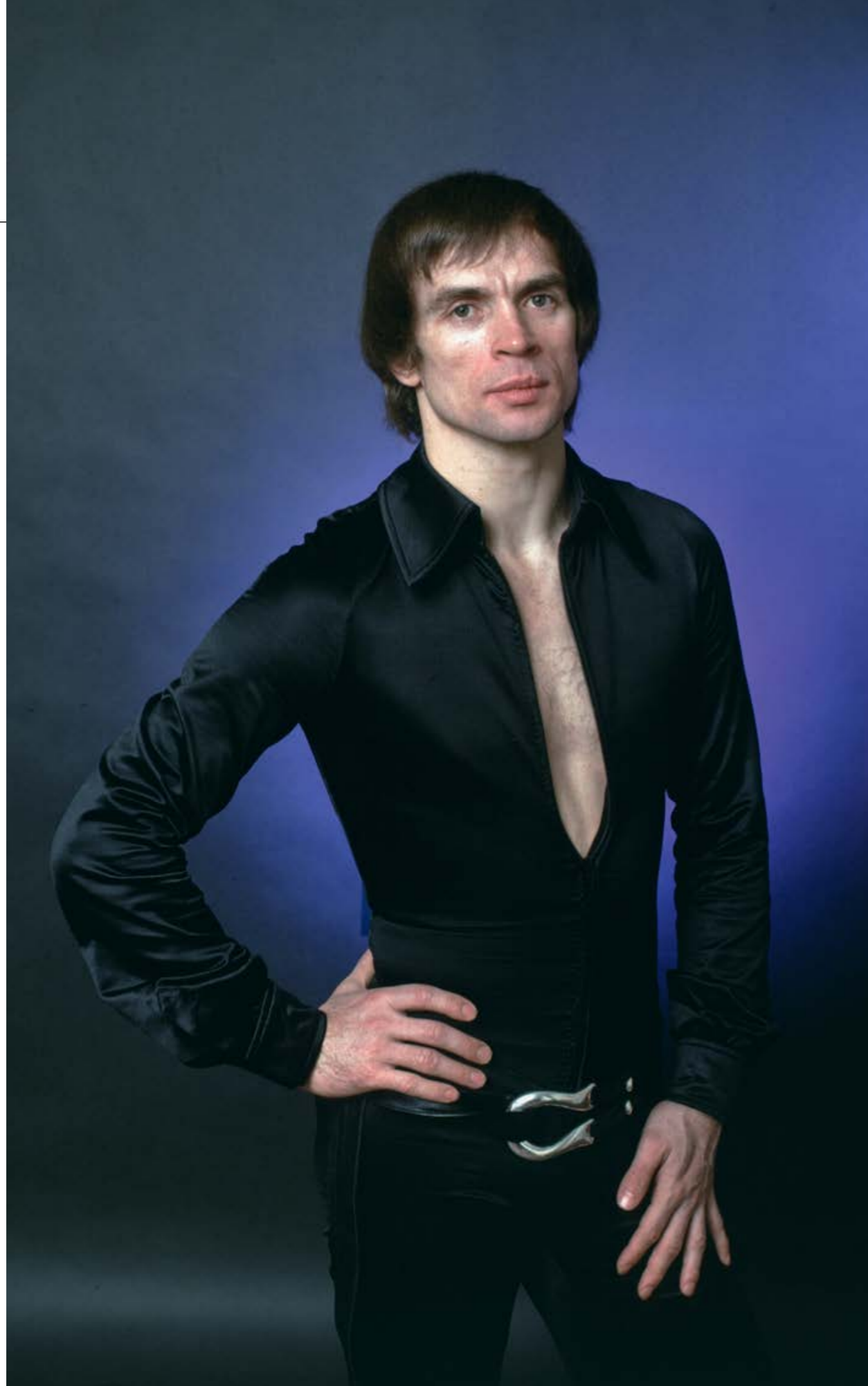
Um modo de entender as crises políticas russas é acompanhar o número de bailarinos que deixam as grandes companhias clássicas de Moscou e São Petersburgo **FÁBIO ALTMAN**

“NUNCA PENSEI que teria vergonha da Rússia. Mas agora acho que foi traçada uma linha que separa o antes e o depois.” Foi assim, numa publicação no Telegram, que a primeira-bailarina do Bolshoi, Olga Smirnova, anunciou a saída da trupe moscovita. Nascida e criada em São Petersburgo, tendo um dos avós ucraniano, ela se juntou ao Balé Nacional da Holanda. Fará o *pas de deux* com o solista brasileiro Victor Caixeta, bailarino de Uberlândia que saiu do Mariinsky, celebrada instituição artística da cidade das noites brancas de Dostoiévski. “Tive de tomar a difícil decisão de deixar a Rússia, o lugar que foi minha casa durante quase cinco anos”, publicou em suas redes sociais. Outro brasileiro, o fluminense David Motta Soares,

também do Bolshoi, arrumou as malas e partiu. “Tenho muitos amigos na Ucrânia, e nem de perto consigo imaginar o que eles podem estar passando, que meu coração fique com eles”, escreveu.

A defecção de Olga, Victor e David, entre outros, ecoa a postura de duas das maiores lendas da dança no tempo da União Soviética. Em 1961, em uma turnê do balé Kirov em Paris, consentida pelas autoridades do Kremlin porque ajudaria a espalhar a grandeza da cultura soviética, o tártaro Rudolf Nureyev deu um jeito de não voltar para casa. Já no aeroporto parisiense de Le Bourget, como quem fizesse um *assemblé* acrobático, pulou uma catraca e avisou: “Quero ser livre”. Em 1974, foi a vez de Mikhail Baryshnikov, asilado em Toronto, no Canadá.

JACK MITCHELL/GETTY IMAGES

JULIO DONOSO/SYGMA/GETTY IMAGES

PARIS E NOVA YORK Nureyev e Baryshnikov: exílio no tempo da URSS

Há um padrão: o balé, tão leve, tão delicado, tão sublime, é desde sempre termômetro da ebulição da Rússia. Se há movimento de dissidência, é porque as engrenagens do poder incomodam — ou, como escreveu Smirnova, uma linha foi desenhada, impondo alguma tomada de posição. “Não posso agir como se nada estivesse acontecendo”, disse Motta Soares.

A diáspora dos dançarinos, portanto, é uma medida política. A revista britânica *The Economist* mantém o “índice Big Mac”, afeito a medir o poder de compra em mais de 100 países a partir do preço do sanduíche. Um suposto “índice sapatilha no exílio” mediria o incômodo dos russos, e de quem vive lá, ante o autocrata de plantão. Não por acaso, como confirmação da relevância da suprema

arte aos olhos do mundo, o ex-primeiro ministro Dmitri Medvedev, fantoche de Vladimir Putin, chamou o balé, há alguns anos, de "arma secreta". Ou, na linguagem diplomática, o *soft power* destinado a fixar imagens edulcoradas e mover montanhas, a derradeira ferramenta pacífica apresentada antes de as bombas caírem.

O balé, enfim, especialmente a escola clássica daquela região do mundo, ajuda a entender a guerra de agora. Quando a estação de TV russa independente Dozhd foi retirada do ar pelo governo, no início do mês, o derradeiro ato foi pôr nas telas cenas do *Lago dos Cisnes*. "Foi uma trolagem épica", diz o historiador Simon Morrison, autor do livro *Bolshoi Confidencial*. A mesmíssima filmagem

foi exibida em rede quando os tanques desfilaram por Moscou, em 1991, depois de Mikhail Gorbachev ser capturado em sua dacha na Crimeia. "Quando o golpe foi deflagrado, as telas ficaram com Tchaikovsky porque não queriam que as pessoas soubessem o que estava acontecendo", lembra Morrison. Ou seja: o *Lago dos Cisnes* de fevereiro de 2022 era a senha para que a população fosse avisada de que algo muito ruim — e censurado pelas autoridades — estava acontecendo na Ucrânia. A mensagem foi entendida por boa parte do povo, para quem o balé é tão popular quanto o futebol. Viralizou, aliás, durante a Copa do Mundo de 2018 a linda imagem das bailarinas do Bolshoi, de tutu, debruçadas no celular, no intervalo de uma das apresentações, para acompanhar uma partida

INSTAGRAM @GAGLIANONEBRUNA

NA REDE E DE TUTU No intervalo do espetáculo: a Copa de 2018 no celular

decisiva da Rússia. A fotografia foi feita pela maranhense Bruna Gaglianone, bailarina do teatro, e que há duas semanas também disse adeus à casa.

É possível que os bailarinos sem chão retornem a Moscou e São Petersburgo, a depender do futuro dos combates na Ucrânia e do concerto global. Por ora, a debandada comprova que há algo fora de ordem na nova ordem mundial. Se não voltarem, vale lembrar a frase irônica e dura de Nureyev, instado a dizer o que sentia sem pátria: “Nunca lamentei ter deixado a Rússia. Para mim, um país é apenas um lugar para dançar”. ■

AGORA ELES FALAM

Assistentes que conversam, sistemas que aprendem com hábitos do motorista e grades que se regeneram sozinhas: as tecnologias da ficção que equipam os novos carros **SABRINA BRITO**

BMW iX

Vendido como o primeiro carro inteligente do Brasil, o veículo tem assistente pessoal que dialoga com o condutor. Ele é capaz até de contar piadas, mas sem palavrões. O mimo custa 655 000 reais

MARK FAGELSON

PRIMEIRO surgiram os displays digitais, os alarmes de estacionamento e a conexão com celulares. Depois, vieram os computadores de bordo, câmeras com sensores, assistentes pessoais, sistemas eletrônicos e o piloto automático, equipamentos que tornaram o ato de guiar inevitavelmente mais fácil — e, certamente, mais aborrecido para alguns. Agora, os carros da novíssima geração têm tecnologia embarcada semelhante à de aeronaves ou até superior, a depender do modelo. E incrível: eles até falam.

Não é jeito de dizer. No BMW iX, o condutor pode pedir ao "assistente pessoal inteligente" que conte uma piada durante a viagem — seu estoque de causos é variado, mas por enquanto palavrões não foram incorporados ao

software — ou perguntar à máquina qual música está tocando. O fabricante alemão garante que o modelo elétrico reduziu pela metade os controles físicos exigidos para o motorista operar o veículo e promete a regeneração automática de riscos superficiais na grade dianteira do carro. "O futuro, sem dúvida, é elétrico, conectado e autônomo", afirma João Veloso Jr, head de comunicação corporativa da BMW no Brasil.

Os sistemas de inteligência do BMW iX são ajustáveis, o que significa que eles aprendem com o tempo, mas jamais se tornam aparvalhados — a não ser que quebrem, é claro. O executivo conta que o carro memoriza os hábitos do motorista e pode realizar ações sozinho, como, digamos, abrir o vidro ao cruzar o portão de entrada do edifí-

MIKEL PIETRO

AUDI RS E-TRON GT

O esportivo elétrico simula o ronco do motor a combustão, tem suspensão que se adapta ao terreno e pode ser carregado em tomadas residenciais. Custa cerca de 1 milhão de reais

cio onde o dono do veículo mora ou trabalha. Até o compositor Hans Zimmer, vencedor do Oscar, participou da criação de um sistema de proteção acústica de pedestres, que permite que as pessoas escutem a aproximação do carro. De acordo com a montadora, engenheiros brasileiros foram importantes para o teste e solução de problemas nos sistemas de entretenimento, comando por gestos e interface de voz no automóvel. Cada carro sairá por cerca de 655 000 reais na pré-venda e chegará ao país em abril.

INGO BARENSCHEE

ID BUZZ

Embora seu visual faça referência aos modelos clássicos, a nova geração da Kombi será elétrica, com assistente pessoal e capacidade para se adaptar ao motorista. Ela chega ao mercado no segundo semestre

A montadora de automóveis de luxo está longe de ser a única a investir em tecnologias sofisticadas. A também alemã Audi lançou recentemente o seu primeiro esportivo elétrico, o RS e-tron GT, que conta com suspensão a ar adaptativa. Em linhas gerais, ela regula automaticamente a altura do veículo, assim como seus sistemas de amortecimento. Até o tradicional ronco do motor a combustão, ausente nos automóveis elétricos, é simulado por um equipamento colocado no porta-malas. A curiosa solução é feita para agradar

aos amantes dos carros tradicionais que estão entrando no mundo dos elétricos. O preço do mimo é salgado: aproximadamente 1 milhão de reais. Não que isso faça muita diferença para o público-alvo. Em 24 horas, todo o lote inicial, de cinquenta unidades, foi vendido no Brasil.

Até a icônica Kombi, veículo de transporte de carga raçudo que fez sucesso nos anos 70 e 80, entrou na onda dos carros inteligentes. No segundo semestre, a Volkswagen começará a vender na Europa a versão elétrica da famosa perua, chamada agora pelo nome pomposo ID Buzz. O veículo virá com um sistema multimídia cujo software é atualizado por redes sem fio, assistente pessoal e painel de instrumentos digital. Também terá funções modernas, como o aprendizado com os hábitos do motorista.

Pouco a pouco, os automóveis deixam de ser um simples meio de locomoção para se tornarem verdadeiras centrais multimídia de alto rendimento, ganhando cada vez mais autonomia. De fato, poucos setores da indústria passaram por tantas transformações nos últimos anos quanto o segmento automotivo. E vem mais por aí. “No futuro, a própria Carteira Nacional de Habilitação passará a ser opcional”, diz Veloso. “A partir do momento em que o carro conseguir tomar decisões sozinho, o trânsito ficará mais seguro e o documento não fará mais sentido.” Para o consumidor, a nova realidade mudará por completo a relação que ele tem com o automóvel. Bastará apertar os cintos e apreciar a viagem, deixando que a máquina faça todo o resto. Inclusive conversar com ele. ■

ARQUIVO PESSOAL

TORTURARAM O MEU BEBÊ

Leonardo Duarte, 25 anos, lembra da dor dilacerante ao saber que o filho foi alvo de maus-tratos na creche

QUANDO meu filho nasceu, eu e a mãe dele, de quem já estava separado, vivíamos a angústia de qualquer casal jovem que tem criança pequena, trabalha muito e não ganha tanto para montar um superesquema em casa. Decidimos matricular Gustavo, então com 4 meses, em uma escolinha da Zona Leste de São Paulo. A dona morava no mesmo condomínio da minha ex-companheira e todos no bairro davam boas referências de lá. Custava 1 400 reais por mês, um sacrifício, mas era em tempo integral e pagávamos pela tranquilidade de deixá-lo bem cuidado. Mal sabíamos que ele estava prestes a ser alvo de maus-tratos, uma monstruosidade sem tamanho que me abriu uma ferida no peito como nenhuma outra. Um adulto tem defesas. Já uma criança é presa fácil.

Assim que entrou na creche, Gustavo começou a adoecer com frequência. Achamos normal, fruto da convivência com outras crianças, até que a situação ficou mais séria. Recebe-

mos uma ligação da escolinha dizendo que nosso filho estava mole, com dificuldade para respirar. Ele passou dois dias internado no hospital. Mas melhorou e nos tranquilizamos. Aos poucos, porém, fomos notando mudanças em seu comportamento. No meio da noite, começou a chorar mais e mais e a acordar assustado. Sempre que íamos pegá-lo na creche, parecia abatido. A diretora e as funcionárias prontamente explicavam: ora estava cansado de tanto brincar, ora sonolento porque havia acordado naquele instante. Hoje, olhando em retrospecto, me sinto mortalmente culpado por não ter percebido esses sinais que estavam bem na minha frente. Não me perdoo.

No início de março, veio a notícia que mudaria tudo.

A avó do Gustavo foi pegá-lo na escola e avistou uma viatura da polícia na porta. Ficou nervosa e falou com a diretora, que, lacônica, avisou que faria uma reunião no dia seguinte para esclarecer os fatos. No encontro, ela alegou que se tratava de uma denúncia falsa, feita por uma ex-funcionária que pediu aumento e não levou. O tempo todo afirmava ser vítima de uma armação e pedia a solidariedade dos pais. Alguns a apoiaram, chegaram inclusive a abraçá-la. Resolvemos esperar o desenrolar do caso e ainda deixamos Gustavo na creche aquele dia. Minutos depois, deu-se o pesadelo. Uma professora escreveu à minha ex-companheira para que fizesse uma busca na internet com o nome da escola, Colmeia Mágica. Foi quando ela viu o fatídico vídeo, com imagens que nunca vão nos deixar. Gustavo aparecia com os

braços amarrados por um lençol, em um bebê-conforto no chão de um banheiro sem ventilação, ao lado do vaso sanitário. As professoras alimentavam as crianças com a mesma colher. Um show de horrores.

Logo outros detalhes vieram à tona em relatos e vídeos em poder da polícia. Quando choravam, os bebês eram levados ao banheiro para não incomodar a vizinhança, e a diretora da creche colocava um pano no rosto deles, justificando que isso os acalmaria. Os mais velhos ficavam de castigo no chão da sala dela e dormiam, exaustos, depois de tanto berrar. Tenho chorado sem parar. Sinto que falhei em proteger meu filho, que completou 11 meses e foi torturado durante oito — ele e mais vinte crianças. Pedi licença no trabalho para

ter tempo. Mesmo separados, eu e a mãe dele decidimos passar uma temporada juntos para lhe dar amor e cuidado. Por ora, não tenho coragem de deixá-lo com ninguém. Ele está agitado, debate-se durante a noite e não suporta que o cubram com lençol. Outro dia, fui à escola. Havia ali uma viatura e me aproximei da diretora. Queria entender algo que não entra na minha cabeça: por que meu filho foi maltratado desse jeito? Ela deu uns passos para trás, e o policial pediu que me acalmasse, que era para confiar na investigação. A responsável pela creche já foi presa por determinação da Justiça. Que ela seja exemplar ao punir os envolvidos e sirva para evitar que outras famílias sintam a mesma dor. ■

Depoimento dado a Camille Mello

FÓRMULA Reforma: no Brasil, o sistema de educação ensina cálculo muito tarde, mas isso deverá mudar em breve

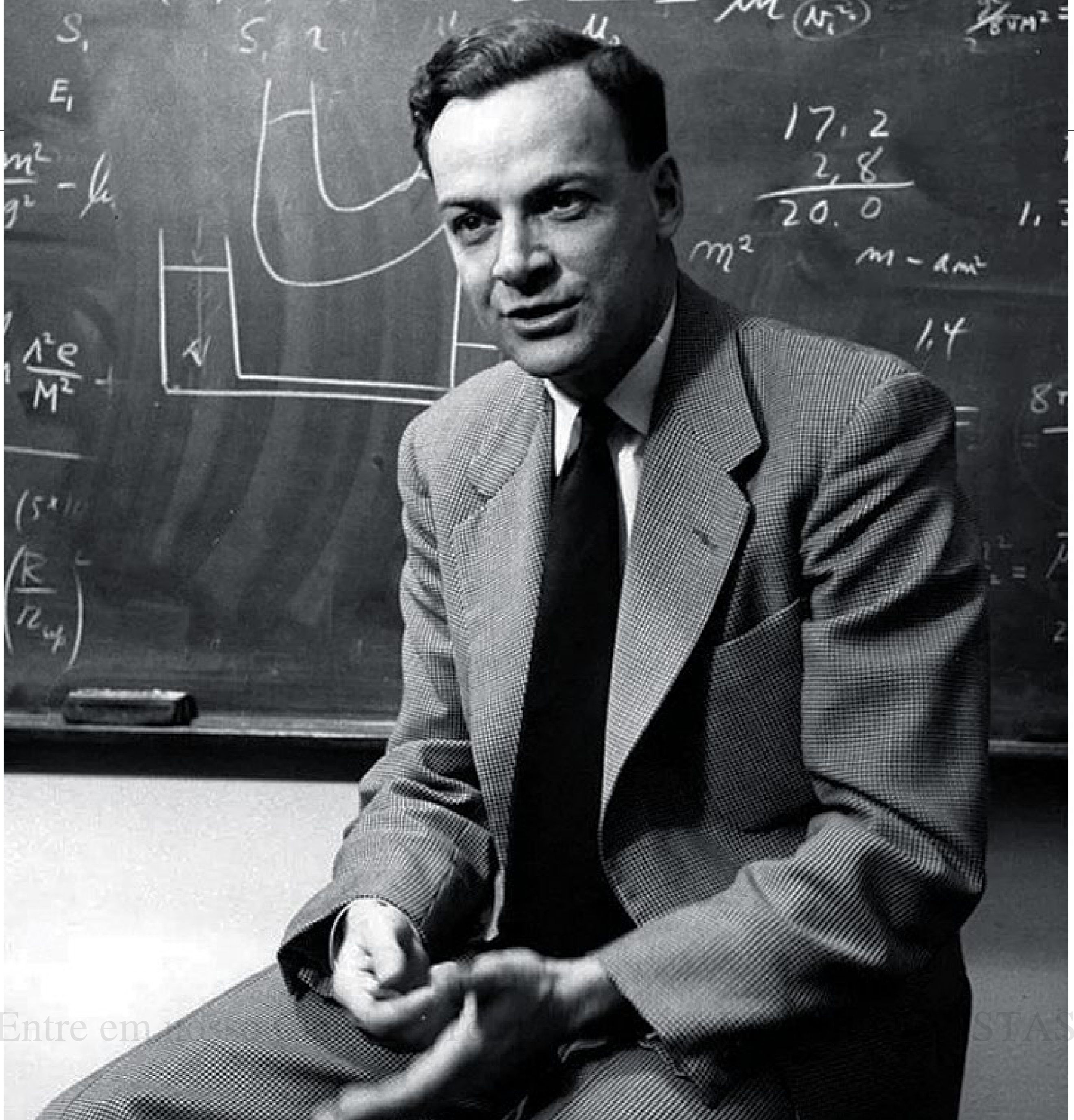
EM ALTA CONTA

Novo livro mostra como a matemática extrapolou a função do cálculo para criar modelos que ajudam a combater o aquecimento global e as pandemias **ALESSANDRO GIANNINI**

WITTHAYA PRASONGSIN/GETTY IMAGES

A HISTÓRIA aconteceu em meados dos anos 1960. Insatisfeito com seu livro em torno dos dilemas morais de marinheiros na II Guerra, que resultaria depois no filme *A Nave da Revolta* (1954), o escritor americano Herman Wouk (1915-2019) decidiu pesquisar mais sobre conflitos bélicos. Buscava, enfim, a temperatura exata para novos trabalhos sobre o tema. Foi o que o levou até Pasadena, no Instituto de Tecnologia da Califórnia, para entrevistar o físico Richard Feynman (1918-1988), um dos arquitetos da bomba atômica no Projeto Manhattan e pioneiro da mecânica quântica. Ao fim da conversa, como quem não queria nada, Feynman perguntou a Wouk se ele sabia cálculo matemático. O escritor admitiu que

não. "Então é melhor aprender", disse o físico, um ateu declarado. "É a língua falada por Deus."

Wouk acabaria publicando não um, mas dois ambiciosos volumes com cerca de 1 000 páginas cada, *Ventos de Guerra* (1971) e *Lembranças de Guerra* (1978), parte deles embebida das sessões de conversa com Feynman. Com a vida consumida pelo trabalho de escrever os livros, o conselho de Feynman foi postergado. "O cálculo continua sendo uma grossa parede de vidro entre mim e a maioria das verdades no universo de Feynman, onde ele ouve Deus falar", escreveria mais tarde o autor. Wouk viveu 103 anos. Não o suficiente para aprender a matéria, mas o bastante para ver e experimentar os avanços que essa área da matemática ajudou

ATEU O físico americano Richard Feynman: bomba atômica, mecânica quântica e a língua de Deus

a impulsionar, para tornar o mundo um lugar mais confortável, um pouco mais seguro e um tanto mais saudável. Essa aventura da civilização é tema do recém-lançado e fabuloso livro *O Poder do Infinito* (Sextante), do matemático e professor da Universidade Cornell Steven Strogatz. Ele mostra como os seres humanos dominaram essa língua divina e a têm utilizado para remodelar o mundo. “É a história de como a matemática nos ajudou”, disse ele em entrevista a VEJA.

De Pitágoras de Samos, o filósofo grego considerado o pai da matemática, a Isaac Newton, o físico inglês que contribuiu para o desenvolvimento do cálculo infinitesimal, e até a atualidade, com celebridades científicas como Albert Einstein e Stephen Hawking, a matemática — e o cálculo, em particular — faz parte da nossa vida, direta e indiretamente, exatamente como mostra a obra de Strogatz. Sem a matemática, seria impossível usar o celular, que é quase uma extensão dos corpos de bilhões de pessoas no mundo. Tampouco seria possível recorrer aos computadores, dos quais grande parcela da força de trabalho depende para realizar suas tarefas profissionais. Assistir à TV ou ver filmes e séries nas plataformas de streaming? Nem pensar.

Mas não é só isso. Seria inviável combater o aquecimento global ou aperfeiçoar o tratamento da aids, e muito menos identificar onde o seu time do coração precisa melhorar no campo. A vida, enfim, é feita de matemática.

Não se trata do cálculo puro, área que não pressupõe atenção especial, porque as calculadoras nos smartphones e nos computadores cuidam disso. Há uma parte criativa da matemática, contudo, aplicada à natureza, à medicina e a outros capítulos do mundo real. Não há como negligenciá-la. São os chamamos modelos matemáticos, caricaturas simplificadas da realidade que traduzem um problema real em equações. Por meio deles podemos fazer previsões sobre o que acontecerá. Um modelo de equação diferencial desenvolvido por um imunologista e um pesquisador con-

tribuiu para a criação do coquetel para pacientes infectados pelo vírus HIV. Como isso se tornou possível? “O cálculo foi decisivo para ajudar a entender a natureza da doença e orientar os médicos sobre como tratá-la”, pontua Strogatz.

As aplicações na vida contemporânea são variadas e surpreendentes. Podem estar no sistema que permite uma transmissão mais definida e estável da partida de futebol na TV ou nos modelos que asseguram a permanência em pé de um prédio ou de qualquer construção, ou nas fórmulas que mostram a evolução da pandemia e permitem estabelecer estratégias para combater a Covid-19 e evitar mortes. No Brasil, em razão de um sistema de ensino unificado e com muitas matérias, o cálculo matemático entra no cur-

rículo dos alunos tarde demais na vida escolar. “Com isso, o cálculo acabou sendo expurgado, o que é um disparate”, diz Marcelo Viana, diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Rio. “Mas é algo que deve mudar em breve. Com a reforma do ensino médio, que trará opções de especialização, isso permitirá dar mais ênfase a umas áreas do que a outras.” Não se trata, como disse Feynman a Wouk, de falar com Deus. Mas talvez seja um dos modos, se não o melhor, de usar uma linguagem universal para melhorar o cotidiano. ■

PRISMA/UIG/GETTY IMAGES

GELADA DOS FARAÓS Oferenda no Antigo Egito: fábrica com 5 000 anos de idade

O INDIANA JONES DA CERVEJA

O arqueólogo americano Travis Rupp devota-se a uma aventura instigante: a descoberta e recriação de receitas ancestrais da bebida alcoólica que moldou a humanidade **GABRIELA CAPUTO**

O AMERICANO Travis Rupp não tem os atributos físicos, nem o providencial chicote de Indiana Jones. Mas, assim como o personagem interpretado por Harrison Ford no cinema, ele encara aventuras em uma área instigante da arqueologia: o estudo das relações da humanidade com a cerveja. Professor da Universidade do Colorado em Boulder, onde ensina história e arqueologia romana, egípcia e grega, Rupp transformou um hobby que cultivava desde a juventude ao lado do pai — a produção artesanal da bebida — em campo de pesquisa científica. Desde 2016, viaja o mundo em busca de evidências da produção da cerveja por antigas civilizações, e devota-se à missão de reproduzir o modo como era elaborada por diferentes povos.

Rupp já foi parar em um mosteiro na região italiana da Úmbria, onde aprendeu como os monges faziam sua bebida há mais de um milênio. Outra vez, causou rebuliço ao pedir aos colegas que mastigassem o milho que seria utilizado no processo de fermentação de uma receita peruana primitiva. A primeira aventura do “arqueólogo da cerveja” — termo cunhado por ele próprio — foi recriar uma iguaria etílica do fim da Idade do Bronze na Grécia Antiga. A lista que se seguiu inclui geladas ancestrais consumidas por egípcios, hebreus — e até vikings. “Como acadêmico, você está sempre procurando aquela pedra que ainda não foi virada, e foi mais ou menos isso que eu achei”, disse Rupp a VEJA.

Aos 42 anos, Rupp é um cervejeiro assumido e hoje celebrado no meio. O interesse por seu campo de pesquisa, con-

AVERY BREWING CO.

CONHECEDOR Rupp: ele refez a fórmula utilizada pelos gregos e até vikings

tudo, vai além da mera curiosidade sobre um tema inevitavelmente relacionado à diversão. Descobertas realizadas nos últimos anos confirmam que a cerveja foi a primeira bebida alcoólica desenvolvida pelo homem. Por um tempo, a pista mais antiga de sua produção vinha do leste da Turquia, datando de cerca de 11 000 anos atrás. Mais recentemente, em 2018, foi descoberta em uma caverna no norte de Israel uma cervejaria com idade de 13 000 anos. Como ressalta Rupp, isso coloca a cerveja em um patamar de antiguidade bem superior ao do vinho, cujas reminiscências mais remo-

tas remontam a 6 500 anos antes de Cristo. E os achados não param por aí: em 2021, foi encontrada uma cervejaria de mais de 5 000 anos no Egito, o que sugere uma produção em escala já naquela época. “É razoável pensar que a cerveja pode ter dado origem a uma das indústrias pioneiras do Egito”, afirma Rupp.

Ao longo dos séculos, o hábito de brindar com uma boa birra teve implicações culturais. Referências literárias das culturas mesopotâmicas mostram a cerveja como bebida de todas as classes sociais. No Egito, era vista como o presente perfeito para oferecer a reis e deuses. Já na Roma Antiga, tinha má fama: a “bebida bárbara” se restringia à margem da sociedade. Essa visão é mais ou

menos persistente até hoje, pois o vinho continua associado aos ricos e a cerveja, à classe trabalhadora. De qualquer maneira, no balcão de um boteco ou no churrasco entre amigos, a cerveja tem o dom de eliminar a distância entre as pessoas. Em escala global, trata-se de uma bebida imbatível: só no Brasil, foram mais de 13 bilhões de litros consumidos em 2021.

Nos primórdios, a cerveja não era apenas um recurso para ficar alegre e soltinho, mas uma forma de sustento, visto que possui seus nutrientes. Na Idade Média, com surtos de cólera e outras doenças, podia ser mais seguro beber cerveja que água. O álcool e o processo de fermentação reduziam riscos de contaminação. A popularização da cerveja nesse período também se deve à Igreja Católica, que pri-

DANI NADEL/AFP

VELHO HÁBITO Vestígios encontrados de produção em Israel: há 13 000 anos

meiro a estigmatizou, para depois abraçá-la. “Quando o cristianismo se formou em Roma, o vinho era um símbolo de conversão através do sangue de Cristo, mas associava-se a cerveja à barbárie e ao paganismo”, diz Rupp. “Isso durou alguns séculos. Até que Santa Brígida, que viveu em uma região da Irlanda sem cultivo de uva, começou a produzir cerveja para o povo, despertando uma tradição.” Não é difícil entender por que a bebida fascina a humanidade desde então. “Somos um animal social, e a cerveja, assim como outras comidas e bebidas, tornou-se parte do nosso ser.” Um brinde a essa invenção fabulosa. ■

GORDURA BOA Salmão: rico em ômega-3, faz muito bem ao sistema cardiovascular

DIETA VIKING

Baseada no alto consumo de peixes de água fria, frutas vermelhas e óleos vegetais, a alimentação nórdica entra na lista dos cardápios que protegem o coração

SIMONE BLANES

ISTOCK/GETTY IMAGES

NO IMAGINÁRIO do brasileiro, os vikings não eram lá o povo mais requintado do mundo. Representados como glutões insaciáveis, mostram-se em filmes ou em séries de streaming devorando o que parecem ser partes de corpos de animais assados na fogueira ou pratos repulsivos. Como é de esperar, a caricatura exagera no grotesco e não dá espaço ao comum. O fato é que os antigos habitantes da região que compreende Dinamarca, Islândia, Finlândia, Suécia e Noruega aproveitavam muito bem a variedade de peixes das águas frias que circundam as terras no norte da Europa. Fartavam-se, também, de sementes e de frutas vermelhas. Essa herança gastronômica ecoa ainda hoje no atual cardápio da região, sobejamente recomendado pelas autoridades da Organização Mundial da Saúde (OMS).

As evidências científicas amparam os celebrados benefícios. A dieta consiste na alta ingestão de peixes como salmão e arenque, óleos vegetais, cereais integrais e amoras e framboesas. Os peixes são ricos em ômega-3, substância potencialmente positiva para o coração. Os óleos fornecem gordura saudável. Os cereais, as fibras e as frutas contêm compostos que protegem as células de danos.

Ao histórico comprovadamente eficaz, somou-se na semana passada a chancela de um amplo e conclusivo estudo promovido pela Universidade de Copenhague, na Dinamarca. O trabalho comprovou que o menu escandinavo diminui os níveis de açúcar e de colesterol nocivo no sangue e o risco de hipertensão arterial. Assim, ajuda a evitar fatores que in-

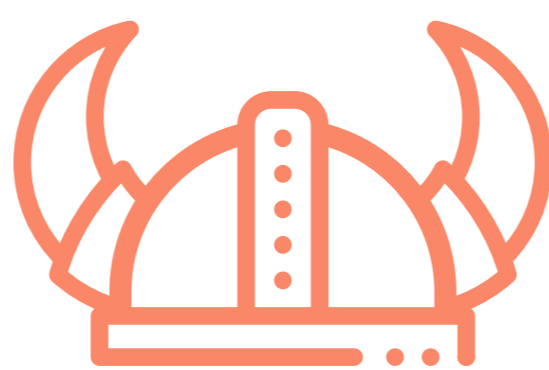
DIFERENÇAS DE FONTES

As dietas mediterrânea e nórdica beneficiam a saúde cardiovascular

O QUE TÊM EM COMUM

Alta ingestão de frutas e legumes e cereais integrais

Baixo consumo de produtos lácteos, carnes vermelhas, doces, gorduras saturadas, alimentos ultraprocessados, ricos em açúcar ou com aditivos químicos

NO QUE SE DIFERENCIAM

NÓRDICA

Uso do óleo de colza ou canola, girassol ou linhaça

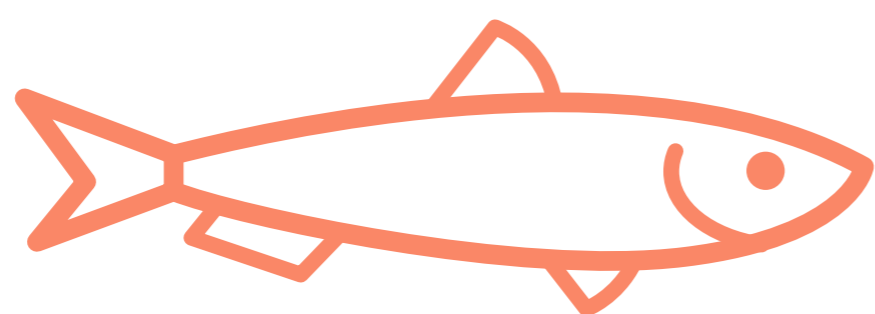
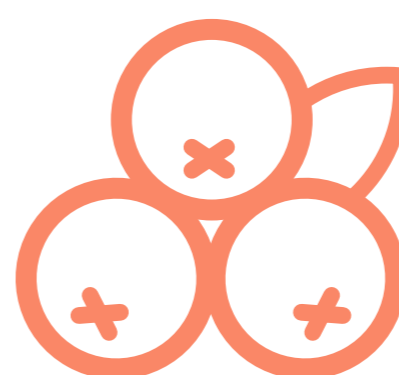
Alta ingestão de peixes magros e gordurosos como o arenque e o salmão

MEDITERRÂNEA

Uso de azeite

Ingestão moderada de peixes e aves

NO BRASIL

Como adaptar o regime nórdico aqui

Em vez de arenque e salmão, cavala e sardinha

No lugar de frutas vermelhas, açaí e jabuticaba

Fontes: *Organização Mundial da Saúde (OMS), Márcio Velasques, nutrólogo membro da Obesity Medicine Association*

duzem ao infarto e ao acidente vascular cerebral. E faz isso sem levar à perda de peso — evitando, portanto, riscos desnecessários para o metabolismo atrelado ao emagrecimento exagerado. Na pesquisa, foram examinadas amostras de sangue e de urina de 200 pessoas com mais de 50 anos, todas com elevado índice de massa corporal (IMC), que classifica o peso dos indivíduos entre adequado, sobrepeso, obesidade e obesidade mórbida. Eram indivíduos com risco aumentado de desenvolver diabetes tipo 2 associada ao acúmulo de peso. Os participantes foram divididos em dois grupos: um seguiu a dieta nórdica e o outro, o cardápio universal. Os que adotaram as raízes vikings tornaram-se clinicamente mais saudáveis, independentemente do peso. “Eles apresentaram

níveis mais baixos de colesterol e de gordura saturada e insaturada e melhor regulação da glicose”, diz Lars Ove Dragsted, autor do estudo e chefe de seção de Nutrição, Exercício e Esportes da Universidade de Copenhague.

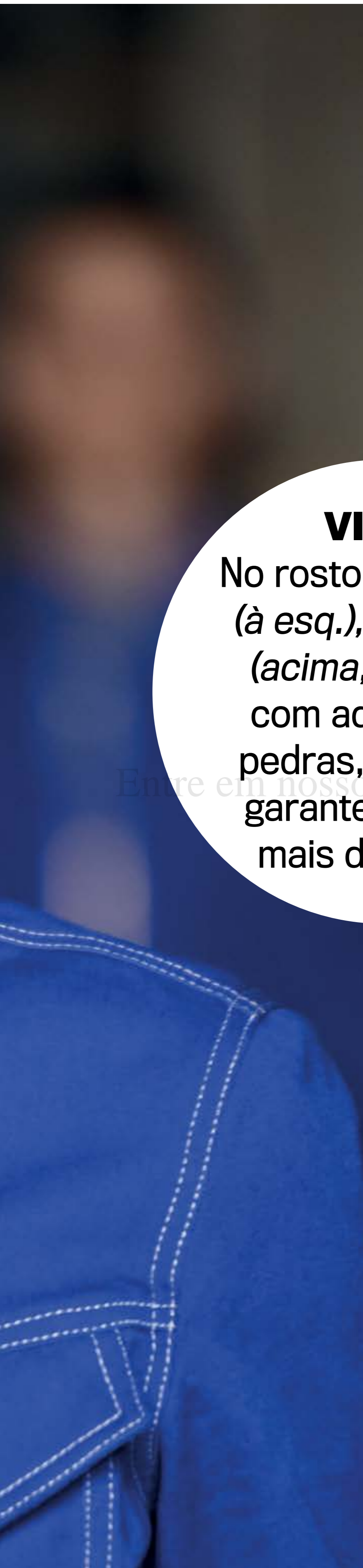
Seria adequado transpor a bem-sucedida dieta nórdica para o Brasil? Em termos, porque nem todos os produtos de lá existem pelas bandas de cá. O arenque, por exemplo, é difícil de ser encontrado e sempre a preços naturalmente exagerados. Frutas vermelhas, idem. Por aqui, é mais fácil seguir os preceitos da dieta mediterrânea, próxima de nossos hábitos alimentares. “Salmão e arenque podem ser trocados por sardinha e cavala, que têm ômega-3”, diz o nutrólogo Márcio Velasques, pós-graduado pela Associação Brasileira de Nutrologia e membro da Obesity Medicine

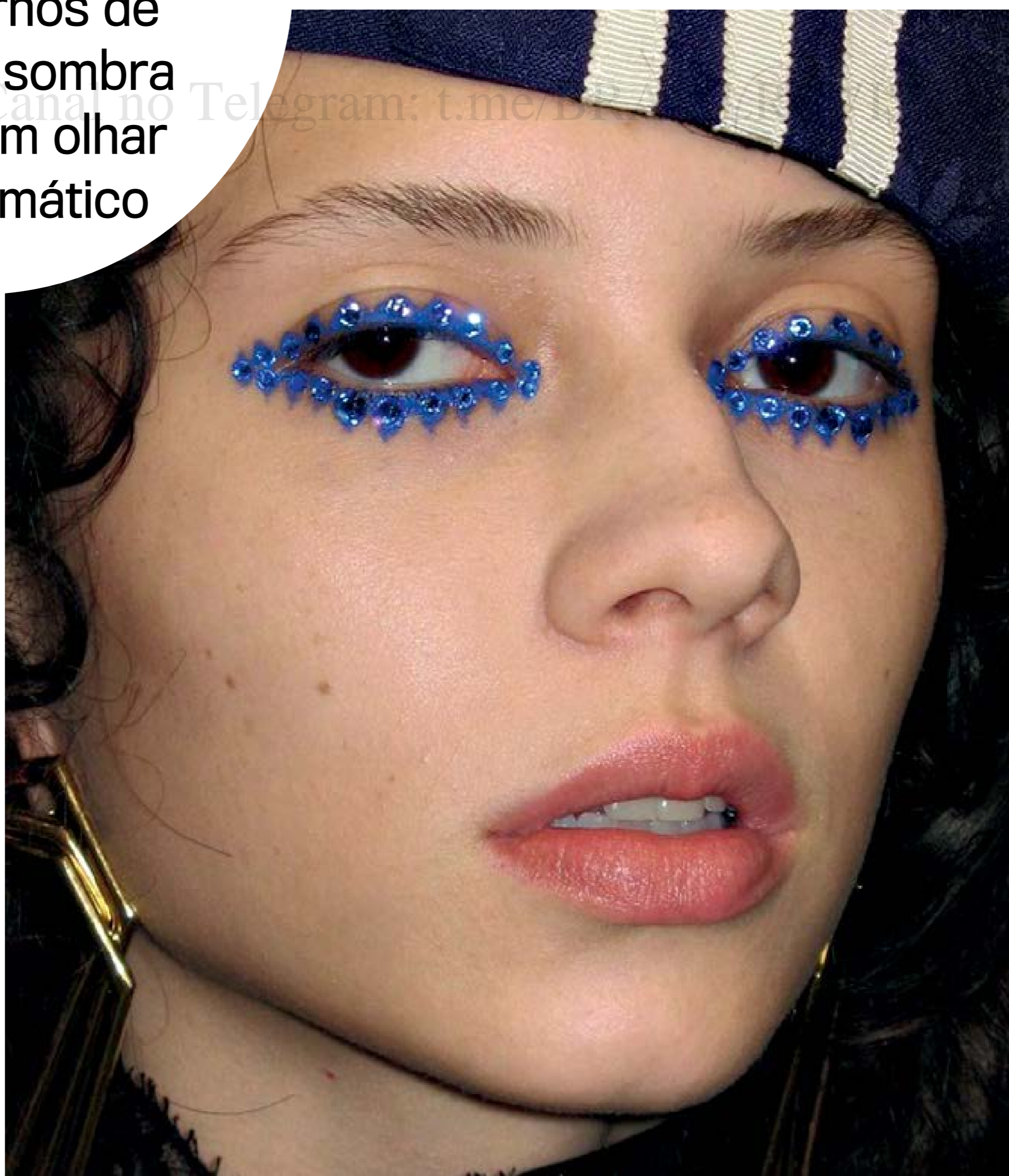
Association, nos Estados Unidos. Há opções ainda mais simples, porém repletas de bons nutrientes, como uma salada de tomate temperada com azeite e limão. As frutas dão lugar ao açaí e à jabuticaba, tipicamente brasileiros e invejados por estrangeiros. É possível, portanto, comer como um viking dos trópicos, e os resultados são comprovadamente bons. Convém apenas não exagerar, como em qualquer dieta — até que surja uma nova onda, no moto contínuo que alimenta a civilização. ■

BELEZA DA COR DO MAR

Escolhido o tom do ano como símbolo do renascimento depois do recuo da pandemia, o azul, tão celebrado por pintores, é agora marco da modernidade na maquiagem

SIMONE BLANES

ALBERT URSO/GETTY IMAGES

VISÃO
No rosto: espalhada *(à esq.)*, esfumada *(acima, à dir.)* ou com adornos de pedras, a sombra garante um olhar mais dramático

PETER WHITE/GETTY IMAGES

DIVULGAÇÃO

"EU NÃO ME CANSO da cor azul." A frase é de Vincent van Gogh (1853-1890). E ainda bem que tenha sido assim, porque algumas das maravilhas que brotaram das telas do gênio impressionista têm no uso magnífico da tonalidade parte de sua beleza. Outro mestre holandês, o barroco Johannes Vermeer (1632-1675) gostava tanto dos tons azulados que quase levou sua família à falência quando decidiu comprar o então caríssimo pigmento "azul ultramar". Na obra *A dança*, o francês Henri Matisse (1869-1954) limitou a paleta a três pigmentos: o azul, o laranja e o verde. O azul domina o quadro, como um céu a envolver os corpos em movimento. Pablo Picasso (1881-1973) também enamorou-se da tonalidade. Entre 1901 e

1904, passou pela fase azul, marcada por obras sombrias e monocromáticas. Para o espanhol, o pigmento representava tristeza, bem diferente da visão do neodadaísta francês Yves Klein (1928-1962), criador do Klein Blue (IKB), em 1956. O artista via no azul a transcendência dos aspectos abstratos da natureza tangível e visível, como o céu e o mar. O azul, argumentava Yves Klein, seria a mais imaterial das cores.

Agora, o matiz ressurge como símbolo de renascimento, abertura e criatividade no mundo que começa a sair da pandemia. Ele foi escolhido a cor do ano pela Pantone, empresa que é referência mundial para gráficas, na versão chamada de Very Peri 17-3938 e definida da seguinte maneira: "Apresenta uma atitude despreocupada e uma curiosidade insti-

ALESSANDRO VIERO/IMAXTREE.COM

DIVULGAÇÃO

DETALHES Como batom, na boca, e na pintura de unhas: por se tratar de uma tonalidade contrastante, o ideal é usá-la com parcimônia, mas sem medo de ousar

gante, que anima o nosso espírito criativo". Em 1999, a Pantone já havia indicado o caminho ao lançar o azul cerúleo, de céu, como a cor do milênio e a tonalidade do futuro. Parece ter acertado em cheio.

O universo da beleza, especialmente o da maquiagem, abraçou a tendência sem censura. Marcas como a francesa Givenchy e a canadense M.A.C., por exemplo, acabam de lançar batons azuis. No Brasil, O Boticário apostou nas som-

bras com os produtos da linha Intense by Manu Gavassi. Protagonista em desfiles internacionais como os das grifes Yves Saint Laurent, Gucci e Dion Lee, o pigmento vem sendo usado com certo ar de provocação, no avesso de sua imagem tradicional, associada a tranquilidade, serenidade e harmonia. “A utilização do azul na maquiagem é bem contraditória porque ele não é uma cor que combine com pele”, diz o maquiador Daniel Hernandez, que tem entre clientes Isabeli Fontana, Sabrina Sato e Naomi Campbell. Por ser uma cor fria, a paleta contrasta com os tons quentes da cútis. Contudo, o propósito é este mesmo: produzir ruído, algum desconforto.

O azul atrelado à sombra ao redor dos olhos oferece

dramaticidade ao rosto. Pode ser aplicada com pincel, esfumada ou adornada com pedrinhas brilhantes. A recomendação de quem entende dos pincéis é deixar o pigmento restrito a uma área do rosto, evitando exageros. A maquiagem dispensa o blush. Máscara de cílios, ao contrário, está liberada. Vale também a pintura de unhas. O fundamental é não ter medo de ousar, com alguma parcimônia, de mãos dadas com a cor da hora. Ou, como escreveu Clarice Lispector, logo depois de Gagarin nos informar que nosso planeta é da cor da ágata: “Para vermos o azul, olhamos para o céu. A Terra é azul para quem a olha do céu. Azul será uma cor em si, ou uma questão de distância? Ou uma questão de grande nostalgia? O inalcançável é sempre azul”. ■

PODER Marlon Brando em seu mais icônico papel: o comandante nunca deve demonstrar hesitação ou fraqueza

O LEGADO DO CHEFÃO

Cinquenta anos após o lançamento da obra-prima de Coppola, a família Corleone continua a inspirar a política e os negócios com inigualáveis lições de liderança **ANDRÉ SOLLITTO**

PARAMOUNT STUDIOS/GETTY IMAGES

HÁ UMA CENA em *O Poderoso Chefão,* a obra-prima de Francis Ford Coppola, em que o patriarca da família, Vito Corleone, vivido pelo inesquecível Marlon Brando, conversa com o filho Michael, interpretado pelo igualmente magistral Al Pacino, nos jardins da mansão onde vive e administra as atividades criminosas da máfia. A certa altura, Vito dispara para o caçula: "Eu nunca quis isso para você". A passagem parece encapsular a dimensão épica do filme. Está tudo ali: a sucessão familiar, a experiência da imigração italiana para os Estados Unidos, o exemplo de liderança, a representação multifacetada do império do crime, as frases e atuações memoráveis que continuam a reverberar cinquenta anos depois do lançamento da trilogia. O legado de *O Poderoso Chefão* é

tão duradouro que continua a ecoar não apenas no campo cultural, mas em diferentes camadas da sociedade.

Seu impacto no cinema é incontornável. Além de ter consolidado a carreira de Coppola, de Al Pacino e Marlon Brando (que inicialmente foi vetado pelos executivos do estúdio após fracassos de bilheteria nos anos 1960), a produção estabeleceu o padrão pelo qual todos os outros filmes sobre máfia são comparados, de *Os Intocáveis,* de 1987, ao recente *O Irlandês*. É a inspiração para séries de TV, como *Família Soprano.* E vai além. A passagem de poder de uma geração para outra é o tema central de *Succession,* série da HBO que coleciona prêmios ao retratar as disputas familiares pelo comando de um conglomerado de imprensa — e seus métodos, diga-se, não estão dis-

ANTHONY PESCATORE/NY DAILY NEWS/GETTY IMAGES

BASTIDORES Coppola *(de boné e barba)* no set: imitado e reverenciado

tantes das maquinações dos mafiosos de Coppola e de Mario Puzo, autor do livro que inspirou o filme.

A influência da obra que trata da rumorosa família de imigrantes italianos extrapola a sétima arte. Frases como "Vou fazer uma oferta irrecusável" estão entranhadas no imaginário coletivo e são imediatamente reconhecidas até por quem não é cinéfilo de carteirinha. Na cultura pop, o retrato de Vito Corleone de smoking e rosa vermelha no bolso está entre os mais cultuados de todos os tempos. A longa lista de fãs do filme vai do primeiro-ministro britânico Boris Johnson, que costuma citar frases de Vito Corleone em reuniões ministeriais, ao ex-presidente americano Barack Obama, que enxerga lições de comando no

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

MEIO SÉCULO DEPOIS O diretor *(no centro)* e o elenco original: lendas

personagem. Pode ser incômodo pensar que líderes são influenciados por figuras impiedosas como Corleone, mas a política, ao seu modo, não é um pouco assim? “Meu pai não é diferente de outros homens poderosos, como um presidente ou senador”, diz Michael Corleone à namorada, Kay (Diane Keaton), em outra cena clássica do filme. “Sabe quão ingênuo você soa, Michael? Presidentes e senadores não mandam matar homens”, responde ela. “Quem está sendo ingênuo, Kay?”, replica Michael.

Para quem vive as agruras do mundo corporativo, a obra traz valiosas lições. Basta tirar a violência como pano de fundo para extrair ensinamentos que nenhum coach é capaz de oferecer. Em entrevista à revista *Fast Company,* o

empresário americano Justin Moore enumerou diversas lições de liderança que podem ser tiradas do filme. A primeira delas: crie um networking poderoso. Vito Corleone estabeleceu uma rede de contatos influentes, ajudando as pessoas que vinham até ele e garantindo que elas lhe prestassem favores em troca. Nunca é demais lembrar: alianças fazem parte da dinâmica das empresas. “Você pode apresentar uma conta por seus serviços depois. Afinal, não somos comunistas”, vaticina Don Barzini, chefe de outra família mafiosa de Nova York, em reunião com Corleone. Os mafiosos podem ser violentos, mas não são burros.

A segunda lição diz respeito à relevância de ser duro, se necessário for. Quando os adversários perceberem sua fra-

queza, ensinam os Corleone, tentarão eliminá-lo. Outro ponto fundamental para um líder de escol: não deixar que as emoções tomem conta de tudo. Na saga, Michael Corleone exibe invejável presença de espírito, coragem e frieza para lidar com situações difíceis, especialmente quando seu destino está em jogo. Um quarto aspecto apontado pelo empresário Justin Moore: seja decidido. Líderes vacilantes em geral perdem boas oportunidades e são fracos como gestores de negócios. Quando sabe o que precisa ser feito, Vito Corleone faz, doa a quem doer. Obviamente, não se deve sugerir que as empresas funcionem como a máfia, evidentemente não, mas é certo que os CEOs têm muito a aprender com o mais poderoso dos chefões. ■

NOVELAS DO ORIENTE

Suntuosa e envolvente, a série *Pachinko*, adaptada de um best-seller e produzida pela Apple TV+, é um novo acerto para o gênero que mais ganha terreno no mundo: os folhetins de produção asiática conhecidos como “doramas”

ISABELA BOSCOV E **RAQUEL CARNEIRO**

AMOR PROIBIDO Sunja (Minha Kim) e Hansu (Min-ho Lee): melodrama de primeira classe

APPLE TV+

O Brasil, com razão, tem orgulho de suas novelas — uma tradição narrativa tão específica dos temas, ritmos e linguajares do país, e ao mesmo tempo tão apta a cruzar fronteiras e virar hábito e influência cultural além delas. Substitua-se agora “Brasil” por “Coreia do Sul”, e multipliquem-se o alcance e o impacto associados à palavra “novela”: eis o “dorama”, a vertente de produção que mais rapidamente ganha território em todo o mundo. Não só a quantidade e diversidade de doramas, porém, aumentam dia após dia nas plataformas de streaming. Também o prestígio deles entre o público e a crítica vem crescendo de modo vertiginoso — um quesito em que ***Pachinko*** (Coreia do Sul/Estados Unidos/

Canadá, 2022) já estreia com destaque absoluto. Tão ambiciosa quanto envolvente e tocante — além de magistralmente fotografada —, a série adaptada do best-seller de Min Jin Lee abarca a vida de três gerações da mesma família, começando na Coreia do início da ocupação japonesa (1910-1945) e avançando até o Japão rico e volátil de 1989.

Protagonizada por um elenco excelente e carismático, e criada e dirigida pelo americanos-coreanos Justin Chong e Kogonada, *Pachinko* é tanto “dorama” — uma generalização para todo folhetim de origem asiática — quanto “k-drama”, termo que designa a hoje dominante produção da Coreia do Sul. Com uma primeira temporada de oito episódios (há material no livro de Lee para pelo menos uma segunda leva), a série produzida e disponibilizada pela Apple TV+

LONGO TRAJETO Yuh-jung Youn como a Sunja idosa: acaso e escolha

reúne características de várias linhagens típicas do gênero. É um melodrama de alta estirpe mas é, sim, um melodrama. É em boa parte uma produção — belíssima — de época. Trata de dilemas sociais profundos, como muitos doramas de ambientação contemporânea. E, como tantos outros, entretece os dramas dos personagens em eventos históricos.

Pachinko, aliás, vai mais além: seu tema central é a pressão que a história com "H" maiúsculo exerce sobre a trajetória de Sunja, menina nascida de pais miseráveis na Coreia humilhada e catastroficamente empobrecida pelo domínio

DIVULGAÇÃO

GOBLIN

Um guerreiro coreano do século X se torna um ser imortal que, no futuro, se cansa da vida eterna. Disponível no site Viki

japonês, e a maneira como as escolhas de Sunja frente aos grandes acontecimentos — a expansão imperial japonesa, a II Guerra, as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, a Guerra da Coreia e a divisão do país — determina muito do percurso também de seus descendentes.

Ao contrário do livro de Lee, que faz esse trajeto pela ordem cronológica, a série se reveza constantemente entre suas várias linhas temporais, justapondo a Sunja da infância (a irresistível Yu-na Jeon) à da juventude (Minha Kim) e à da velhice (Yuh-jung Youn, a ganhadora do Oscar de coadjuvante por *Minari*), e sobrepondo também causas e consequências

DIVULGAÇÃO

HERDEIROS
Jovens coreanos ricaços têm suas relações afetadas pela grana farta. A telenovela está na Netflix e no oriental Kocowa

— o amor proibido com o gângster colaborador dos japoneses Hansu Koh (Min-ho Lee), que obriga Sunja a deixar seu vilarejo de pescadores rumo ao Japão; o despertar político que a mudança de país provoca no marido que a socorreu da vergonha (Steve Sang-Hyun Noh); e o futuro que essa conjunção de fatores forja para seu filho, Mozasu (Soji Arai), e para seu neto, Solomon (Jin Ha), um jovem e agressivo investidor que transita entre as culturas americana, japonesa e coreana sentindo-se um estranho em todas elas.

O próprio nome da série, aliás, anuncia essa conjunção entre acaso e escolha a partir da qual Sunja e os outros per-

DIVULGAÇÃO

SWITCHED
A minissérie japonesa na Netflix une o clichê cômico da troca de corpos ao horror para narrar conflito adolescente

sonagens, sobretudo o trágico Hansu, vão abrindo seu caminho. Os salões de pachinko — uma combinação de pinball e caça-níqueis muito popular no Japão — como aquele com que Mozasu sustenta a família são notórios por adulterar as máquinas para diminuir as chances dos jogadores, que dependem ainda em maior grau, portanto, da sorte e da habilidade para ganhar suas apostas. (O salão de Mozasu é, também, o cenário da gloriosa sequência de créditos da série.)

Os doramas são um fenômeno mundial: só no ano passado, a Netflix investiu 500 milhões de dólares na produção da Coreia do Sul, e plataformas exclusivas se popularizaram

LIM HYO SEON/NETFLIX

POUSANDO NO AMOR
Jovem da Coreia do Sul cai de parapente no vizinho do Norte, e se apaixona por militar inimigo em romance da Netflix

pelo mundo. Canais de vídeo sob demanda (VOD) como o Crunchyroll, forte em animes, o tailandês Line TV e o Kocowa, voltado para dramas e reality shows sul-coreanos, atraem legiões de "dorameiros". O serviço de streaming Rakuten Viki, por exemplo, abriga variadas telenovelas asiáticas e possui mais de 27 milhões de usuários, e o Brasil já está entre os cinco países que mais acessam o site. Em que pesem as diferenças de idioma, culinária, modos e cultura, brasileiros e asiáticos têm uma paixão em comum: somos todos noveleiros. ■

CORRIDA PELA VIDA

Como uma jovem que tenta lidar com todas as opções para não perder nenhuma delas, Renate Reinsve é a presença cintilante no centro do norueguês *A Pior Pessoa do Mundo*

O MUNDO À FRENTE Renate, como Julie: em algum momento, as marcas da vida se tornam visíveis

DIVULGAÇÃO

JULIE (a maravilhosa Renate Reinsve) não sabe bem o que quer fazer da vida: primeiro é medicina, depois psicologia, depois fotografia — de forma que, enquanto a certeza não vem, o jeito é segurar o emprego em uma livraria. Também está apaixonada por este sujeito, e por aquele, e por aquele outro — até conhecer o quadrinista Aksel (Anders Danielsen Lie) e ir morar com ele. Mas Julie vai fazer 30, e Aksel tem 44. Ele quer pensar adiante; ela olha para os amigos dele, com suas neuroses conjugais e filhos que esperneiam na hora de dormir, e diz que ainda não. Sempre acometida pela angústia de perder opções hipotéticas ao escolher uma alternativa concreta, a protagonista de ***A Pior Pessoa do Mundo*** *(Verdens Verste Mennekes,* Noruega, 2021), já em cartaz nos cinemas, de novo se vê em uma suspensão que o diretor Joachim Trier materializa com a graça que é típica da própria Julie: enquanto Aksel está servindo a xícara de café matinal, ela congela o tempo e, correndo pelas ruas da cidade, vai ver Eivind (Herbert Nordrum), que conheceu em uma festa e com quem jogou um jogo de quase infidelidade. Na volta, com um estalar de dedos, o café continua a verter na xícara, o mundo retoma seu movimento e é como se nada houvesse aconteci-

AS INDICAÇÕES

FILME INTERNACIONAL

ROTEIRO ORIGINAL

do. Exceto pelo fato de que algo aconteceu, e uma pessoa não passa pela vida de outra sem deixar e ganhar marcas.

Pela quinta vez colaborando com o roteirista Eskil Vogt, o norueguês Trier desenha um retrato genuíno do que alguém poderia definir como as ansiedades millennials (são tantas opções, e o mesmo equipamento emocional antiquado da espécie para lidar com elas). Mas vai muito além de um instantâneo: ao acompanhar quatro anos na vida de Julie e examinar por que eles, especificamente, formam uma etapa decisiva no seu amadurecimento emocional, Trier faz uma comédia com consequências, e a leva a desaguar em um drama dolorosamente real. Se o sempre fabuloso Lie — em sua terceira parceria com o diretor — é o anteparo contra o qual Julie se testa, e que só mais tarde ela entende ser menos robusto do que ela julgava, Renate Reinsve é o brilho do filme, esquivando-se de preconcepções e lugares-comuns sobre sua personagem com a mesma habilidade, leveza e minúcia com que a conduz à frente. Se depois de indicar Trier e Vogt em 2018, por *Thelma*, a Academia novamente faz justiça a eles, o Oscar por outro lado comete mais uma daquelas suas falhas flagrantes ao deixar Lie e particularmente Renate de fora da lista deste ano. ■

Isabela Boscov

VOZ ANGELICAL Orlinski, no palco: especialista em música sacra barroca

O POP STAR DA ÓPERA

Aos 31 anos, o contratenor polonês Jakub Józef Orlinski está ajudando a rejuvenescer o público da música clássica. Seu trunfo: aliar o canto lírico aos passos do break **FELIPE BRANCO CRUZ**

MARTY SOHL/MET OPERA

APÓS PARTICIPAR do Festival de Aix-en-Provence, na França, em 2017, o cantor lírico polonês Jakub Józef Orlinski recebeu uma ligação dos organizadores lhe pedindo para quebrar um galho: eles precisavam às pressas de um substituto para o grupo que havia cancelado a apresentação em uma rádio local. Na época, aos 26 anos e em início de carreira, ele topou. Como seria para a rádio, Orlinski foi com tênis surrado, bermuda e uma camisa que já vira dias melhores. Seu parceiro tocou piano de chinelão. Apenas quando chegaram lá eles descobriram que a performance seria transmitida pela internet. Mas aí já era tarde. A discrepância entre o visual jovem e despojado do cantor e a composição barroca que ele interpretou com sua voz

angelical de contratenor — a ária *Vedrò Con Mio Diletto*, de Vivaldi — viralizou na internet, com 8,5 milhões de visualizações. Esse comportamento singular em um universo tão tradicional quanto o da música erudita virou marca registrada daquele que é um dos cantores líricos mais festejados pela crítica da atualidade. De quebra, o perfil vem ajudando a rejuvenescer o público dos concertos. Orlinski é o que a ópera oferece hoje mais próximo de um pop star.

Nascido em 1990, em Varsóvia, o artista faz parte da primeira geração polonesa após a queda do Muro de Berlim. O interesse em cantar como contratenor — modalidade de voz lírica aguda, mas apenas alcançada por homens — veio na adolescência. Para se destacar entre os meninos de um coral, ele praticava cantos renascentistas,

compostos para vozes mais altas e que nenhum adolescente queria cantar. Ao mesmo tempo, gostava de dançar e de praticar esportes radicais. Daí viu no break, estilo de dança altamente físico, a união perfeita de seus interesses. Seu mais novo álbum, *Vivaldi: Stabat Mater* (Warner Classics), é exemplo disso. O trabalho chega acompanhado de um curta-metragem musical que bebe dos filmes de terror adolescente. “Nas minhas redes sociais, quero mostrar para os mais jovens que a ópera é muito legal”, disse o artista a VEJA. Construir uma base de fãs jovens em um ambiente erudito é incomum — mas o falante e bonitão Orlinski, hoje aos 31 anos, consegue operar o milagre *(leia entrevista)*. Em fevereiro, fez um recital no

Wigmore Hall, em Londres, para um público juvenil. Ao final, uma mocinha pediu autógrafo em um caderno cuja capa estampava: “Desculpe, eu não estava te ouvindo. Estava pensando em Jakub Józef Orlinski”.

No Brasil, Orlinski ainda é conhecido só nos círculos de entendidos em ópera. Mas já foi tema até de artigo acadêmico: o mestre em comunicação Daniel Magalhães de Andrade Lima, da Universidade Federal de Pernambuco, analisou a técnica dos contratenores à luz das discussões sobre gênero. “Há um fascínio por cantores com aparência masculina e voz feminina, o que traz curiosidade sobre a sexualidade deles”, diz Lima. A propósito: enquanto outros contratenores são abertamente gays, Orlinski faz mistério sobre o tema.

MICHAEL SHARKEY

“NÃO SOU O JUSTIN TIMBERLAKE”

Sucesso de crítica e nas redes, o cantor polonês Jakub Józef Orlinski conta como construiu uma carreira tão singular no tradicional mundo da ópera.

APELO JOVEM
Dançando break: "A arte constrói pontes"

Como duas coisas tão distintas quanto o break e a ópera entraram na sua vida? Sempre fui uma criança ativa. Nunca fiz apenas uma coisa. Sempre gostei de cantar e de dançar. Na infância, fiz parte de um coral amador, mas também tocava piano, andava de skate, jogava capoeira – até que encontrei o break. Foi fascinante para mim, porque conectava a dança com os esportes radicais, a criatividade com a liberdade de expressão, a força física com a arte.

Com milhares de seguidores nas redes, você se vê como um popstar da ópera? Não sou um Justin Timberlake. Provavelmente, apenas na França alguém me reconheceria na rua. No resto do mundo, ninguém sabe quem eu sou. Gosto de compartilhar as minhas inter-

pretações e quero atingir a maior quantidade possível de pessoas com minha arte.

A voz aguda leva muita gente a achar que contratenores são gays – e diversos admitem sê-lo. No seu caso, como lida com a sexualidade? Não tenho nenhum problema com isso. Se as pessoas quiserem pensar que eu sou gay ou hétero, isso é problema delas. Meu objetivo não é dizer às pessoas quem eu sou no sentido sexual. Então, não, realmente eu não me importo com isso.

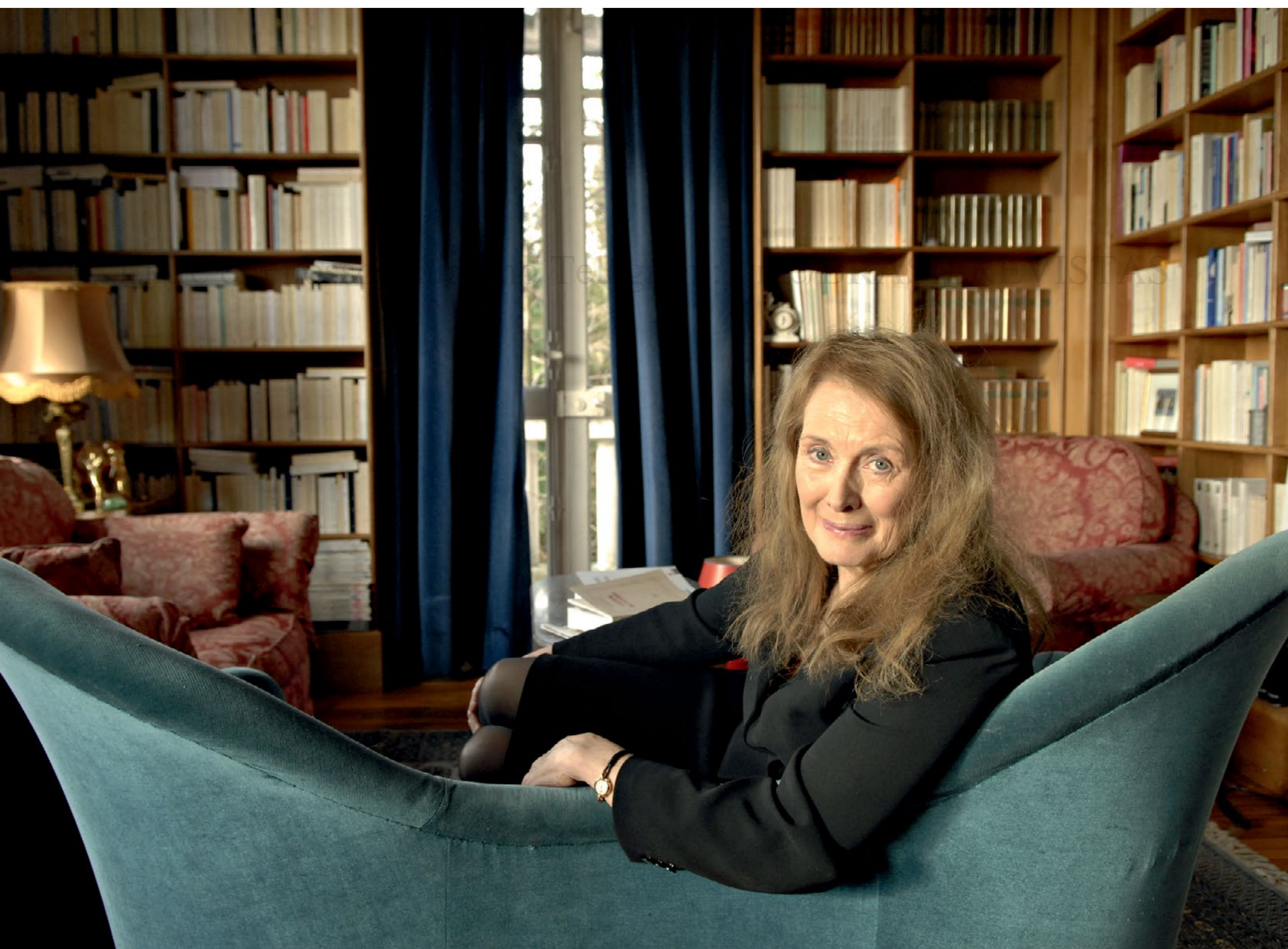
Nas redes sociais, os fãs frequentemente associam

sua voz a algo angelical, mas também há muitos haters. O que pensa disso? Há muito amor e muito ódio na internet. Estou aprendendo a lidar com essas coisas. Você tem de aprender o que deve levar a sério e o que não deve ao lidar com a fama na internet. Nem sempre há comentários ótimos. Também há algum ódio. É preciso encarar essas coisas de modo saudável.

A Polônia, seu país, está abrigando milhares de refugiados da Ucrânia. Como vê o conflito? Ninguém realmente acreditava nessa guerra. Tenho muitos amigos ucranianos. É difícil. Como cantor, tenho esperança no papel transformador das artes para construir novas pontes entre as pessoas.

Os contratenores surgiram no século XVII, quando a presença de cantoras em eventos religiosos foi proibida pela Contrarreforma, fazendo com que o canto alto do coral coubesse a meninos que dominavam a técnica do falsete. Nos séculos seguintes, eles foram substituídos pelos *castrati*, cantores castrados na infância para evitar alterações hormonais, deixando a voz aguda intacta. Com o fim da prática cruel, os contratenores ressurgiram. A ascensão de Orlinski prova que cantar fininho nunca foi tão pop. ■

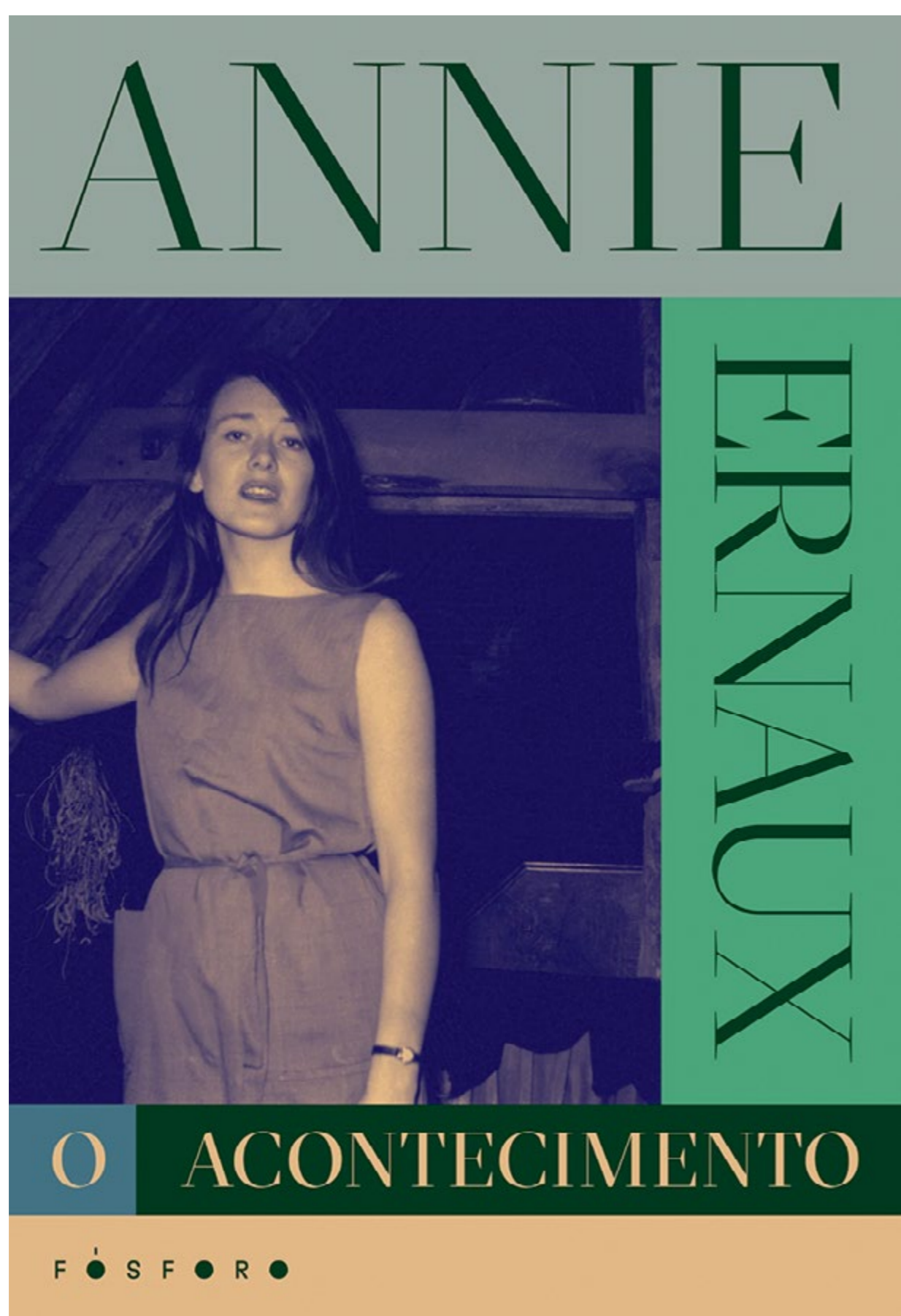
SENHORA DA MEMÓRIA

Na obra *O Acontecimento,* que é um relato pungente do drama do aborto na juventude, a francesa Annie Ernaux faz uma fusão magistral entre autobiografia e ficção **DIEGO BRAGA NORTE**

CURTA E CONTUNDENTE A autora, de 81 anos: narrativa magnética sobre a interrupção da gravidez

ULF ANDERSEN/AURIMAGES/AFP

EM 1963, quando tinha 23 anos e era uma estudante de letras em Rouen, no noroeste da França, Annie Ernaux passou por uma experiência traumática: o aborto. O drama autobiográfico de sua juventude serve de lastro a ***O Acontecimento,*** livro que é daquelas obras insistentemente reduzidas sob o rótulo de "polêmicas". O que consiste, em si, numa polêmica vazia: o tema central é delicado, mas a autora francesa acerta ao não contornar o problema, atacando-o frontalmente. A narrativa é muito mais que um relato sobre um aborto. Em oitenta páginas, Ernaux descreve de forma pungente e magnética o périplo para interromper sua gravidez indesejada em uma viela de Paris, recria a atmosfera repressiva da época e ainda faz uma lúcida reflexão sobre a validade da autoridade do Estado sobre os corpos femininos. É uma façanha pessoal e literária.

Na época, o procedimento não era legalizado na França e a escritora, assim como qualquer pessoa que a ajudasse, poderia ser processada e presa. "E, como de costume, era impossível determinar se o aborto era proibido porque ruim, ou se era ruim porque proibido. Julgava-se de acordo com a lei; não se julgava a lei", diz um trecho da obra. Tão brutal quanto a pena era o estigma carregado pelas mulheres que abortavam. Cumprido o período na cadeia, elas recuperavam a liberdade, mas ostentariam para sempre a marca de "assassinas de bebês".

O medo do estigma talvez tenha motivado Ernaux, hoje aos 81 anos, a esperar quatro décadas para lançar seu livro, publi-

O ACONTECIMENTO,
de Annie Ernaux (tradução de Isadora de Araújo Pontes; Fósforo; 80 páginas; 54,90 reais e 32,90 em e-book)

cado na França em 2000 (a tradução chegou somente agora ao Brasil). Ou não: talvez ela tenha aguardado pacientemente para fazer do distanciamento temporal parte do seu projeto literário. A passagem do tempo é uma das forças motrizes de sua obra memorialista, pioneira do gênero literário denominado autoficção. Nos livros de Ernaux, o ato de rememorar o tempo vivido não é apenas uma lembrança, mas uma reconstituição crítica do passado — ou, na definição da autora, uma "autossociobiografia".

Filha única de trabalhadores de classe baixa, Annie Duchesne (Ernaux é o nome de seu ex-marido, Philippe) sempre se destacou na escola. Sua inteligência e precocidade motivaram seus pais a incentivá-la nos estudos. Formou-se em letras, tornou-se professora e escritora. Ela já tinha três romances publicados, nenhum de grande sucesso, quando lançou *O Lugar* — obra de 1983 que a fez mudar de patamar entre críticos e leitores. Nesse relato, conta a relação conflituosa com seu pai, um homem semianalfabeto que começa

a ver a filha como uma pessoa educada que teria um bom emprego e deixaria a vida que ele sempre quis abandonar, mas nunca conseguiu. Foi nesse livro que a autora, enfim, encontrou a forma e o tom exatos para sua obra: afastou-se da ficção convencional para narrar a própria vida, abolindo propositalmente os limites entre realidade e fantasia.

Em *O Acontecimento,* a francesa conduz seu experimento ao limite, incluindo até explicações metalinguísticas. "Escrevendo, sempre surge a questão da evidência: além do diário e da agenda do período, acho que não disponho de nenhuma certeza a respeito dos sentimentos e pensamentos, devido à imaterialidade e à evanescência daquilo que atravessa a mente", narra. "A única memória verdadeira é material." Assim, deixa transparecer como não só fatos, mas fabulações fazem parte de seu processo criativo.

Somente Ernaux sabe o que é fato e o que é inventado em seus livros. Mas pouco importa: o resultado dessa quimera é magistral. Suas obras têm caráter biográfico e real, mas não abdicam da força da ficção. Na literatura atual, nenhuma autora revela-se tão senhora da própria memória. ■

WALCYR CARRASCO

QUANTO RISO, QUANTA ALEGRIA...

Por que eu não senti tanto alívio
com a queda das máscaras

SEI QUE SOU CHATO. Mas não entendo tanta alegria em tirar a máscara. Como se a determinação de alguns governadores curasse a Covid. Há anos — bota aí uns dezessete — eu me surpreendi, em um voo para o Japão, ao ver uma senhora

de máscara. Imaginei ser portadora de doença grave. Alguém me explicou: “Pode ser que ela esteja gripada e, nesse caso, está usando a máscara para não transmitir aos outros passageiros”. Eu nunca tinha ouvido falar em tal grau de civilidade. Nós aqui, nos trópicos, pensamos muito pouco no próximo. Mais tarde, no próprio Japão, vi muitas pessoas de máscaras na rua. Soube que lá existe uma febre contagiosa (não letal) e as pessoas usam para se proteger. Confesso que na época me pareceu muito estranho. Com a pandemia, nada mais lógico. O uso de máscara tornou-se comum. Sinceridade: as pessoas que me cercam nunca gostaram. Sentiam-se incomodadas. Foi um pouco como na imposição do cinto de segurança. Conheci pessoas que preferiam fazer uma viagem inteira segurando o dito-cujo, para disfarçar para a polícia,

do que prender a barriguinha. Ainda bem que agora, se o cinto não está preso, apita. Já estou cansado de ver gente que bota a máscara com o nariz pra fora. Fica ridículo.

O uso da máscara é associado ao cerceamento de toda e qualquer diversão. Então, não se pode mais ter bloco de Carnaval, não se pode mais fazer festona, isso e aquilo. Eu até concordo. Caindo na real. Há uma pandemia. São essas as únicas diversões possíveis? Ou mudam-se os hábitos ou...

Enquanto vejo comemorações porque a máscara não está mais proibida em muitos estados, fico sabendo de uma nova onda de Covid-19 na China. Na Europa, também. Surgiu uma subvariante. Outra! Já não consigo mais decorar os nomes, são tantas! Mais letal que a ômicron. A queda do uso de máscaras (sempre elas) fez os casos subirem.

Um amigo francês me disse: "Temos de nos acostumar, assim como foi com outros casos de gripe, e no fim ela vira

"A liberação tem a ver com a vontade de ser bonzinho em ano eleitoral. Mais que cuidar da saúde da população"

uma doença normal". Sim, ótimo, sei que isso aconteceu com várias enfermidades letais ao longo da história. Mas nunca ouvi dizer que tenha ocorrido com a peste negra. E as pessoas mais frágeis, idosos ou portadores de doença, vão ficar expostas a esses exércitos sem máscara? Eu já vi gente em viagem internacional tirando a máscara escondido do comissário ou comissária de bordo. Como se fosse um jogo infantil.

Eu penso que a liberação da máscara tem a ver com a vontade de parecer bonzinho em um ano eleitoral. Mais do que de cuidar da saúde da população. Posso estar errado. Mas a gente caiu em número de infecções assim. Não era para usar a máscara em tempo integral?

Há tanta coisa no mundo, tantas possibilidades. Essa festinha de hoje é mesmo fundamental? Eu sei de gente que ficou seriamente comprometida com Covid. Sem falar nas que se foram. Por isso, aquela musiquinha não me sai da cabeça: "...Tanto riso, tanta alegria... Mais de mil palhaços no salão...". ■

LIAM DANIEL/NETFLIX

SÉRIE

BRIDGERTON – SEGUNDA TEMPORADA **(disponível na Netflix)**

Bailes de gala, intrigas familiares e amores avassaladores fizeram da primeira temporada de *Bridgerton* a segunda produção mais vista na história da Netflix, atrás só de *Round 6*. Na nova fase, inspirada em *O Visconde que Me Amava,* segundo livro da série de Julia Quinn, o romance acalorado do Duque de Hastings (Regé-Jean Page) e Daphne (Phoebe Dy-

ROMANCE
Simone Ashley e Jonathan Bailey em *Bridgerton:* a segunda temporada tem nova paixão irresistível

nevor) cede lugar à atração proibida entre Anthony Bridgerton (Jonathan Bailey) e Kate Sharma (Simone Ashley), que negam os próprios sentimentos em nome do dever familiar. Convencido a encontrar a esposa ideal, Anthony corteja Edwina, irmã mais nova de Kate — a qual tenta a todo custo convencê-la de que Anthony nunca dará a ela o amor que merece. A animosidade entre ambos, porém, logo se converte em atração irresistível.

EXPOSIÇÃO

ADRIANA VAREJÃO: SUTURAS, FISSURAS, RUÍNAS **(em cartaz a partir de sábado 26, na Pinacoteca de São Paulo)**

VICENTE DE MELLO

ARREBATADORA
Obra de Adriana Varejão: a maior retrospectiva da artista brasileira

Na paisagem da arte contemporânea brasileira, Adriana Varejão ocupa um lugar inconfundível. A pintora e escultora funde a experimentação conceitual com elementos da história e da cultura do país — notadamente, do imaginário barroco. Com curadoria do alemão Jochen Volz, a mostra é a mais abrangente já dedicada à artista, reunindo mais de sessenta obras. O acervo congrega peças das mais diversas fases de Varejão, de pinturas como *Altar Amarelo* e *O Fundo do Mar*, feitas nos anos 1980, até as arrebatadoras peças tridimensionais da série *Ruínas de Charque*, com seus azulejos entremeados de carne viva. As inéditas *Moedor* e *Ruína 22* foram produzidas para a exibição.

DISCO

JACOB'S LADDER,

de Brad Mehldau (disponível nas plataformas de streaming)

O novo trabalho do pianista americano Brad Mehldau é o resultado da improvável mistura de jazz com rock progressivo — e uma pitada de Brasil. A curiosa e audaciosa receita, contudo, dá liga. Mehldau já veio várias vezes ao país e compôs em português *Vou Correndo Te Encontrar / Racecar*, que soa como se o Clube da Esquina tivesse encontrado o jazz e a música eletrônica. A cereja do bolo é uma versão de *Tom Sawyer*, do Rush, em que as notas do baixo de Geddy Lee ganham novas cores no piano. ■

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 32#] GALERA RECORD

2. **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [3 | 130#] FARO EDITORIAL

3. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [4 | 48#] PARALELA

4. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [2 | 16#] GALERA RECORD

5. **TORTO ARADO**
Itamar Vieira Junior [8 | 60#] TODAVIA

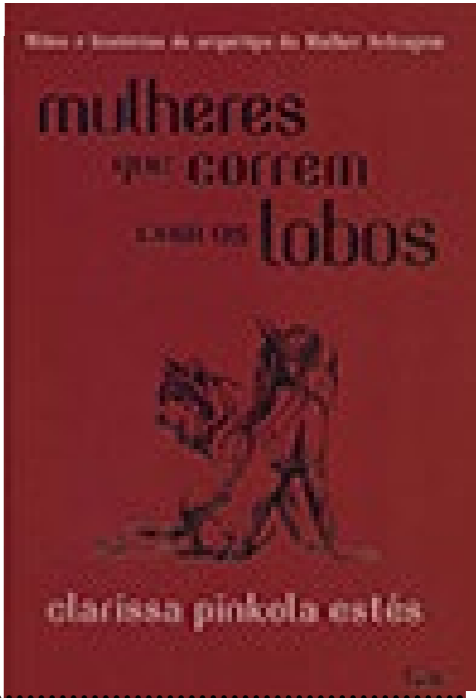
6. **TUDO É RIO**
Carla Madeira [0 | 11#] RECORD

7. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [0 | 177#] VÁRIAS EDITORAS

8. **BOX – GEORGE ORWELL**
George Orwell [7 | 23#] PRINCIPIS

9. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE**
V. E. Schwab [0 | 16#] GALERA RECORD

10. **A BIBLIOTECA DA MEIA NOITE**
Matt Haig [9 | 4#] BERTRAND BRASIL

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [2 | 98#] ROCCO

2 **CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE**
Abel Ferreira [1 | 2] GAROA LIVROS

3 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [3 | 154#] OBJETIVA

4 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [4 | 264#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

5 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [6 | 264#] VÁRIAS EDITORAS

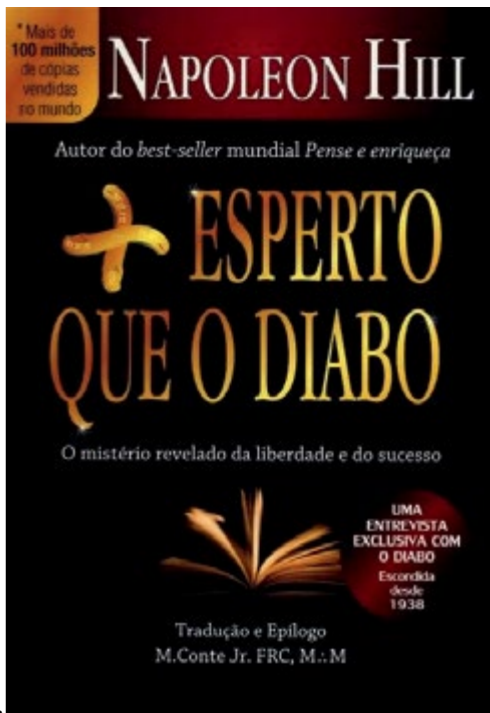
6 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [5 | 60#] DARKSIDE

7 **TODO DIA A MESMA NOITE**
Daniela Arbex [0 | 1] INTRÍNSECA

8 **LULA, VOLUME 1**
Fernando Morais [8 | 15] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [0 | 28#] VÁRIAS EDITORAS

10 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [0 | 20#] ÁTICA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 MAIS ESPERTO QUE O DIABO
Napoleon Hill [1 | 149#] CITADEL

2 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA
George S. Clason [2 | 70#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 DO MIL AO MILHÃO
Thiago Nigro [5 | 158#] HARPERCOLLINS BRASIL

4 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA
T. Harv Eker [4 | 359#] SEXTANTE

5 O PODER DO SUBCONSCIENTE
Joseph Murphy [0 | 1] BEST SELLER

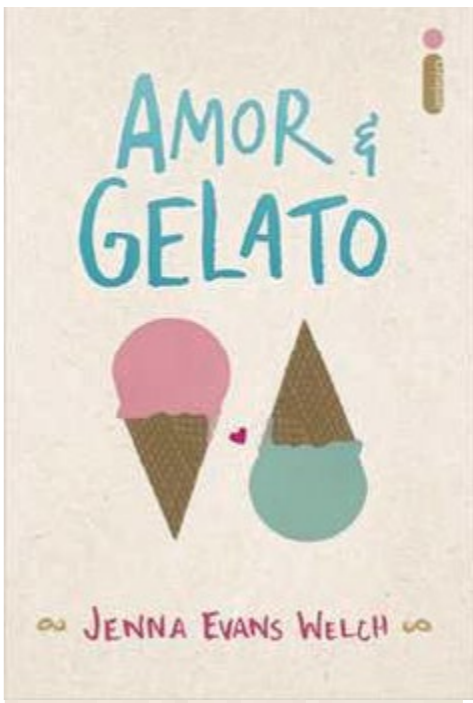
6 2 REGRAS PARA A VIDA
Jordan B. Peterson [8 | 12#] ALTA BOOKS

7 MINDSET
Carol S. Dweck [6 | 108#] OBJETIVA

8 O PODER DO HÁBITO
Charles Duhigg [10 | 265#] OBJETIVA

9 PUXA CONVERSA FAMÍLIA
Paulo Tadeu [0 | 1] MATRIX

10 A CORAGEM DE SER IMPERFEITO
Brené Brown [0 | 62#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1. **AMOR & GELATO**
Jenna Evans Welch [4 | 36#] INTRÍNSECA

2. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [2 | 51#] SEGUINTE

3. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [5 | 107#] ROCCO

4. **MENTIROSOS**
E. Lockhart [3 | 34#] SEGUINTE

5. **OS DOIS MORREM NO FINAL**
Adam Silvera [7 | 9#] INTRÍNSECA

6. **A RAINHA VERMELHA**
Victoria Aveyard [9 | 93#] SEGUINTE

7. **MIL BEIJOS DE GAROTO**
Tillie Cole [10 | 16#] OUTRO PLANETA

8. **NOVEMBRO, 9**
Colleen Hoover [0 | 7#] GALERA RECORD

9. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [0 | 334#] ROCCO

10. **CONECTADAS**
Clara Alves [8 | 13#] SEGUINTE

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, **Manaus**: Leitura, Vozes, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Passo Fundo**: Santos, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul**: Disal, **São José**: Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: Aeromix, A Página, Blooks,CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

DORA KRAMER

PERDAS E GANHOS

PRATICAMENTE firmada a improvável aliança entre Luiz Inácio da Silva e Geraldo Alckmin, fica a pergunta sobre o que ganham esses até outro dia severos adversários ao se juntarem numa chapa para concorrer à Presidência da República. Dúvida pertinente para a qual não há respostas definitivas.

Podemos, no entanto, nos aventurar pelo nem sempre seguro terreno da especulação com base nas trajetórias, força política, representatividade, peso eleitoral e ambições de um e de outro.

Na perspectiva do resultado eleitoral de 2018, Geraldo Alckmin é um perdedor. Chegou com menos de 5% ao primeiro turno do certame presidencial depois de ter sido quatro vezes governador de São Paulo. O passado recente, portanto, não lhe sorri. O presente tampouco se desenha como garantia de êxito futuro.

Figura importante no PSDB, pelo qual concorreu duas vezes a presidente, ele saiu do partido no fim do ano passado vendo seus correligionários praticamente lhe pagarem o táxi de ida. Isso fica agora mais evidente na comparação com o atual esforço de tucanos para manter em suas fileiras o governador do Rio Grande do Sul.

A Eduardo Leite promete-se de tudo, até a perspectiva de um golpe de mão no governador de São Paulo, João Doria, na convenção onde deveria ser confirmada a candidatura vitoriosa nas prévias. Para Alckmin, nada houve além de lamentos formais. Ou seja, se não chegava a ser *non grata* já não era *persona* de liderança gratíssima no partido.

De alguém que foi governador durante tanto tempo esperava-se uma transição partidária a bordo de companhias robustas. Prefeitos, vereadores, deputados, talvez até dirigentes de seccionais em municípios onde, em tese, ainda teria influência. Mas Geraldo Alckmin leva ao PSB poucos aliados. Alguns que por afinidade poderiam acompanhá-lo não o fizeram alegando impossibilidade política de firmar aliança com o PT.

O ex-governador entra na nova casa desprovido de densidade pessoal, numa condição muito próxima à de cristão-novo em terreno muito diferente daquele que frequentou por 33 anos. A fim de reduzir a impressão de fragilidade, o PSB empresta a Alckmin alguma reverência ao lhe oferecer um posto na direção.

O PT, contudo, tem percepção diferente: vê o ex-governador isolado na seara petista como vice de Lula, sem a força do respaldo empresarial de José Alencar e sem o peso partidário de um Michel Temer presidente do MDB e três vezes presidente da Câmara quando entrou na chapa de Dilma Rousseff.

“Lula lucra no cenário local mais importante enquanto reserva a Alckmin papel secundário na cena nacional”

Além disso, os petistas enxergam a aliança como um beco sem saída para o eleitorado, que ficará órfão da terceira via caso se mantenha a dianteira de Lula e Bolsonaro nas pesquisas. “Votarão em quem, uma vez que rejeitam o atual presidente?”, indaga petista de alta patente, ministro nos governos Dilma, duvidando da opção pelo voto nulo dos eleitores de Alckmin eventualmente revoltados com a união, na visão deles, esdrúxula.

O transcorrer da campanha dirá se o ex-governador acrescenta ou subtrai votos do PT, podendo até não fazer uma coisa nem outra. O impacto do chamado “aceno ao centro” já foi reduzido desde o anúncio da aliança até agora, mas não nos parece que tenha sido o foco de Lula repetir a jogada de 2002 com Alencar. Circunstâncias, realidades, finalidades e personagens muito diferentes.

Qual, então, o ganho do petista? Cravar um pino na ferradura do campo adversário seria um. Mas o principal objetivo foi além: conseguiu a retirada da disputa do primeiro

colégio eleitoral do país de um oponente potente. Sem Alckmin, o PT pode almejar com Fernando Haddad a quebra da longeva dinastia tucana, ganho expressivo para quem não tem candidaturas potencialmente vitoriosas nos outros três principais colégios: Minas, Rio e Bahia.

Jogada habilidosa. Com ela, Lula abre espaço até então interditado no mais importante cenário de disputa local. Ganhar São Paulo com a perspectiva de vitória no Brasil significa conquistar uma joia da coroa no segundo orçamento do país, derrubar uma cidadela tucana e fincar bandeira em território por longos anos inimigo.

Para Geraldo Alckmin, qual o benefício? A expectativa de ganhar ingresso ao poder central, chance que lhe foi negada pelo eleitorado. O problema é que faz isso em ambiente hostil, com papel secundário e, se tudo der certo, pela porta lateral do Palácio do Jaburu. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA**